

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estágio Profissional I e II

# **Relatório de Estágio Profissional**

**Ana Patrícia Afonso Rei de Deus**

Lisboa, janeiro de 2013



Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estágio Profissional I e II

# **Relatório de Estágio Profissional**

**Ana Patrícia Afonso Rei de Deus**

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre em  
Educação Pré-Escolar, sob a orientação da Professora Doutora  
Isabel Maria Silva Ruivo

Lisboa, janeiro de 2013





## Escola Superior de Educação João de Deus

### Parecer do(a) Orientador(a)

Nome do(a) orientador(a).....Isabel Maria Silva Ruivo.....

tendo presente o Relatório da Prática de Ensino Supervisionada (Estágio Profissional) desenvolvido pelo(a) licenciado(a).....Ava Patrícia Afonso Rei de Deus.....

realizado no âmbito do Mestrado – 2º Ciclo de Estudos (Formação de Docentes).....em Educação  
PNE - Escolar.....

considero que se trata de um trabalho que reúne as condições necessárias para ser defendido e apresentado.

Nestes termos, solicito ao Conselho Técnico-Científico desta Escola a nomeação de um Júri para apreciação do respetivo Relatório apresentado pelo(a) candidato(a).

Lisboa, 31 de Janeiro de 2013

O(A) Orientador(a)  




## **AGRADECIMENTOS**

Existem muitas pessoas a quem eu gostaria de agradecer, por, de uma forma direta ou indireta, terem contribuído para a realização do Relatório de Estágio Profissional.

Começo por agradecer, ao Professor Doutor António de Deus Ramos Ponces Carvalho, a oportunidade que, me deu de ter tido contacto com diferentes realidades educativas e pela minha formação académica na Escola Superior de Educação João de Deus.

Agradeço à minha orientadora de estágio, a Professora Doutora Isabel Maria Silva Ruivo, por toda a disponibilidade, orientação e, acima de tudo, por todo o apoio, carinho e amizade que demonstrou ao longo deste meu percurso.

Agradeço a todos os professores da Escola Superior de Educação João de Deus, que me auxiliaram quando precisei.

Agradeço a todos os educadores/professores e também a todas as crianças dos Jardins de Infância com quem tive oportunidade de estagiar, por partilharem novas experiências comigo.

Por fim, agradeço aos meus pais, aos meus tios e a todos os meus familiares, amigos e namorado por toda a paciência, compreensão, ajuda e apoio que demonstraram.

Obrigado a todos, por me terem ajudado a tornar este sonho realidade.





## ÍNDICE GERAL

Índice de quadros.....	XII
Índice de figuras .....	XIII

### **INTRODUÇÃO .....**

<b>1</b>
----------

1. Identificação do local de estágio .....	1
2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional .....	2
3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional .....	3
4. Identificação do grupo de estágio .....	3
5. Metodologia utilizada.....	3
6. Pertinência do Estágio Profissional.....	6
7. Cronograma de estágio.....	7

### **CAPÍTULO 1 – Relatos Diários .....**

<b>9</b>
----------

1. <sup>a</sup> Secção – Bibe Amarelo B (3 anos de idade) .....	11
1.1. Caraterização da turma.....	11
1.2. Caraterização do espaço .....	11
1.3. Rotinas.....	12
1.4. Horário da turma .....	13
1.5. Relatos diários .....	14
2. <sup>a</sup> Secção – Bibe Encarnado B (4 anos de idade) .....	42
2.1. Caraterização da turma.....	42
2.2. Caraterização do espaço .....	42
2.3. Rotinas.....	43
2.4. Horário da turma .....	43
2.5. Relatos diários .....	44
3. <sup>a</sup> secção – Semana de contacto com a realidade educativa.....	63
3.1. Caraterização da turma.....	63
3.2. Caraterização do espaço .....	64
3.3. Relatos .....	64
4. <sup>a</sup> secção – Bibe azul B (5 anos de idade) .....	69
4.1. Caraterização da turma.....	69
4.2. Caraterização do espaço .....	69

4.3. Rotinas.....	70
4.4. Horário da turma .....	70
4.5. Relatos diários .....	71
<b>CAPÍTULO 2 – Planificações .....</b>	<b>103</b>
2.1. Descrição do capítulo .....	103
2.2. Fundamentação teórica.....	103
2.3. Planificações em quadro.....	108
2.3.1. Planificação da Área de Conhecimento do Mundo.....	109
2.3.2. Planificação da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita .....	112
2.3.3. Planificação da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática .....	115
<b>CAPÍTULO 3 – Dispositivos de Avaliação.....</b>	<b>119</b>
3.1. Descrição do capítulo .....	119
3.2. Fundamentação teórica.....	119
3.3. Avaliação da atividade da Área de Conhecimento do Mundo .....	123
3.3.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações .....	124
3.3.2. Grelha de avaliação .....	126
3.3.3. Descrição da grelha de avaliação .....	127
3.3.4. Apresentação dos resultados em gráfico.....	127
3.3.5. Análise dos gráficos .....	128
3.4. Avaliação da atividade da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita .....	128
3.4.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações .....	129
3.4.2. Grelha de avaliação .....	131
3.4.3. Descrição da grelha de avaliação .....	132
3.4.4. Apresentação dos resultados em gráfico.....	132
3.4.5. Análise dos gráficos .....	133
3.5. Avaliação da atividade da Área de Expressão e Comunicação, do Domínio da Matemática .....	133
3.5.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações .....	134
3.5.2. Grelha de avaliação.....	136

3.5.3. Descrição da grelha de avaliação .....	136
3.5.4. Apresentação dos resultados em gráfico.....	137
3.5.5. Análise dos gráficos .....	137
<b>REFLEXÃO FINAL .....</b>	<b>139</b>
Considerações finais .....	139
Limitações .....	140
Novas pesquisas.....	140
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>141</b>

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Calendarização do estágio .....	7
Quadro 2 – Horário da turma do bibe amarelo B .....	14
Quadro 3 – Proposta de atividade do grafismo e pintura de imagens .....	21
Quadro 4 – Horário da turma do bibe encarnado B.....	43
Quadro 5 – Horário da turma do bibe azul B .....	71
Quadro 6 – Planificação Modelo T de Unidade de Aprendizagem.....	106
Quadro 7 – Planificação da Área de Conhecimento do Mundo .....	109
Quadro 8 – Planificação da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita .....	112
Quadro 9 – Planificação da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática .....	115
Quadro 10 – Esquema sistemático dos destinatários da avaliação.....	121
Quadro 11 – Proposta de atividade da Área de Conhecimento do Mundo.....	124
Quadro 12 – Parâmetros, critérios e cotações da proposta de atividade de Conhecimento do Mundo.....	125
Quadro 13 – Grelha dos resultados da atividade de Conhecimento do Mundo .....	126
Quadro 14 – Proposta de atividade do Domínio de Linguagem Oral e Abordagem à Escrita .....	129
Quadro 15 – Parâmetros, critérios e cotações da proposta de atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita .....	130
Quadro 16 – Grelha dos resultados da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita .....	131
Quadro 17 – Proposta de atividade do Domínio da Matemática.....	134
Quadro 18 – Parâmetros, critérios e cotações da atividade do Domínio da Matemática .....	135
Quadro 19 – Grelha dos resultados da atividade do Domínio da Matemática .....	136

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Jardim-Escola João de Deus.....	1
Figura 2 – Sala do bibe amarelo B .....	11
Figura 3 – Mesas da sala do bibe amarelo B .....	12
Figura 4 – Espaços da sala do bibe amarelo B .....	12
Figura 5 – 1.º Dom de Froebel .....	15
Figura 6 – Blocos Lógicos.....	19
Figura 7 – Senhor retângulo .....	23
Figura 8 – Exemplar de dois cartões representados com o atributo tamanho .....	28
Figura 9 – Peça de teatro <i>Canela, ovos e verdade</i> .....	29
Figura 10 – Dramatização do dia de Halloween.....	31
Figura 11 – Prendas de Natal.....	40
Figura 12 – Sala do bibe encarnado B.....	43
Figura 13 – 3.º Dom de Froebel .....	45
Figura 14 – 4.º Dom de Froebel .....	50
Figura 15 – Dramatização da história <i>Todos no sofá</i> .....	51
Figura 16 – Atividade da técnica de sopro .....	52
Figura 17 – Móbile do boneco de neve .....	53
Figura 18 – Calculadores Multibásicos .....	54
Figura 19 – Cuisenaire.....	56
Figura 20 – Bolo <i>Vulcão de chocolate</i> .....	59
Figura 21 – História <i>O porquinho Wiing</i> .....	60
Figura 22 – Puzzle do <i>porquinho Wiing</i> .....	61
Figura 23 – Sala do bibe azul B.....	70
Figura 24 – Cartilha Maternal (lição do /c/) .....	72
Figura 25 – Cartilha Maternal João de Deus .....	72
Figura 26 – Tangram .....	76
Figura 27 – Geoplano .....	79
Figura 28 – Jabuti .....	83
Figura 29 – Calculadoras Papy .....	97
Figura 30 – Inteligência como um conjunto de capacidades, destrezas e habilidades, e seu desenvolvimento .....	107
Figura 31 – Gráfico dos resultados da atividade de Conhecimento do Mundo.....	127

Figura 32 – Gráfico dos resultados da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita .....	132
Figura 33 – Gráfico dos resultados da atividade do Domínio da Matemática .....	137

## INTRODUÇÃO

A realização do Relatório de Estágio Profissional surge no âmbito da Unidade Curricular de Estágio Profissional I e II, sendo um dos elementos de avaliação fundamentais para a atribuição do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar.

O estágio teve início a 27 de setembro de 2011 e terminou a 22 de junho de 2012, decorrendo em três dias da semana, num total de 12 horas semanais. Durante este período estagiei num Jardim-Escola João de Deus de Lisboa, começando pela turma do bibe amarelo B (3 anos de idade), seguindo-se a turma do bibe encarnado B (4 anos de idade) e, por último, a turma do bibe azul B (5 anos de idade).

### 1. Identificação do local de estágio

O local selecionado pelas professoras da equipa de supervisão pedagógica da Escola Superior de Educação João de Deus (ESEJD), para a execução de Estágio Profissional I e II para todas as alunas da turma de Mestrado em Educação Pré-Escolar, foi um Jardim-Escola João de Deus de Lisboa (Figura 1).

Este Jardim-Escola é uma das muitas instituições pertencentes à Associação de Jardins-Escolas João de Deus e, à semelhança de muitas outras escolas desta rede escolar, encontra-se dividida nas valências Creche, Pré-Escolar e 1.º Ciclo de Ensino Básico.

O Jardim-Escola apresenta como espaços, um salão, que funciona como sala para as duas turmas do bibe encarnado (4 anos de idade); várias salas de aula, onde se realizam as principais atividades curriculares das crianças; instalações sanitárias; um gabinete de direção/secretaria; uma cozinha, onde são preparadas as refeições; um refeitório, onde são servidas as refeições aos alunos, por regime de turnos; uma biblioteca escolar; uma sala de informática; um arquivo; uma arrecadação e uma sala de docentes.



Figura 1 – Jardim-Escola João de Deus

## **2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional**

O Relatório de Estágio Profissional requer uma estrutura organizada, clara e concisa.

A estrutura deste relatório inicia-se com os agradecimentos, seguindo-se os três tipos de índice (geral, figuras e quadros), a introdução, que se encontra dividida em sete pontos: identificação do local de estágio, descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional, importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional, identificação do grupo de estágio, metodologia utilizada, pertinência do Estágio Profissional e, por último, o cronograma de estágio e, ainda, três capítulos fundamentais, são eles:

Capítulo 1 – *Relatos diários* – encontra-se dividido em quatro secções: 1.º grupo – Bibe amarelo B (3 anos de idade); 2.º grupo – Bibe encarnado B (4 anos de idade); 3.º grupo – Semana de contacto com a realidade educativa e 4.º grupo – Bibe azul B (5 anos de idade). Em cada uma das secções apresento a caracterização da turma, a caracterização do espaço, as rotinas, os horários e os todos os relatos diários observados durante o estágio, com as respetivas inferências e fundamentações teóricas.

Capítulo 2 – *Planificações* – encontra-se dividido em três pontos: descrição do capítulo, fundamentação teórica e planificação em quadro. Neste capítulo, apresento três planificações de aulas dadas por mim, sendo uma da Área de Conhecimento do Mundo; outra da Área de Expressão e Comunicação, do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e uma da Área de Expressão e Comunicação, do Domínio da Matemática.

Capítulo 3 – *Dispositivos de avaliação* – encontra-se dividido em três pontos: descrição do capítulo, fundamentação teórica e três dispositivos de avaliação referentes às áreas e domínios referidos no capítulo anterior. Em cada um dos dispositivos apresento a descrição de parâmetros, critérios e cotações; a grelha de avaliação; a descrição da grelha de avaliação; a apresentação dos resultados em gráfico e a análise do gráfico.

Posteriormente, apresento a reflexão final, dividida em três pontos: considerações finais, limitações e novas pesquisas.

No fim, encontram-se as referências bibliográficas.



### **3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional**

A elaboração do Relatório de Estágio Profissional é importante em diversos aspetos:

- A conclusão do relatório foi a última avaliação deste curso, tornando assim possível a atribuição da habilitação académica de grau Mestre.

Neste relatório foram registados todos os relatos, inferências e fundamentações, baseados nas observações vivenciadas durante todo o estágio. Deste modo, permitiu-me enriquecer o meu conhecimento e ajudou-me a ser mais crítica e reflexiva. Segundo Jacinto (2003, p.45), “A orientação prática na formação inicial de professores pressupõe a acção reflexiva sobre a prática. Baseia-se nas teorias cognitivas, na teoria crítica e no paradigma interpretativo.”

- No decorrer da execução do relatório, fiz várias pesquisas através de diferentes fontes, que me levou a adquirir mais conhecimentos científicos sobre as opiniões dos autores que referi.
- Este relatório será também uma forma de relembrar alguns dos meus momentos enquanto estagiária.

### **4. Identificação do grupo de estágio**

O meu grupo de estágio foi formado por duas colegas do mestrado em Educação Pré-Escolar. Uma das colegas esteve presente durante todo o percurso do estágio, já a outra colega de grupo esteve presente apenas às sextas-feiras, fazendo os restantes dias noutra Jardim-Escola João de Deus, fora de Lisboa.

O nosso grupo de estágio estabeleceu, desde logo, uma boa relação, criando uma ligação de amizade e companheirismo.

### **5. Metodologia utilizada**

Neste relatório de estágio vai utilizar-se uma metodologia qualitativa, tendo como instrumentos de recolha de dados, a análise documental e a observação.

No que diz respeito a análise documental, tive acesso, por parte das diretoras, ao Projeto Curricular da Escola (PCE), onde se apresenta a caracterização da instituição, o horário de funcionamento, a resenha histórica, os recursos físicos (gestão dos espaços comuns da escola), recursos humanos (pessoal docente, de recurso/apoio, das disciplinas de Complemento Curricular, das disciplinas extra-curriculares, não docente,

discente, pais/encarregados de educação e alunos estagiários) e, por fim, os conselhos escolares (organização nos períodos das férias, relação entre Jardim-Escola e a Comunidade Educativa, contacto com os pais/encarregados de educação e projetos/protocolos/parcerias).

Segundo a circular 17/DSDC/DEPEB/2007, o Projeto Curricular de Estabelecimento/Escola é o “documento que define as estratégias de desenvolvimento do currículo, visando adequá-lo ao contexto de cada estabelecimento/escola ou de Agrupamento e integrado no respetivo Projeto Educativo”. No Projeto Curricular de Estabelecimento/Escola devem estar explícitas: as metas, os princípios, os valores e as estratégias, que variam de escola para escola, pois cada uma tem autonomia para desenvolver projetos, para que os alunos possam alcançar um maior sucesso.

Segundo a circular acima referida, o Projeto Curricular de Grupo/Turma é um “documento que define as estratégias de concretização e de desenvolvimento das orientações curriculares para a educação pré-escolar, e do Projeto Curricular de Estabelecimento/Escola, visando adequá-lo ao contexto de cada grupo/escola”. No Projeto Curricular de Grupo/Turma devem estar explícitos: a caracterização da turma, da sala, as rotinas diárias, os horários. Todos estes documentos estão apresentados mais à frente, em cada uma das turmas.

Ainda relativamente à análise documental, verifiquei alguns dossiers de crianças das diferentes faixas etárias, de modo a inteirar-me dos conteúdos já abordados anteriormente pelas educadoras.

A principal recolha de dados, a que recorri como metodologia para a elaboração deste relatório, foi a observação. Sabemos como é importante observarmos com um determinado objetivo, para melhor refletir nas práticas educativas. Assim,

Segundo Estrela (1986):

Desempenhando a observação um papel fulcral em toda a metodologia experimental, a iniciação à observação constitui naturalmente a primeira e necessária etapa de uma formação científica mais geral, tal como deverá ser a primeira e necessária etapa de uma intervenção pedagógica fundamentada, exigida pela prática quotidiana. (p.29)

Segundo Bell (1997):

É o investigador quem decide o foco de investigação, em vez de permitir que o foco surja por si. Contudo, terá já formulado uma hipótese ou identificado os

objectivos do seu estudo e a importância de observar um determinado aspecto do comportamento ter-se-á revelado óbvia. (p.143)

Durante todos os dias de estágio, observei as aulas dadas pelas educadoras e as que as minhas colegas também deram, tanto as aulas surpresa, como as programadas, as avaliadas pelas educadoras e as aulas pedidas pelas estagiárias, incluindo também simples atividades ou jogos.

Pude observar ainda, a relação das educadoras com a turma, a relação do grupo, os comportamentos das crianças, as brincadeiras durante o recreio, entre outras.

Segundo Hohmann (citado em Brickman e Taylor, 1996, p.198), observar é “uma via para captar, por palavras ... e de forma tão objectiva e detalhada quanto possível, o que a criança faz e diz durante um período específico”.

Quando falamos em observação, estamos a usar um termo muito complexo, isto porque existe uma diversidade muito extensa. Prova disto, é o que cita Estrela (1986, p.30), quando diz que “a palavra observação é utilizada em Pedagogia e Ciências da Educação, e verificamos que existem mais de setenta vocábulos designando conceitos diferentes, semelhantes ou idênticos.” O mesmo autor cita exemplos de observações “sistemática, ocasional, direta, indireta, individual, grupal, participante, participada....”.

No decorrer do estágio, posso afirmar que fiz o tipo de observação participante, pois tive contato com o grupo/turma. Segundo Estrela (1986, p.32), “fala-se de observação participante quando, de algum modo, o observador participa na vida do grupo por ele estudado”.

O observador tem de se encontrar presente, de modo a que possa participar e relatar as observações visualizadas. Por isso, a observação participante surge quando o indivíduo tem contato com o grupo.

Segundo Jacinto (2003, p.130), “...a investigação qualitativa sublinha o carácter de proximidade entre investigador e participantes...” “o envolvimento do investigador na realidade a estudar depende dos objectivos da investigação, aproximando-se neste estudo do observador periférico, conhecedor da perspectiva dos participantes...”.

A observação não deve ser flexível, por diferentes motivos. O participante deve fazer uma seleção da informação, referindo apenas o mais relevante, deve antes da observação, ter estudado os conceitos que vai observar, de modo a dominar o assunto abordado na aula. O participante, ao relatar, deve ser objetivo, descrevendo apenas os aspetos relevantes, como por exemplo, o local, a faixa etária... Deve também ser imparcial, observando e sabendo relatar tanto secções agradáveis como desagradáveis.

Tive também observação direta, pois tive contato direto com o grupo/turma.

Segundo Quivy e Campenhoudt (1992, p.165), “a observação directa é aquela em que o próprio investigador procede directamente à recolha de informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados. Apela directamente ao seu sentido de observação”.

Segundo o mesmo autor (1992, p. 197), “os métodos de observação directa constituem os únicos métodos de investigação social que captam os comportamentos no momento em que eles se produzem”.

Segundo Brickman e Taylor (1996):

As crianças são o objecto da observação ... A melhor forma de apoiar o desenvolvimento das crianças, é centrar a observação nelas. Assim não só adquirimos a informação necessária sobre as crianças, como também obtemos uma boa base para analisar e discutir os efeitos que as nossas ações têm sobre elas. (p.200)

Como estagiária, a metodologia de observação foi fundamental para a realização dos relatos diários. Contudo, esta metodologia continuará a ser fundamental em todo o meu percurso enquanto educadora de infância.

## **6. Pertinência do Estágio Profissional**

Considero os estágios de extrema relevância para a formação profissional, uma vez que nos permitem colocar toda a teoria aprendida em prática.

Segundo Jacinto (2003, p.28), “... os profissionais qualificados nas escolas, possibilitam ao estagiário uma prática pedagógica orientada de qualidade e uma articulação entre a teoria e a prática, dando, assim, continuidade à formação já iniciada pela instituição de formação”.

Canário (citado em Pereira e Galeão, 2003), valoriza muito a importância da articulação entre a formação e o exercício do trabalho em prática pedagógica. Ele baseia-se na ideia de que “o mais importante da formação inicial consiste em aprender a aprender com a experiência”. (p.5)

Considero também que o Estágio de Prática Pedagógica foi importante no meu percurso escolar, mas o Estágio Profissional tem um papel superior, apresentando um nível de exigência mais elevado e uma maior carga horária, sendo este o estágio que mais me aproxima da realidade educativa.

O facto do estágio ser supervisionado pelas professoras da equipa de supervisão pedagógica da ESEJD, que nos avaliam e nos dão um *feedback* dos aspetos positivos e

dos aspetos a melhorar nas nossas aulas, contribui para a construção da nossa autoavaliação, reflexão e das nossas capacidades e limitações.

Segundo MacIntyre, Hagger e Wilkin (citado em Jacinto, 2003, p.28), “...o orientador tem sido considerado como um elemento fulcral no processo de formação do professor estagiário...”. É muito útil termos um orientador, que como o próprio nome indica, nos orienta e nos ajuda na realização deste relatório e também em todos os outros aspectos relacionados com o estágio profissional.

Segundo Pacheco (1995, p.47), “os orientadores tornam-se um factor marcante de socialização do estagiário. Neste meio caminho profissional, o estagiário vive ... sob a influência dos supervisores/orientadores, tendo em vista os aspectos úteis e imediatos que lhe garantem o sucesso académico e profissional”.

Segundo o mesmo (1995, p.47), “... o estagiário (meio professor e meio aluno) situa-se numa situação precária, provisória, dependente dos alunos, que lhe garantem o sucesso, e dos orientadores, que o acompanham e tutelam na entrada para o mundo profissional de professores”.

O Estágio Profissional foi um elemento essencial para a minha formação enquanto futura educadora de infância.

## 7. Cronograma de estágio

Este relatório refere-se ao Estágio Profissional efetuado durante o ano letivo de 2011/2012.

Este estágio foi organizado em quatro momentos distintos divididos pelas três faixas etárias (3, 4 e 5 anos de idade) e pela semana de contacto com a realidade educativa, conforme apresenta no Quadro 1.

Quadro 1 – Calendarização do estágio

<b>Momentos de estágio</b>	1. <sup>a</sup> secção – Bibe amarelo B (3 anos de idade)	2. <sup>a</sup> secção – Bibe encarnado B (4 anos de idade)	3. <sup>a</sup> secção – Semana de contacto com a realidade educativa	4. <sup>a</sup> secção – Bibe azul B (5 anos de idade)
<b>Período de estágio</b>	27/09/2011 a 16/12/2011	02/01/2012 a 23/03/2012	27/02/2012 a 02/03/2012	10/04/2012 a 22/06/2012



## **CAPÍTULO 1 – Relatos Diários**

Este capítulo encontra-se dividido em 4 secções, de acordo com os bibes onde executei o estágio profissional.

A 1.<sup>a</sup> secção diz respeito à turma do bibe amarelo B (3 anos de idade), a 2.<sup>a</sup> secção à turma do bibe encarnado B (4 anos de idade), a 3.<sup>a</sup> secção diz respeito à semana de contacto com a realidade educativa e a 4.<sup>a</sup> secção à turma do bibe azul B (5 anos de idade).

Em cada uma destas secções apresento a caracterização da turma, a caracterização do espaço, as rotinas, os horários e os relatos diários, com as respetivas inferências e fundamentações teóricas.

### **Enquadramento teórico da Educação Pré-Escolar**

O artigo 2.º, do capítulo II, do decreto-lei n.º 5/1997, 10 de fevereiro (Lei Quadro da Educação Pré-Escolar), define a Educação Pré-Escolar como,

A primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da acção educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário. (p. 670)

O ensino em Educação Pré-Escolar é facultativo, isto é, não é obrigatório as crianças ingressarem pelo Jardim-Escola. Existe uma grande discordância acerca deste assunto, há quem defenda que as crianças devem permanecer o mais tempo possível com as famílias e há quem defenda o contrário, as crianças que desde pequenas entram no mundo do ensino, lidando com outras crianças, tornam-se mais autónomas, a sua capacidade de raciocínio torna-se mais desenvolvida, adquirem mais conhecimentos e ingressam para o 1.º ciclo com uma maior capacidade de aprendizagem.

A Educação Pré-Escolar tende a cumprir com objetivos gerais pedagógicos, sendo estes, de acordo com o capítulo IV, artigo 10.º, do decreto-lei 5/1997, 10 de fevereiro (Lei Quadro da Educação Pré-Escolar):

- a) Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática numa perspectiva de educação para a cidadania;
- b) Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência do seu papel como membro da sociedade;
- c) Contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso da aprendizagem;

- d) Estimular o desenvolvimento global de cada criança, no respeito pelas suas características individuais, incutindo comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diversificadas;
- e) Desenvolver a expressão e a comunicação através da utilização de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo;
- f) Despertar a curiosidade e o pensamento crítico;
- g) Proporcionar a cada criança condições de bem-estar e de segurança, designadamente no âmbito da saúde individual e colectiva;
- h) Proceder à despistagem de inadaptações, deficiências e precocidades, promovendo a melhor orientação e encaminhamento da criança;
- i) Incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efectiva colaboração com a comunidade. (pp. 671-672)

Segundo o anexo n.º 1, do capítulo II, do ponto 1, do decreto-lei n.º 241/2001, 30 de agosto (Perfil Específico do desempenho da Educador de Infância), “Na educação pré-escolar, o educador de infância concebe e desenvolve o respectivo currículo, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das actividades e projectos curriculares, com vista à construção de aprendizagens integradas.”

O currículo é elaborado diariamente pelo educador de infância, tendo este um papel fulcral no ensino. Os educadores de infância devem ter como preocupação as inquietações, emoções e pensamentos dos seus educandos. Este deve estar preparado para trabalhar com qualquer tipo de criança, adequando as actividades de acordo com o conhecimento que adquire das crianças/grupo. O educador é considerado pelas crianças como um modelo, tem de ter muita atenção, pois tudo o que faça vai refletir-se no desenvolvimento pessoal e social da criança.

O educador organiza, planifica, avalia, executa actividades/projetos, de modo a cumprir com o currículo.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar estipulam as Áreas e os Domínios que são trabalhados pelas crianças na Educação Pré-Escolar e que são estas:

- Área de Formação Pessoal e Social;
- Área de Expressão e Comunicação, distingue-se pelo
  - Domínio das Expressões Motora, Dramática, Plástica e Musical,
  - Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita,
  - Domínio da Matemática;
- Área do Conhecimento do Mundo.



De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009, p. 47), “Área é um termo habitual na educação pré-escolar para designar formas de pensar e organizar a intervenção do educador e as experiências proporcionadas às crianças.”

As Áreas e Domínios que se encontram nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ajudam o educador a colocar em prática, o processo educativo a desenvolver com as crianças.

### **1.ª Secção – Bibe Amarelo B (3 anos de idade)**

Este momento de estágio na turma do bibe amarelo B (3 anos de idade), teve início no dia 27 de setembro de 2011 e terminou a 16 de dezembro do mesmo ano.

#### **1.1. Caracterização da turma**

De acordo com as informações fornecidas pela educadora da sala, a turma do bibe amarelo B é constituída por 28 crianças, sendo 10 do sexo feminino e 18 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 2 e os 3 anos de idade.

Na sua maioria, as crianças frequentaram a creche João de Deus antes de ingressarem no bibe amarelo, à excepção de três crianças que não frequentaram a creche e uma outra, que esteve com uma ama.

A nível de autonomia o grupo não demonstra quaisquer dificuldades.

A turma demonstra interesse em ouvir, criar e contar histórias, aceitam muito bem as atividades em grupo/equipa, trabalham/brincam em harmonia e começam a compreender e a demonstrar a partilha com o seu par.

#### **1.2. Caracterização do espaço**

A sala de aula do bibe amarelo B, dispõe de um bom espaço e de uma boa iluminação natural, como é possível observar na Figura 2.



Figura 2 – Sala do bibe amarelo B

A sala é composta por 3 mesas, sendo denominadas de acordo com a educadora por uma característica própria. Temos assim a mesa caju, a mesa redonda e a mesa esquisita (Figura 3). A sala tem ainda um espaço constituído por 4 sofás colocados em U.



Figura 3 – Mesas da sala do bibe amarelo B

A sala apresenta 3 armários com materiais, brinquedos e trabalhos das crianças. Apresenta ainda 3 espaços distintos, denominados “O cantinho da leitura”, “A cozinha” e “A garagem” (figura 4). A sala dispõe de um aquecedor, de painéis para colocar os trabalhos e de um cavalete/quadro para realizar atividades.

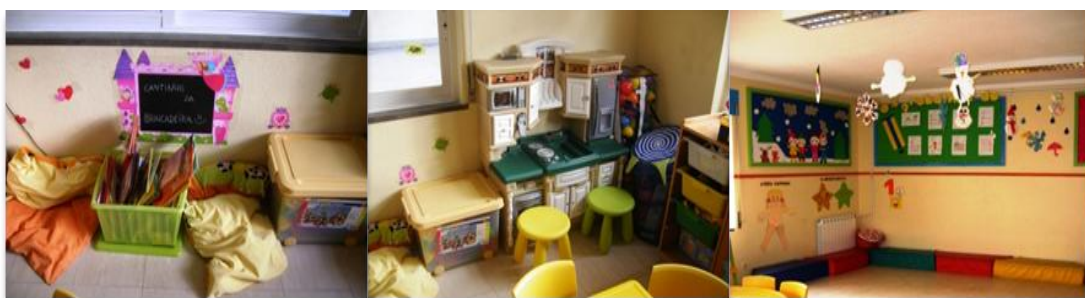


Figura 4 – Espaços da sala do bibe amarelo B

### 1.3. Rotinas

A rotina diária da turma do bibe amarelo B começa com o **acolhimento no salão** do Jardim-Escola. Juntamente com as outras crianças das turmas do pré-escolar, cantam e gesticulam várias **canções infantis em roda**. As crianças das turmas do bibe amarelo são as que ficam no interior da roda.

Às 9h30 as crianças formam um comboio e vão a cantar até à casa de banho, onde fazem a primeira **higiene pessoal** da manhã. Repetem-na antes das refeições, após o **recreio** e antes/após a sesta.

Hohmann e Weikart (2009), referem-se ao tempo de recreio como sendo um período de tempo:

destinado à brincadeira física, vigorosa, barulhenta ... sem a limitação de quatro paredes, muitas crianças sentem-se à vontade para se movimentar ... o tempo no exterior permite às crianças brincarem juntas, inventar os seus próprios jogos e regras e familiarizarem-se com os ambientes naturais. (p.231)

Logo de seguida dirigem-se até à sala de aula para começarem a realizar as atividades propostas pela educadora. Às segundas-feiras a educadora tem por hábito iniciar a aula questionando, individualmente, cada criança quanto ao seu fim-de-semana. Cada dia há uma criança que vai colocar, no calendário, uma imagem relacionada com o estado climatérico do dia, colocando, conforme lhe parece, nuvens, gotas de chuva ou de sol.

Das 10h30 até às 11h as crianças vão para o recreio, onde brincam e tomam o **suplemento alimentar**.

Das 12h até às 13h decorre o **almoço**.

Após o almoço, dirigem-se novamente para a sala de aula para dormirem a **sesta** até às 14h30.

Segundo o mesmo autor em cima referido, “as refeições são períodos para as crianças ... apreciarem comida saudável num contexto social apoiante.”

Quando acordam, vestem-se e calçam-se sozinhas e continuam a realizar atividades propostas pela educadora.

Às 16h **lancham** e o dia termina quando algum familiar os vem buscar à escola.

#### **1.4. Horário da turma**

No Quadro 2 apresento o horário da turma do bibe amarelo B.

Quadro 2 – Horário da turma do bibe amarelo B

	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
9 h	Acolhimento e canções no salão				
1.º tempo da manhã	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Ginástica (9h30/10h30)	Iniciação à Matemática/ Cerâmica**	Iniciação à Matemática
	Educação Musical (10h20/10h50)	Estimulação à leitura/ Desenvolvimento verbal		Estimulação à leitura/ Desenvolvimento verbal	Estimulação à leitura/ Desenvolvimento verbal
10h30	Suplemento Alimentar – Recreio/Cantinhos (10h30/11h)				
2.º tempo da manhã	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática/ Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Informática/ Biblioteca
12h	Almoço e higiene				
13h	Sesta				
1.º tempo da tarde	Realização de propostas de trabalho*/ Jogos	Realização de propostas de trabalho*/ Plasticina e jogos	Realização de propostas de trabalho*/ Cantinhos	Realização de propostas de trabalho*/ Entrelaçamentos e enfiamentos	Realização de propostas de trabalho*/ Plasticina e jogos
16h	Lanche/Saída				
Atendimento aos encarregados de educação – 4.ª feira das 9h30 às 10h30					
*As propostas de trabalho visam: trabalhar diversas expressões plásticas, exercitar a grafomotricidade, desenvolver o raciocínio lógico-matemático e consolidar temas da Área de Conhecimento do Mundo.					
**Aula que decorre de 3 em 3 semanas.					

## 1.5. Relatos diários

### 27 de setembro de 2011

A educadora iniciou a aula mostrando e espalhando pelo chão algumas caixas, todas com características diferentes (materiais, formas e cores). Ouvindo as características das caixas ditas pela educadora, as crianças tinham de observar, pensar e selecionar a caixa correspondente.

Aproveitando a caixa de madeira, composta pelo material 1.º Dom de Froebel (Figura 5), a educadora passou à atividade seguinte. Começou por retirar do interior da caixa a bola amarela e por questionar uma criança, quanto à cor da bola. Efetuou o mesmo procedimento com as restantes bolas. De seguida, a educadora trabalhou exercícios de estruturação espacial e de lateralização com toda a turma.



Figura 5 – 1.º Dom de Froebel

Depois do recreio, a educadora colou no quadro a imagem do desenho de um menino e de uma menina nus. A partir da imagem, a educadora dialogou com a turma sobre as partes que constituem o corpo humano, referindo as diferenças e semelhanças encontradas em ambos os sexos. Seguidamente, todos de pé, cantaram e gesticularam a canção *Cabeça, ombros, joelhos e pés*.

No final da manhã, a educadora desenhou num cartaz o contorno do corpo de uma criança em tamanho real. Toda a turma pintou com tintas uma parte do corpo.

### **Inferências e fundamentações**

O 1.º Dom, inventado por Friedrich Froebel, é composto por uma caixa de madeira, que contem, no seu interior, seis pequenas bolas, com as seguintes cores: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta.

Para Caldeira (2009b), uma das primeiras atividades a fazer com este material, foi aquela que foi realizada pela educadora, mostrando e explorando diferentes caixas. Assim, segundo a mesma autora, este tipo de atividade tem como objetivo “que a criança descubra diferentes noções como: transparente/opaco, semelhante/diferente ...”(p.244)

A educadora, ao trabalhar exercícios de orientação espacial e de lateralização, desenvolveu novos conceitos, como baixo, cima, direita, esquerda, dentro, fora.

De acordo com Spodek (2010, p.334), “É importante que as crianças pequenas aprendam não apenas conteúdos matemáticos, mas que se envolvam nos processos matemáticos: ... comunicando as suas ideias e resultados.”

A educadora ao trabalhar com este material, fê-lo de uma forma divertida e lúdica. Começou por explorar o imaginário e a criatividade das crianças, questionando-as sobre o que estaria dentro da caixa de madeira. De seguida, foi apresentando uma bola de cada vez, atribuindo-lhes características especiais (Ex. A bola vermelha era o senhor constipado. A bola azul era o senhor simpático).

### **30 de setembro de 2011**

Na manhã deste dia, as duas turmas do bibe amarelo juntaram-se no refeitório do Jardim-Escola, para fazer biscoitos. As educadoras leram a receita, mostraram os ingredientes e o material necessário. Depois de feita a massa pelas educadoras, esta foi repartida pelas crianças, para cada uma moldar o corpo humano.

Terminado o recreio, li para a turma a história do conto popular *O capuchinho vermelho*. No decorrer da história, fui mostrando as imagens e apelando à participação da turma para falarem de algumas situações presentes no conto.

Por fim, realizei com a turma o *Jogo das cadeiras*.

### **Inferências e fundamentações**

Na aula passada, propus à educadora criar atividades, com o objetivo de começar a criar um elo de ligação com a turma. A educadora achou boa ideia e, por isso, neste dia, pedi para fazer a leitura de uma história.

Thorndike, (citado em Hohmann e Weikart, 2009, p.546), afirma que, depois de observar hábitos de leitura de quinze países, descobriu que “as crianças a quem são lidas histórias de tenra idade são aquelas que se tornarão mais capazes na leitura.”

De acordo com os autores acima mencionados, considero que, além da tentativa de interação com as crianças no decorrer da atividade, também desenvolvi o gosto pela leitura. No entanto, em minha opinião, acho que ainda tenho aspetos a melhorar, como fazer mais inflexões de voz, melhorar a postura e apelar ainda mais à participação e motivação das crianças.

**03 de outubro de 2011**

Este dia teve início, como habitualmente, com o acolhimento das crianças no salão do Jardim-Escola. A educadora da turma do bibe amarelo B, solicitou aos seus alunos para escolherem uma música, ao qual, estes escolheram *Cowboy*.

*Cowboy*

Quando monto o meu cavalo jogo um laço Yahu!  
Jogo um laço e vai direito ao coração,  
Sou cowboy e também gosto de um abraço Yahu!  
Mãos ao ar, já não vale dizer que não,  
Oh de léri, léri, léri, léri, léri, Yahu!  
Oh de léri, léri, léri, léri, Yahu!  
Oh de léri, léri, léri, léri, Yahu!  
Mãos ao ar, já não vale dizer que não.

Sou Cowboy e capataz de uma fazenda Yahu!  
Nas horas vagas também toco violão  
Sou cowboy e também gosto de um abraço Yahu!  
Mãos ao ar, já não vale dizer que não  
Oh de léri, léri, léri, léri, léri, Yahu!  
Oh de léri, léri, léri, léri, Yahu!  
Oh de léri, léri, léri, léri, Yahu!  
Mãos ao ar, já não vale dizer que não.

Enquanto cantavam, sempre que era para pronunciar a palavra “cowboy”, ouvia-se um dos elementos da turma a dizer comboio.

As atividades desta manhã tiveram início com um jogo, através do qual a educadora trabalhou com material não estruturado as figuras geométricas. O material constava de 6 vasos, 3 sólidos geométricos (bases com a forma de quadro, retângulo, círculo) feitos de esferovite representando canteiros com 12 flores, todas de diferentes cores. A educadora efetuou com a turma alguns exercícios, explorando as cores, formas das bases, contagens e ainda situações problemáticas de adição e de subtração. No decorrer das várias situações a, educadora fez interdisciplinaridade com a Área de Conhecimento do Mundo, falando na profissão de jardineiro e nalguns materiais utilizados pelo mesmo (regador, mangueira, canteiros, vasos...).

Na aula de Expressão Musical, o professor, à medida que ia contando uma história (letra da canção *O coelho Alberto*), ia desenhando as ações praticadas no quadro com giz. No final, cantaram em conjunto essa mesma canção.

Após o recreio e de regresso à sala de aula, a educadora leu para a turma a história *Todos no sofá*, da autoria de *Luísa Ducla Soares* e de *Pedro Leitão*. Após a leitura, a educadora solicitou a participação da turma para a dramatização da história, tendo cada criança de representar uma das personagens.

### **Inferências e fundamentações**

A meu ver, a criança que trocou a palavra cowboy por comboio, estava a cantar sem ter em conta a letra da música, uma vez que esta, associada ao comboio, não tem o menor sentido. Gordon (2000, p.123) refere que “As crianças devem também aprender a ouvir e a executar música com compreensão...”.

A atividade que o professor de Expressão Musical utilizou durante a sua aula, de certo modo, está relacionada com a situação referida acima. O professor contou a história com grande entusiasmo, cativando bastante o olhar atento de toda a turma e ao fazer desenhos alusivos à mesma, ajudou na compreensão da mensagem escrita. Segundo Brickman e Taylor (1996), as experiências de música devem ocorrer em várias partes da rotina dos jardins de infância:

Actividade de iniciativa do adulto e da criança – um adulto canta uma canção que conta uma história e utiliza um flanelógrafo e figuras de feltro com as personagens da história. A história é cantada com a música da canção. (p.109)

Na minha opinião, este género de atividades permitem aos alunos que, ao cantarem consigam compreender e interpretar o que a poesia lhes transmite, não se limitando apenas à imitação/repetição.

### **4 de outubro de 2011**

Ao início da manhã, a educadora utilizou o material Blocos Lógicos (Figura 6) para trabalhar com as crianças, explorando os atributos cor, tamanho, forma e espessura. Seguidamente, distribuiu a cada criança uma linha de fronteira, pedindo para que todos, em conjunto, repetissem o nome do material. Depois de explicar a sua funcionalidade, executou com a turma alguns exercícios de conjuntos.





Figura 6 – Blocos Lógicos

Antes do recreio, a educadora fez com a turma um jogo, desenvolvendo o sentido do tato das crianças. Formada uma roda, a educadora selecionava duas crianças, uma que ficava na sala, com os olhos vendados e a outra que saía sem a primeira ver. Quando esta entrava na sala a criança de olhos vendados, através das mãos e das características do colega (cabelo, roupa, ganchos...), tinha de adivinhar o seu nome. Depois realizou-se o mesmo jogo, mas com a descoberta de objetos.

Já depois do recreio, a educadora leu para a turma a história *A galinha ruiva* da autoria de *Leo Timmers*. Após a leitura, a educadora apelou à participação das crianças para a dramatização da história.

### **Inferências e fundamentações**

Os Blocos Lógicos são constituídos por pequenas peças geométricas, criadas por Zoltan Paul Dienes, e apresentam, como objetivos gerais, estimular a lógica e o raciocínio abstrato. É um jogo que contém 48 peças divididas nas cores amarela, azul e vermelha, apresenta ainda quatro formas (circular, triangular, quadrangular e retangular), dois tamanhos (grande e pequeno) e também duas espessuras (fino e grosso).

Segundo Antunes (2003, pp. 108-109), ao trabalhar com este material podemos utilizar diferentes atividades “1. Promover o reconhecimento do material ... 2. Estimular a classificação das peças ... 3. Estimular a composição e a decomposição das peças ... 4. Estimula comparações simultâneas...”.

O mesmo autor acrescenta que “Estas sugestões, evidentemente, não constituem a única forma de utilização dos Blocos Lógicos. Sua diversidade de cor, espessura, tamanho e formas abriga inúmeros outros meios para estímulos necessários para a conceituação, as medidas, as operações e principalmente os raciocínios lógicos.”

No decorrer dos exercícios, a educadora fez algumas comparações entre conjuntos, questionando quais os que tinham mais e menos quantidades de elementos. As respostas imediatas e mais ouvidas foram “eu tenho muitas peças azuis” ou “eu tenho poucas”. Contudo, alguns elementos da turma expressaram mesmo as comparações entre os conjuntos dos colegas, afirmando “eu tenho mais ou menos uma peça do que ele”.

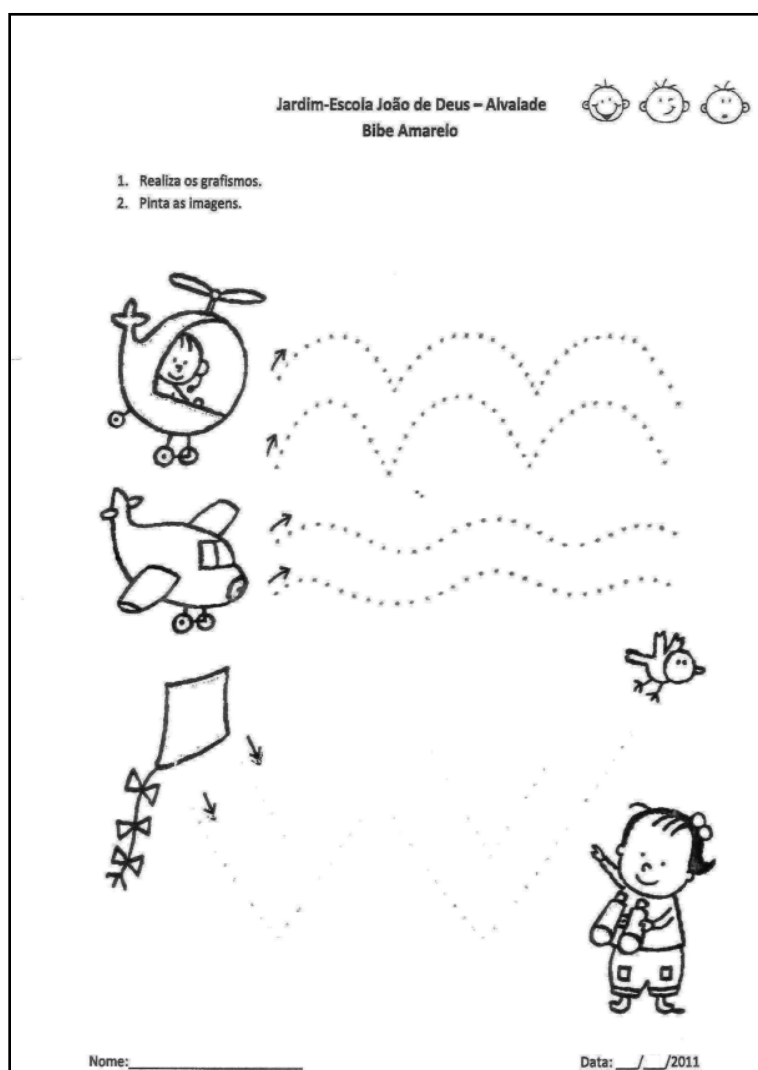
### **7 de outubro de 2011**

Neste dia, a educadora iniciou a aula mostrando o molde de um esqueleto humano. Dialogou com a turma sobre a função da nossa pele e a importância de alguns órgãos do nosso corpo. Ao falar da pele, mostrou os pelos do braço e puxou-os, pedindo para que todos repetissem a mesma ação nos seus próprios braços.

De seguida, mostrou o molde de um coração, dialogando também com a turma sobre a sua funcionalidade e importância. Pronunciou e indicou a localização das artérias e das veias, referindo que esta informação era apenas curiosidade, pois o tema será abordado e trabalhado anos mais tarde. Posteriormente, a educadora selecionou uma criança para realizar um exercício, demonstrando o acelerar e abrandar do coração. A criança inicialmente estava calma e tranquila e, após correr alguns segundos pela sala de aula, demonstrava-se cansada e ofegante.

Por fim, a educadora terminou a manhã distribuindo a cada criança uma proposta de atividade (Quadro 3), que consistia em realizar um grafismo, passando com o lápis preto por um tracejado e na pintura das imagens.

Quadro 3 – Proposta de atividade do grafismo e pintura de imagens



### Inferências e fundamentações

A proposta de atividade realizada pela educadora de infância, tinha como objetivo o desenvolvimento da motricidade fina das crianças.

A motricidade fina é uma habilidade motora, que diz respeito à destreza das mãos.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, (2009, p.59), “o desenvolvimento da motricidade fina insere-se no quotidiano do jardim de infância, onde as crianças aprendem a manipular diversos objectos ... utilizando as mãos.”

Durante a atividade, observei o modo como as crianças seguravam o lápis. Pude concluir que algumas já o manuseiam bem, porém, outras ainda apresentam algumas dificuldades. A educadora ajudou estas crianças.

Este tipo de atividades, realizadas com crianças de três anos, podem futuramente vir a contribuir para um bom desempenho a nível da escrita, uma vez que estas já se encontram mais familiarizadas com o manusear de um simples lápis.

### **10 de outubro de 2011**

Na manhã deste dia a educadora começou por trabalhar com a turma, usando o material Blocos Lógicos. Após colocar algumas questões sobre os atributos das peças, a educadora introduziu o conceito de triângulo, através de uma canção. Posteriormente, a educadora colocou no quadro uma peça redonda e, por cima desta, uma peça triangular, pedindo para as crianças reproduzirem no lugar o que observavam, referindo que as peças teriam de ter todos os atributos iguais.

Depois do recreio, a educadora mostrou à turma um livro cujas páginas estavam todas em branco, explicando que iriam ser as próprias a contar a história. Com várias imagens espalhadas pelo chão, a educadora foi selecionando algumas crianças para escolherem uma das imagens e as irem colocando no livro. À medida que as imagens iam sendo colocadas, a turma ia falando, trocando ideias, e no fim criaram uma história, a sua história.

### **Inferências e fundamentações**

Achei a atividade de serem as próprias crianças a criarem o livro, muito original e criativa. Hohmann, Banet e Weikart (1984, p.239), referem mesmo que “nos livros ilustrados, chamar a atenção para o facto de não haver palavras para ler e incitar as crianças a contarem as suas próprias histórias” é muito importante.

Assim considero que a educadora conseguiu não só cativar as crianças e ter a participação de todos os elementos da turma, como também apelou e desenvolveu bastante a imaginação e o mundo imaginário das crianças. Segundo Fontes, Botelho e Sacramento (s.d. p.37), “é preciso saber entrar no jogo imaginativo da criança, compreender e aceitar a sua tendência à fabulação e dar-lhe, com as histórias ... todo o alimento de que a sua imaginação precisa”.

Os mesmos autores acima referidos ainda acrescentam: “No livro a imagem ocupa um lugar muito importante ... a linguagem das imagens tem características e possibilidades particulares de percepção, sugestão e expressão ... Ao nível do ensino as virtudes da imagem são cada vez mais exploradas”.

Esta atividade, fora do normal, resultou muito bem. As crianças têm uma imaginação muito fértil, por isso, o resultado da história foi muito engraçado, desde um aluno dar o meu nome à personagem principal, até ao pormenor do cão ter de usar uma trela para não se perder.

### 11 de outubro de 2011

A educadora iniciou a manhã selecionando uma criança para encontrar uma imagem retangular (Figura 7) escondida na sala de aula. Após esta descoberta, a educadora introduziu o conceito de retângulo, através de uma canção cantada por toda a turma.

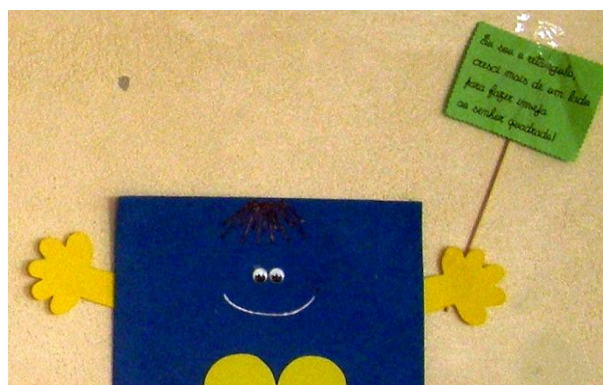


Figura 7 – Senhor retângulo

Posteriormente, a educadora distribuiu, pelas mesas, caixas de Blocos Lógicos e colocou questões alusivas ao mesmo. Numa das questões, a educadora solicitou aos seus alunos para estes lhe apresentarem uma peça verde.

De seguida, efetuou um jogo de equipas, começando por dividir a turma em 3 grupos. Todos os participantes tinham um cartão da cor da sua equipa. O objetivo do jogo era que cada elemento de cada equipa encontrasse, dentro da caixa pirata, a peça ditada pela educadora com as características dos Blocos Lógicos. Para dificultar, a caixa tinha várias bolas coloridas, além das muitas peças dos Blocos Lógicos. Num dos exercícios, a educadora pediu para escolherem uma peça de formato grossa, mas um dos jogadores apresentou-lhe uma peça fina. A educadora, ao observar a peça deste aluno, colocou-lhe algumas questões para perceber o seu raciocínio. Após algum diálogo entre os dois, percebeu-se que a criança aparentava confundir os atributos espessura e tamanho, ao ter afirmado que a peça era grande.

Depois do recreio, a educadora leu para a turma a história *Corre corre, cabacinha*, da autoria de Eva Mejuto e André Letria. Após a leitura, colocou algumas questões de interpretação expostas nas últimas páginas do livro.

Ainda antes da hora de almoço, a educadora ensinou às crianças as regras do jogo *Tocas e coelhos*.

### **Inferências e fundamentações**

A forma como a educadora introduziu o conceito de retângulo foi, a meu ver, bastante atrativa, criando algum suspense no encontro da imagem do senhor retângulo e na aprendizagem de uma nova canção. A canção, ao descrever o retângulo, foi uma boa estratégia de cativar as crianças a aprenderem as características desta figura geométrica.

Na minha opinião, a educadora solicitou a apresentação de uma peça verde dos Blocos Lógicos, para testar a capacidade de raciocínio e atenção de toda a turma. As crianças aparentaram ficar confusas e pensativas, até que um dos elementos da turma, de forma hesitante, respondeu “não existem peças verdes neste material” e por isso mesmo, a meu ver, foi importante a educadora ter dado bastante tempo até obter a resposta. Hohmann, Banet e Weikart (1984, p.261), referem que as educadoras/professoras devem “dar sempre às crianças bastante tempo para responderem às questões”.

A educadora, ao observar o erro do aluno, que confundiu o atributo espessura com tamanho, a meu ver fê-lo da maneira mais correta. Mostrou preocupação em observar e entender as dúvidas do aluno, não se limitando apenas a corrigi-lo e prosseguir com o jogo. Segundo Brickman e Taylor (1996, p.89), “Observar atentamente as crianças é o primeiro passo importante a dar pelos adultos que desejem estimular nelas a aprendizagem de noções pré-matemáticas”.

Para Picard, (citado em Caldeira 2009b):

A classificação mais fácil para a criança é a forma ... a seguir ... a cor. Os dois restantes atributos, tamanho e espessura, só se identificam abstraindo-se da cor e da forma, e dificilmente são referidos espontaneamente, pela criança, tendo que ser, normalmente, estimulados para o fazerem. (p.365)

Segundo o que os autores acima mencionam, esta criança ainda não consegue distinguir a espessura e o tamanho, por isso estes dois atributos devem ser mais vezes trabalhados com esta criança, para que estas dificuldades e erros desapareçam.

## **14 de outubro de 2011**

Na manhã deste dia a educadora iniciou a aula com a explicação de uma atividade. Começou por mostrar o material à turma, duas galinhas diferenciadas pela cor, quatro pratos (representando os ninhos) e uma caixa composta por várias bolas coloridas (representando os ovos). À medida que a educadora ia contando uma história, ia dando indicações às crianças sobre o que pretendia, explorando com o material as cores, os tamanhos, as quantidades, as contagens, mas sobretudo a orientação espaço-temporal.

Após a atividade, a educadora falou com a turma sobre as características gerais da galinha (alimentação, habitação...).

Na segunda parte da manhã, realizei com as crianças uma atividade proposta e preparada por mim. Comecei por ler a história *O ursinho fofo aprende as cores (sn)*. No decorrer da história fui explorando as imagens, colocando questões de interpretação e outras relativas a contagens. Após a leitura, realizei uma atividade com balões com o objetivo de explorar as cores, os tamanhos e quantidades.

## **Inferências**

Na minha opinião, a primeira atividade que a educadora utilizou com a turma, foi uma boa estratégia para desenvolver a orientação espaço-temporal. Apesar dos exercícios parecerem muito simples para a faixa etária em questão, a meu ver são de extrema complexidade para as crianças, uma vez que têm de organizar a informação recebida e, posteriormente, praticá-la.

Nos 3 anos de idade, um dos principais temas a trabalhar são as cores, razão pela qual escolhi este livro. Ao fazer a leitura da história, apercebi-me de que algumas crianças não visualizavam bem as imagens, pela dimensão reduzida do livro, deste modo, devo ter mais em atenção as escolhas dos livros.

## **17 de outubro de 2011**

Na primeira parte da manhã, a educadora distribuiu a cada criança duas imagens de galinhas de diferentes cores e colocou, em cada mesa, taças com bolas também de diferentes cores, representando os ovos. Explorou o material, efetuando exercícios alusivos às cores, quantidades, contagens e orientação espaço-temporal. Ao mesmo tempo, foi colocando questões e relembrando as características gerais da galinha. Num dos exercícios, a educadora questionou uma criança quanto ao número de ovos pertencentes à galinha encarnada, ao qual esta iniciou a contagem: um, dois, quatro, cinco. A educadora corrigiu a

criança, pedindo para fazer novamente a contagem mais pausadamente, tendo esta, desta vez feito a contagem correta.

De seguida tiveram aula de Expressão Musical.

Após o recreio, a educadora apresentou, em *powerpoint*, dois filmes realizados por antigos alunos do Jardim-Escola João de Deus de Coimbra, *O barquinho* e o *Nabo gigante*.

Posteriormente, a educadora fez a apresentação, através de um *powerpoint*, do órgão do sentido da audição, o ouvido, mostrando através de imagens a sua localização e falando sobre a sua importância e funções. Por fim, através de sons, as crianças tinham de identificá-los como agradáveis ou desagradáveis.

### **Inferências e fundamentações**

Na minha opinião, a criança que efetuou a contagem das galinhas incorretamente, fê-lo por falta de atenção/concentração. Uma vez que, inicialmente, apontou as imagens e fez a contagem oral muito rápido e, posteriormente, voltando a repetir o mesmo procedimento, mas de forma mais lenta, já obteve a resposta correta. Segundo Duhalde e Cuberes (1998, p.51), estes tipos de erros “produzem-se pelo fato de dizer a série oral de forma incorreta, seja por dupla contagem ou omissão”.

Sendo este, a meu ver, um caso de desconcentração, achei importante que a educadora tivesse dado uma segunda oportunidade de a criança responder, porque, deste modo, conseguiu chegar por si mesma ao resultado.

### **18 de outubro de 2011**

Na manhã deste dia a educadora recorreu ao uso do material não estruturado palhinhas, efetuando alguns exercícios com a turma. Os exercícios eram alusivos às cores e às quantidades e foram acompanhados por uma história criada pela própria educadora. Depois a educadora selecionava uma criança e esta ia efetuando o exercício no quadro com imagens. Os restantes efetuavam os exercícios no lugar e usavam igualmente as palhinhas.

Após o recreio, a educadora leu uma história de um livro criado pela própria intitulada *A teia de aranha*. No decorrer da leitura, foi pedindo a colaboração da turma para colocarem algumas imagens no livro.

### **Inferências e fundamentações**

A educadora, ao trabalhar com as palhinhas, desenvolveu o sentido do número, estabelecendo relações e comparações entre quantidades e números. As crianças com três



anos de idade ainda não têm capacidade mental de desenvolver exercícios abstratos. Segundo Caldeira (2009b, p. 331), “As primeiras experiências de contagem devem estar associadas a objectos concretos.”

Através destes exercícios com material alternativo, as crianças vão ficando aptas para, gradualmente, adquirirem a capacidade de realizar este tipo de exercícios, sem necessidade de objetos de auxílio.

## **21 de outubro de 2011**

A manhã deste dia teve início com a Área de Conhecimento do Mundo, através da qual a educadora realizou com a turma um jogo, trabalhando em simultâneo as texturas e o sentido do tato. A educadora começou por mostrar às crianças um dado com 6 faces, todas constituídas por diferentes texturas, deixando-as explorá-lo. Após lançado o dado, o objetivo principal do jogo era os participantes, de olhos vendados, adivinharem qual a textura da face respetiva.

O final desta manhã terminou com a distribuição de uma proposta de atividade, cujo tema era desenho e pintura do corpo humano.

## **Inferências e fundamentações**

A educadora trabalhou na proposta de atividade, duas das técnicas de Expressão Plástica mais comuns na Educação Pré-Escolar, a pintura e o desenho, que derivam do fácil acesso que proporcionam. Nesta atividade, os materiais utilizados foram folhas de papel, lápis de carvão e lápis de cor.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009, p. 61), afirmam sobre estes métodos “Não se pode, porém, esquecer que o desenho é uma forma de expressão plástica que não pode ser banalizada, servindo apenas para ocupar o tempo. Depende do educador torná-la uma actividade educativa.” Na minha opinião, a educadora tornou a atividade educativa, dado que, em aulas passadas, já tinha sido trabalhado o tema explorado nesta proposta de atividade, o corpo humano.

## **24 de outubro de 2011**

A educadora iniciou esta manhã com a realização de um jogo chamado *O jogo do olfato*. Utilizando apenas o sentido do olfato, as crianças tinham de adivinhar os cheiros dos diferentes ingredientes que se encontravam dentro de recipientes (frascos, caixas...). As crianças estavam a demonstrar algumas dificuldades em identificar alguns cheiros e a

educadora teve de improvisar uma nova estratégia, dizendo ela mesma os nomes desses ingredientes.

Terminado o recreio e de volta à sala de aula, a educadora tinha preparado para a turma uma atividade do Domínio da Matemática, recorrendo ao material Blocos Lógicos. Esta atividade era composta por vários cartões (Figura 8) com diferentes atributos (cores, comprimentos, espessuras e formas) e consistia em identificar o atributo presente na imagem do cartão selecionado pela educadora e conseguir fazer a correspondência com as peças dos Blocos lógicos.

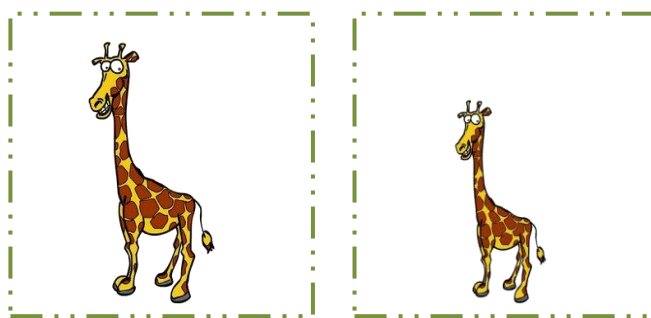


Figura 8 – Exemplo de dois cartões representados com o atributo tamanho

### **Inferências e fundamentações**

A atividade do Domínio da Matemática desenvolveu o raciocínio lógico matemático, que segundo Canals (citado em Caldeira, 2009b, p.364) “inclui as capacidades de identificar, relacionar e operar e fornece as bases necessárias para se poder adquirir os conhecimentos matemáticos”. A educadora fez uma boa escolha das imagens representadas pelos atributos dos Blocos Lógicos, pois existia uma associação lógica entre os atributos e as imagens. (Ex. A girafa é um animal grande, estava a representar o tamanho. O livro pode ser de espessura grossa ou fina, estava a representar o atributo espessura). Segundo Alsina (citado em Caldeira 2009b, p.364) “Os recursos e atividades que pretendem desenvolver competências lógico-matemáticas devem estar relacionadas com situações reais”. A meu ver esta atividade foi bem conseguida, uma vez que as crianças interpretaram o pretendido.

### **25 de outubro de 2011**

Neste dia, todas as turmas do Jardim-Escola João de Deus de Alvalade, da educação Pré-Escolar, foram a uma visita de estudo. Esta visita, consistiu em assistir à

peça *Canela, ovos e verdade – A receita da amizade* (Figura 9), em exibição no teatro Tivoli.

A maioria dos elementos da turma chegou à sala de aula, com uma grande empolgação e vontade de ir assistir à peça de teatro. De uma forma breve, a educadora já havia informado os seus alunos sobre o que esta tratava.



Figura 9 – Peça de teatro *Canela, ovos e verdade*

### **Inferências e fundamentações**

Esta peça infantil destinada ao público mais jovem, abordou de uma forma lúdica e pedagógica, a importância dos afetos e das relações afetivas e a valorização da amizade. De uma forma mais geral, falou também das quatro estações e dos cuidados a ter com a floresta para evitar e prevenir incêndios.

Segundo Aguera (2008, p. 91), “Não há nada mais gratificante para uma criança do que sair com os ... educadores e ir passear. Ela diverte-se, aprende e interioriza vivências que ficarão para o resto da sua vida.”

Na minha opinião, os assuntos dramatizados durante a peça estavam adequados à faixa etária das crianças porém, acho que esta foi demasiado longa, criando no final um grande estado de inquietação e desassossego.

### **28 de outubro de 2011**

Na manhã deste dia assisti a duas aulas-surpresa.

A primeira aula foi da estagiária presente na sala do bibe encarnado B, na Área da Expressão e Comunicação no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. A professora da equipa de supervisão pedagógica que assistiu a esta aula, pediu à estagiária para ler a história de um livro do seu agrado e concluir a sua aula com uma atividade. A

estagiária escolheu o livro *O cuquedo*, da autoria de Clara Cunha. Como atividade, propôs que cada criança desenhasse numa folha com lápis de cor, um dos animais presentes na história.

A segunda aula foi da estagiária presente na sala do bibe azul B, no Domínio da Matemática. A professora da equipa de supervisão, que assistiu a esta aula, pediu à minha colega para trabalhar com o material Calculadores Multibásicos, o tema da divisão. A estagiária propôs a troca do tema, tendo sido alterado para a subtração com empréstimo.

Terminadas todas as aulas surpresa deste dia, reunimo-nos com as professoras da equipa de supervisão da ESEJD, para discutirmos as aulas.

### **Inferências e fundamentações**

Esta foi a primeira aula surpresa a que assisti durante o Mestrado de Educação Pré-Escolar. Acho que a escolha do livro foi ao encontro do interesse e da faixa etária das crianças (4 anos de idade). Segundo Baganha e Costa (1989, p.91), “o primeiro trabalho do educador é o de procurar a(s) história(s) certa(s) para o seu grupo de crianças. O segundo é o de aprender a história. Torná-la sua.”

A colega, inicialmente, encontrava-se um bocado nervosa e receosa. Quando começou a leitura soltou-se mais e, a meu ver, teve uma boa prestação. Fez inflexões de voz, teve uma boa postura e interagiu com a turma algumas vezes. Relativamente à escolha da atividade, acho que podia ter sido uma mais original e apelativa.

A meu ver, a aula foi positiva. Sendo a primeira estagiária a dar uma aula surpresa, creio que conseguiu atingir os objetivos que lhe foram solicitados.

### **31 de outubro de 2011**

Hoje foi dia das Bruxas, dia de Halloween.

A pedido das educadoras, as restantes estagiárias e eu reunimo-nos e pensámos em atividades para realizarmos com as crianças, neste dia especial. A primeira conclusão a que chegámos, foi que éramos muitas estagiárias para desenvolvermos apenas uma única atividade. Então, decidimos dividirmo-nos em dois grupos, fazendo duas atividades diferentes.

O grupo no qual me inseri decidiu desenvolver uma pequena dramatização (Figura 10), recorrendo a material simbolizando objetos do Halloween (aranhas, abóboras, morcegos, entre outros).



Figura 10 – Dramatização do dia de Halloween

O outro grupo decidiu fazer moldagens também com alguns dos símbolos referidos em cima.

A educadora, no final da manhã realizou com a turma, alguns exercícios de relaxamento. Os exercícios consistiram em esticar braços, mexer pernas, imaginar subir e descer umas escadas, colher maçãs das árvores e apanhar flores para levar aos pais. Uma das crianças, no decorrer dos exercícios, esteve constantemente a distrair os colegas e a desrespeitar o solicitado pela educadora. Por isso mesmo, a educadora tomou a atitude de o colocar sentado numa cadeira, simplesmente a observar.

### **Inferências e fundamentações**

Visto o dia de hoje ter sido diferente da rotina habitual, com as atividades efetuadas pelas estagiárias, nomeadamente a dramatização e as moldagens do Dia de Halloween, de um modo geral o comportamento de todos os elementos da turma esteve exaltado, indisciplinado, agitado.

Considero positivo o facto da educadora ter decidido fazer exercícios de relaxamento, de forma a que os alunos acalmassem, antes de irem para o refeitório almoçar.

Segundo Gesell (2000):

Qualquer grupo de crianças de 3 anos tem uma notável tendência para ficar sobre excitado e turbulento, devido, provavelmente, às fortes tensões que caracterizam individualmente as crianças desta idade ... A educadora pode ajudar a acalmar um grupo de crianças, falando-lhes em voz baixinha e levando-as assim a cooperar com ela no restabelecimento ao sossego. (pp. 321-322)

Na minha opinião, o comportamento que a criança teve durante os exercícios de relaxamento foi para chamar a atenção dos presentes na sala, pois este tipo de comportamento acontece com alguma frequência nesta criança. Acho que a atitude da

educadora foi correta, porém deve haver um equilíbrio entre saber repreende-la, mas também saber valorizá-la sempre que necessário, de modo a que esta não se sinta excluída da turma.

#### **4 de novembro de 2011**

Na manhã deste dia, uma das minhas colegas de estágio deu uma aula de preparação para a aula programada, cujo tema foram os legumes.

A colega iniciou a aula pela Área de Conhecimento do Mundo, apresentando um boneco criado pela própria, dizendo que este ia ajudar a preparar uma sopa de legumes. Como materiais para a atividade, tinha uma panela, um cesto com vários legumes reais e um fogão de brincar. À medida que ia apresentando os legumes, referindo as características específicas de cada um, deixou os alunos senti-los e cheirá-los. A estagiária mostrou sempre o exterior e também o interior de cada legume. À medida que os ia apresentando, cortava-os aos bocados para dentro da panela. Por fim, explicou aos alunos que a sopa depois de algum tempo ao lume, estaria pronta para eles a comerem.

No Domínio da Matemática, a estagiária utilizou o mesmo tema acima referido. A estagiária criou um cubo e um paralelepípedo em esferovite, representando duas hortas e também imagens de legumes com tamanhos diferentes. Com este material, efetuou alguns exercícios desenvolvendo as competências matemáticas: lateralização, quantidades, contagens e classificação.

#### **Inferências e fundamentações**

Achei particularmente interessante que a colega tenha deixado as crianças explorar livremente os legumes através dos cinco sentidos. Na minha opinião, trazer vários legumes para a sala de aula e deixar os crianças observá-los, cheirá-los, apalpá-los, prová-los, mostrando o interior e o exterior, foi a forma mais correta de abordar este tema, pois as crianças tiveram contato direto com várias qualidades.

Segundo Hohmann, Banet e Weikart (1984):

Depois das crianças terem explorado um objecto e descoberto as suas características, começam a perceber de que modo as suas diferentes partes funcionam e se ajustam, como é que o objecto «funciona» e qual a sua verdadeira essência, em vez de conhecerem apenas a sua aparência. (178)

Foi importante as crianças explorarem e manipularem os vários legumes sozinhas, mais do que quando a estagiária esteve a falar sobre eles, porém é sempre bom referir algumas curiosidades e informação pertinente, que não esteja à vista das crianças.

### **7 de novembro de 2011**

Na manhã deste dia, a minha outra colega de estágio também deu a sua aula de preparação para a aula programada, cujo tema foram os cereais.

A colega iniciou a aula com a Área de Conhecimento do Mundo, apresentando um fantoche – o senhor padeiro, dizendo que iria assistir à aula e estar atento ao comportamento da turma. Utilizando o fantoche e algumas imagens, a estagiária explicou como se processa o ciclo do pão. Após a explicação, a estagiária espalhou pelo chão as mesmas imagens, com o intuito de serem ordenadas, sequencialmente, pelas crianças.

Após o recreio, a estagiária distribuiu um bocado de massa de pão a cada criança, para que cada uma pudesse explorar e moldar, fazendo o seu próprio pão. À medida que as crianças moldavam a massa, aprendiam uma canção ensinada pela estagiária.

### **8 de novembro de 2011**

Esta foi a manhã em que eu dei a minha aula de preparação para a aula programada, cujo tema foram os frutos.

Ao contrário das minhas duas colegas de estágio, eu iniciei a aula com o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, relembrando algumas regras de comportamento a ter dentro de uma sala de aula. Logo de seguida, apresentei e comecei a leitura de um livro criado por mim mesma, intitulado *O Piquenique da Salada de Frutas*, através do qual introduzi o tema da aula.

Posteriormente, já na Área de Conhecimento do Mundo, propus à turma confeccionarem uma salada de fruta. Coloquei uma toalha no chão e mostrei a *caixa mágica*, de onde começaram a sair diversos frutos. Dialoguei com a turma sobre as principais características dos frutos, mostrando sempre as sementes, a parte exterior e inferior dos mesmos. Todas as crianças tiveram oportunidade de explorar os frutos.

Após o recreio, continuei a minha aula com o Domínio da Matemática. Comecei por perguntar quais as diferenças encontradas nas imagens das três árvores expostas na parede. Aproveitando algumas respostas, fui falando sobre a pereira, macieira e laranjeira.

Como atividade, propus à turma colocarem as imagens dos frutos nas respectivas árvores, efetuando alguns exercícios de adição, subtração, quantidades e contagens.

Antes de irem almoçar, as crianças provaram a salada de fruta que fizeram na sala.

### **Inferências e fundamentações**

Como aspetos positivos, a minha aula continha material, legível e apelativo. Os procedimentos estavam bem estruturados e organizados, criando uma boa sequência até ao final da aula. No Domínio da Matemática fiz interdisciplinaridade com a Área de Conhecimento do Mundo, ao abordar assuntos relacionados com a natureza. Também considero, como aspeto positivo, o facto de ter levado os frutos e de ter realizado várias atividades associadas aos sentidos.

Como aspetos a melhorar devo ter em atenção o tempo que dedico a cada área/domínio, simplificar e ser mais sucinta nas explicações, de modo a fazer uma melhor gestão de tempo. Devo melhorar a minha postura na sala de aula, transparecendo mais confiança e alegria.

Segundo Pedro, E. (1992, p.114) “A aula é por definição um espaço para comunicar. Ela constitui um contexto interaccional. Por essa razão, existem regras para o comportamento na aula.” Acho importante estabelecer as regras de comportamento com a turma logo no início da aula. Contudo, o facto de ter uma voz baixa e monocórdica, acho que seria pertinente para uma próxima aula, ter uma estratégia de comportamento para os momentos de indisciplina.

### **11 de novembro de 2011**

Logo pela manhã e por ser dia de São Martinho, as duas turmas do bibe amarelo juntaram-se no refeitório para confeccionarem um bolo de castanha. As educadoras mostraram sempre os ingredientes e o material necessário.

Posteriormente, as educadoras solicitaram às estagiárias para organizarem uma atividade alusiva ao tema. Nós propusemos fazer uma dramatização com sombras chinesas da lenda de São Martinho e ainda uma atividade, que consistia em elaborar um cartucho de castanhas. As crianças tinham de formar bolas amachucando papel crepe castanho representando as castanhas, para depois serem coladas em cartuchos feitos com papel de jornal.



## **Inferências e fundamentações**

A dramatização da lenda de São Matinho não podia estar mais relacionada com este dia e a forma original e criativa de a representarmos com sombras chinesas, só criou ainda mais suspense e entusiasmo nas crianças.

Segundo Pereira e Lopes (2007, pp. 59-60), “As sombras constituem uma das mais antigas formas de animação e os meios técnicos resumem-se apenas a luz e sombra.”

Ainda segundo o mesmo autor, “as sombras estimulam a fantasia, desenvolvem o conhecimento de um mundo irreal e são representação desse mundo. São um veículo comunicativo, um meio de animação com potencialidades educativas e uma eficiente forma de contar histórias.” Assim, considero que esta atividade proposta pelas educadoras foi superada por nós e desenvolveu competências importantes nas crianças (concentração de atenção, curiosidade, imaginação).

### **14 de novembro de 2011**

Na manhã deste dia, o espaço da sala de aula foi substituído pelo ginásio. As duas turmas do bibe amarelo juntaram-se e estiveram a ensaiar para a festa de Natal. As educadoras estiveram a organizar e a orientar os alunos durante o ensaio. As restantes estagiárias e eu observámos, pela primeira vez, o ensaio e ajudámos no que pudemos.

### **18 de novembro de 2011**

Uma das minhas colegas de estágio lecionou a sua aula programada neste dia, abordando o tema do vestuário.

Iniciou a aula com uma atividade na Área de Conhecimento do Mundo, começando por mostrar à turma imagens com os vários estados do tempo (sol, chuva, trovoadas ...). À medida que mostrava cada imagem, ia questionando as crianças sobre qual o vestuário mais adequado a utilizar, consoante o clima apresentado. De seguida, apresentou dois bonecos, que teriam de ser vestidos de acordo com o clima sugerido pela estagiária.

Na segunda parte da manhã, trabalhou na Área de Expressão e Comunicação, do Domínio da Matemática, com material não estruturado. Com várias imagens de peças de roupa, a estagiária trabalhou a teoria de conjuntos, abordando a noção de conjunto vazio e singular.

Ainda antes da hora de almoço a minha colega de estágio, no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, contou a história dos *Três Porquinhos* sem qualquer tipo de material de apoio. No final, colocou algumas questões alusivas à história.

### **Inferências e fundamentações**

O conto popular dos *Três Porquinhos* é uma história bastante conhecida e contada nos Jardins-Escolas. Esta é uma história já do conhecimento da turma mas, mesmo assim, foi do agrado de todos. É uma história agradável, mas o modo como a estagiária a contou, com gestos, encenações, entoações de voz, também contribuíram para que a turma se mostrasse cativada e motivada.

Todas as histórias possuem uma moral, e esta não foge à exceção. Segundo Aguera (2008, p. 35), “Nas pequenas histórias deve destacar-se a moral, o valor que está implícito, para que as crianças o reconheçam e o interiorizem.” Acho que foi pertinente a estagiária no final da história ter colocado questões, porque de certa forma abordou a moral e os valores implícitos na mesma. Acho também importante que, desde pequenos, as crianças adquiram bons hábitos, valores e costumes de forma a tornarem-se bons cidadãos.

### **21 de novembro de 2011**

A minha outra colega de estágio lecionou a sua aula programada nesta manhã, abordando o tema da saúde oral.

Iniciou a sua manhã, com a Área de Estimulação à Leitura, fazendo a leitura da história de um livro, criado pela própria, intitulada *O amigo dentinho*.

Posteriormente, aproveitando ainda a história, passou para a Área de Conhecimento do Mundo, dialogando com a turma sobre a importância dos dentes. De seguida dramatizou uma ida ao dentista, fazendo ver o que sucede se não tivermos cuidado com a nossa saúde oral. Ainda antes de irem para o recreio, a estagiária ligou o rádio e todos juntos cantaram a canção *O panda vai à escola lavar os dentes*.

De regresso à sala de aula, a minha colega deu início à Área de Expressão e Comunicação, do Domínio da Matemática, trabalhando com material não estruturado. Dividindo a turma em três equipas (escovas de dentes, pasta de dentes e fio dentário), a estagiária trabalhou com várias imagens alusivas aos nomes das equipas, efetuando exercícios de contagens, orientação espaço-temporal e comparações entre cores e tamanhos.

## **Inferências**

A aula da colega estava bem estruturada, tendo um fio condutor entre as três áreas. A colega apresentou um grande à vontade com a turma, tendo um bom relacionamento com todas as crianças. No decorrer de toda a aula teve uma boa postura, fazendo inflexões de voz e conseguindo cativar o interesse de toda a turma.

Na canção, criou uma grande agitação nas crianças, mas a estagiária soube lidar bem com a situação, fazendo com que a calma retornasse à sala de aula.

Acho que a aula da colega foi positiva, e que soube abordar o tema de uma forma original e divertida.

## **22 de novembro de 2011**

Foi neste dia que eu lecionei a minha manhã programada, abordando o tema da higiene pessoal.

Comecei por fazer uma breve revisão sobre a aula passada, visto os dois temas estarem interligados. Introduzi o tema com o Domínio de Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, através da leitura de uma história criada por mim mesma, intitulada *A importância da higiene*. Depois pedi às crianças para refletirem sobre as ações da má higiene praticadas pela personagem da história. Como esta história não tem final, propus à turma que elas mesmas a terminassem com imagens de uma higiene saudável.

Posteriormente, continuei a aula, mas com a Área de Conhecimento do Mundo. Apresentei um *powerpoint* sobre o tema da aula, fiz uma dramatização da *Doutora Paula Dentola*, referindo a importância da higiene e as consequências da falta de higiene. A seguir propus uma atividade, que consistia em retirar da caixa higiênica imagens e colocá-las corretamente de acordo com o conjunto da higiene saudável ou do conjunto da falta de higiene.

Terminei a aula, com o Domínio da Matemática, introduzindo um novo tema meios de transporte, trabalhando com as palhinhas. Com a ajuda de uma história mostrei um cartaz e algumas imagens, através dos quais efetuei contagens e algumas operações de adição e de subtração.

No final da aula, a educadora deu o seu parecer referindo, os aspetos positivos e a melhorar. Num dos aspetos a melhorar, alertou-me para o excesso de texto que tinha o *powerpoint*. Embora achasse bem que mantivesse os títulos, pois é bom que mesmo as crianças que não sabem ler (como é o caso) tenham contacto com as letras/palavras.

## **Inferências e fundamentações**

Acho que foi pertinente ter feito uma breve revisão sobre a aula da minha colega, pois, deste modo, relembrei certos aspetos e fiz um elo de ligação entre uma e outra.

Na minha opinião, o facto de ter feito uma atividade fora do normal no final da história, contribuiu para que interagisse mais com as crianças e pudesse ter a participação de todos os elementos da turma. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009, p. 66), o educador deve salientar a necessidade de “Criar um clima de comunicação em que a linguagem do educador, ou seja, a maneira como fala e se exprime, constitua um modelo para a interação e a aprendizagem das crianças.” A meu ver, a história foi ao encontro dos interesses de todos, uma vez que algumas ações praticadas pela personagem principal era muito cómicas/engraçadas. Acrescento ainda que, também na minha opinião, o ponto mais alto da aula foi a dramatização, uma vez que senti que a turma estava muito empenhada e curiosa em ouvir os assuntos abordados.

Concordei plenamente com o aspeto a melhorar, proferido pela educadora, pois o facto de ter muito texto, também contribui para que as imagens não estivessem tao nítidas como poderiam estar. Para uma próxima vez vou ter este item em consideração.

## **25 de novembro de 2011**

Neste dia tive a minha primeira aula surpresa. A professora da equipa de supervisão, que avaliou a minha aula, pediu-me para trabalhar com as palhinhas, a noção de quantidade. Iniciei a aula começando por distribuir, a cada criança, imagens de dois bonecos e por pedir a duas delas que me ajudassem a distribuir os copos com palhinhas. De seguida, através de uma história, realizei com o material alguns exercícios de contagens.

Seguidamente, foi a vez da minha colega de estágio dar a sua aula surpresa. A professora de supervisão que a avaliou deu-lhe para a mão o livro *O cuquedo*, e máscaras dos animais presentes na história. A estagiária, à medida que ia lendo a história, ia distribuindo as máscaras às crianças para estas a dramatizarem. Para todas as crianças poderem participar, a estagiária leu a história duas vezes.

Por fim, todas as estagiárias e eu reunimo-nos com as professoras da equipa de supervisão da ESEJD, para discutirmos as aulas. A professora que avaliou a minha aula, mencionou que esta não tinha sido bem sucedida.

## **Inferências e fundamentações**

Na minha opinião, os nervos, a ansiedade e o ter confundido o tema quantidades com contagens, foram os principais fatores que contribuíram para que a aula não fosse bem sucedida.

Como aspetos a melhorar devo impor mais disciplina na turma, fazer mais inflexões de voz, sorrir mais, ter uma postura mais correta e efetuar uma maior variedade de exercícios.

Alarcão (1996, p.93), refere que o supervisor “deve ajudar, monitorar, criar condições de sucesso, desenvolver aptidões e capacidades no professor”. De acordo com o que o autor afirma, a meu ver, a professora da equipa de supervisão da ESEJD que me avaliou foi muito prestável ao ter-me sugerido durante a reunião algumas estratégias para melhorar nas próximas aulas.

## **28 de novembro de 2011**

Na manhã deste dia, as professoras da equipa de supervisão voltaram a surpreender-nos com a sua presença no Jardim-Escola. A primeira aula surpresa a que assisti foi a da minha colega de grupo de estágio que, a pedido da professora que a avaliou, fez uma Estimulação à Leitura contando uma história do seu agrado, podendo utilizar fantoches como material de apoio. A colega escolheu a história do conto popular *O capuchinho vermelho*, mas, para grande admiração de todos os presentes na sala, não utilizou nenhum fantoche, recorrendo apenas a inflexões de voz e alguns sons.

A segunda aula surpresa a que assisti foi a da estagiária presente na sala do bibe azul A. A professora de supervisão que assistiu à sua aula, solicitou-lhe que fizesse a dinamização das vogais e da letra /v/ utilizando letras móveis. A estagiária iniciou a sua aula abrindo a Cartilha Maternal João de Deus, presente no cavalete e fazendo uma breve revisão das vogais e dos ditongos. Depois, começando por uma ponta da sala, foi pedindo às crianças para irem dizendo palavras começadas pela letra estipulada pela própria. Por último, escreveu no quadro algumas palavras, solicitando a participação de algumas crianças para escreverem novamente por baixo a palavra com letras móveis.

## **Inferências e fundamentações**

Acho que a colega utilizou uma boa estratégia, ao ter escolhido uma história do conhecimento e do agrado dela e de toda a turma. Na minha opinião, a colega teve uma boa prestação, sentia-se que dominava bem o que ia contando. O facto de também não ser

novidade para as crianças, contribui para que estas pudessem ajudá-la a contar algumas partes da história.

Segundo Hohmann, Banet e Weikart (1984, p.215), “alguns adultos utilizam auxiliares e marionetas, enquanto outros se sentem mais à vontade sem esses auxiliares.” Para mim, os fantoches, ou qualquer outro auxiliar, ajudam-me a ter uma melhor comunicação com a turma, porque ao encarnar a personagem não me sinto tao nervosa, porém, no caso da minha colega tal não foi necessário pois a aula correu muito bem.

### **De 29 de novembro até 13 de dezembro de 2011**

Durante estes 7 dias de estágio, as minhas colegas de estágio e eu cooperámos nos preparativos para a festa de Natal, onde pintámos cenários, participámos na organização dos ensaios, assim como na realização das prendas das crianças para oferecerem aos seus encarregados de educação (Figura 11). Estas consistiam em caixas pintadas de amarelo e com brilhantes, na parte da frente foi colado o resultado da picotagem de uma árvore de Natal com dedadas feitas pelas próprias crianças, juntamente com uma flor e um envelope decorado de rena Rodolfo. Na caixa foram colocados os trabalhos e nos envelopes as avaliações dos alunos.



Figura 11 – Prendas de Natal

### **Inferências e fundamentações**

Estes dias foram de muita agitação no Jardim-Escola, criando muito o estado de ansiedade nas educadoras (E se alguma coisa correr mal? Será que consigo ter tudo organizado e pronto até ao dia?). O facto de as estagiárias puderem participar e ajudar nestas tarefas, contribuiu para aliviar um bocado esse estado.

Aguera (2008, p.73), define as festas e celebrações nos jardins de infância, como “actos extra, nos quais os mais pequenos participam e que são uma prática entusiasmante e

psicopedagógica de grande valor para promover a socialização, a auto estima, a colaboração e a integração das crianças.” Considero que estes acontecimentos são demasiado importantes para o desenvolvimento das crianças, pois estas começam a adquirir algum sentido de responsabilidade e maturidade.

A ideia das prendas de Natal foi bem sucedida, pois além do aspeto visual ter ficado bonito, temos também a mais valia de estas terem utilidade para colocar os trabalhos e as avaliações das crianças.

### **16 de dezembro de 2011**

A educadora iniciou a sua aula com uma atividade na Área de Expressão e Comunicação no Domínio da Matemática, utilizando como material manipulável as palhinhas, trabalhando a quantidade e noção de número. A atividade consistia em as crianças retirarem o número de palhinhas solicitadas pela educadora.

A educadora solicitou a ajuda de duas crianças para a ajudarem a distribuir os copos com as palhinhas pelos colegas.

### **Inferências e fundamentações**

Reys (citado em Matos e Serrazina, 1995, p.193), definem materiais manipuláveis como “objectos ou coisas que o aluno é capaz de sentir, tocar, manipular e movimentar. Podem ser objectos reais que têm aplicação no dia-a-dia ou podem ser objectos que são usados para representar uma ideia”.

Caldeira (2009a, p.223), acrescenta que os materiais manipuláveis consistem “em manipular objectos e “extrair” princípios matemáticos. Os materiais manipulativos devem representar explicitamente e concretamente ideias matemáticas que são abstratas”.

Na minha opinião, acho que os materiais manipuláveis são uma grande ajuda para as crianças neste tipo de atividades, pois enquanto não adquirem a capacidade de abstração, é fundamental ter algo que possam manusear no concreto.

Acho que é importante que cada criança tenha o seu próprio material, de modo a que possa manuseá-lo e explorá-lo individualmente. Contudo, devemos também fazer exercícios de grupo para que eles adquiram o hábito da partilha.

## **2.ª Secção – Bibe Encarnado B (4 anos de idade)**

Este segundo momento de estágio, foi realizado na turma do bibe encarnado B (4 anos de idade). Teve início no dia 2 de janeiro de 2012 e terminou a 23 de março do mesmo ano.

### **2.1. Caraterização da turma**

Considerando todas as informações fornecidas pela educadora da sala, poderei dizer que esta turma do bibe encarnado B, não revela grandes problemas de relacionamento entre os elementos que a constituem. Com a educadora relacionam-se de forma carinhosa, exteriorizando-o diariamente através de desenhos, palavras, afetos ou outras atitudes.

Os elementos da turma não revelam grandes disparidades de aprendizagem e comportamento, embora existam algumas crianças com mais dificuldades e outras mais desenvoltas. A turma, demonstra-se interessada, colaborativa e participativa em todas as atividades.

É uma turma constituída por 30 crianças, sendo 13 do sexo feminino e 17 do sexo masculino. É um grupo relativamente homogéneo em termos de idades. Todas as crianças nasceram entre janeiro e dezembro de 2007.

### **2.2. Caraterização do espaço**

A sala de aula do bibe encarnado B (Figura 12), situa-se no salão, dispondo de um espaço amplo. Encontra-se separada por biombos, dividindo a sala com a turma do bibe encarnado A.

A sala é composta por cinco mesas, sendo denominadas, de acordo com a educadora, pelas respetivas cores das cadeiras. Assim, temos a mesa azul, a mesa amarela, a mesa encarnada, a mesa verde e a mesa arco-íris.

A sala dispõe de um aquecedor, de painéis para colocar os trabalhos e de um cavalete/quadro para realizar atividades.

Existe ainda um espaço onde a educadora, colocando almofadas ou cadeiras, realiza atividades pertinentes, como seja a leitura de histórias, apresentações em *powerpoint* ou jogos.





Figura 12 – Sala do bibe encarnado B

### 2.3. Rotinas

No Jardim-Escola as rotinas da turma do bibe encarnado (4 anos de idade) são iguais às da turma do bibe amarelo (3 anos de idade), excepto a realização da sesta.

### 2.4. Horário da turma

No Quadro 4 está representado o plano de atividades dos alunos distribuídos ao longo da semana.

Quadro 4 – Horário da turma do bibe encarnado B

	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
9 h	Acolhimento às crianças				
1.º tempo (manhã)	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Ginástica (9h30/10h30)
	Hora do conto: Estimulação à leitura/Teatro de fantoches				
	Suplemento Alimentar Recreio orientado e livre				
	Educação Musical (11h30/12h)	Informática (10h30/12h)  Biblioteca*	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática
12h	Higiene pessoal/Almoço				
1.º tempo (tarde)	Recreio orientado e livre				
	Conhecimento do Mundo	Picotagem/ Dobragem	Rasgar/recortar/ colagem	Atividades Plásticas	Experiências
	Grafismo				
	Modelagem com Terracota e outros materiais	Enfiamentos Entrelaçamentos	Estruturação espacial	Desenho livre/ Orientado	Puzzles e jogos de mesa
16h	Lanche				
Atendimento aos encarregados de educação – 6.ª feira das 9h45 às 10h45					
* Estimulação à leitura na Biblioteca que decorre de 2 em 2 semanas.					
Observação: Este horário está sujeito a alterações mediante as necessidades das crianças.					

## 2.5. Relatos diários

### 2 de janeiro de 2012

Visto ter sido dia de *roulement*, as crianças brincaram livremente e realizaram jogos tradicionais, entre os quais a *Linda falua* e o *Lencinho*.

No jogo do lencinho, as crianças formam uma roda. Todas ficam sentadas, exepcto uma que anda à volta desta roda com um lenço. Discretamente deve deixar cair o lenço atrás de um colega. Este, após se aperceber que foi o selecionado, tem de levantar-se com o lenço e correr rapidamente atrás do colega. Se o apanhar, antes dele completar uma volta, ganha, sendo o próximo a deixar cair o lenço, caso contrário perde e volta a sentar-se. A educadora antes de iniciar o jogo *Lencinho*, alertou as crianças para não deixarem cair o lenço sempre na mesma pessoa.

### Inferências e fundamentações

Nos dias de *roulement*, a meu ver, existe sempre um clima de muita agitação e inquietação no Jardim-Escola. Acho que tal acontece, pela ausência de uma das educadoras e junção das duas turmas do mesmo bibe numa só.

Na minha opinião os jogos tradicionais são extremamente lúdicos, uma vez, que num simples jogo podem ser desenvolvidas diversas aprendizagens nas crianças. Segundo Medeiros e Machado (citado em Kishimoto 2000) no jogo *Lencinho* as crianças aprendem:

não só a correr em circulo, mas também a cooperar com companheiros (mantendo a roda), a obedecer às regras do jogo (saindo apenas na sua vez), a respeitar os direitos dos outros (só apanhando o lenço que lhe é destinado), a acatar a autoridade (encontrada muitas vezes na pessoa de um colega, que é o chefe de grupo), a assumir responsabilidades, a aceitar as penalidades que lhe são impostas, a dar oportunidade aos demais (não lançando o lenço apenas aos amigos, mas a todos os participantes), enfim , a viver em sociedade. (p.110)

Acho que foi pertinente o comentário que a educadora fez antes do jogo, porque por vezes as crianças selecionam ou excluem sempre os mesmos jogadores e, assim, deste modo, todos tiveram oportunidade de participar.

### 3 de janeiro de 2012

Chegando à sala de aula, à medida que a educadora ia dizendo em inglês as cores dos grupos, as crianças iam-se sentando nos respetivos lugares.

A educadora iniciou esta manhã alterando a data afixada no painel da sala de aula, chamando particular atenção às crianças da entrada num novo ano.

De seguida, a educadora pediu aos chefes de turma para distribuírem a cada criança uma caixa de 3.º Dom de Froebel (Figura 13) e a imagem de um boneco.

Colocou algumas questões dirigidas, sobre o nome do material, nome dos sólidos geométricos e respetivas quantidades de arestas, faces e vértices. Relembrou o modo de abertura e fecho das caixas. Através de uma história, a educadora solicitou as construções do comboio, muro alto, muro baixo, cadeirão, mesa e cadeiras. Ao longo das construções, a educadora foi ditando algumas situações problemáticas, selecionando algumas crianças para efetuarem as operações com algarismos móveis no quadro. Na construção do muro baixo, a história envolvia uma joaninha que pousou sobre este. A educadora aproveitou e colocou questões sobre a que grupo pertence este animal, o seu tipo de alimentação e exemplos de outros animais do mesmo grupo, fazendo assim interdisciplinaridade com a Área de Conhecimento do Mundo.

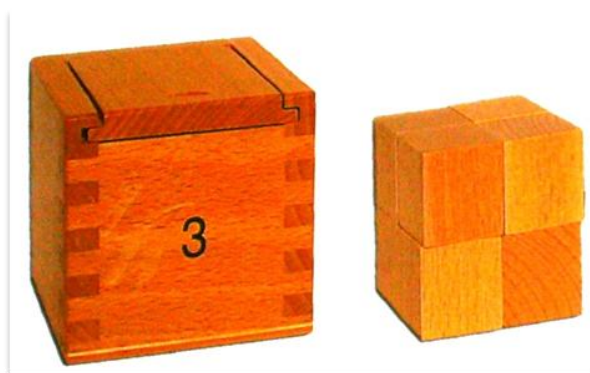


Figura 13 – 3.º Dom de Froebel

Com as crianças sentadas em roda nas almofadas, a educadora leu para a turma a história *Uma noite barulhenta*, da autoria de Diana Hendry.

Após o recreio, metade da turma teve aula de informática e a outra metade permaneceu na sala de aula a realizar propostas de atividade. Por cada computador ficaram dois a três elementos. Alternadamente, cada criança tinha de selecionar uma figura geométrica e colocá-la na sombra do desenho.

### **Inferências e fundamentações**

O tipo de estratégia utilizado pela educadora para estipular os grupos nas mesas é original e requer aprendizagem das cores numa língua estrangeira por parte das crianças. Lembra as cores e estimula vocabulário inglês.

Na aula de Domínio da Matemática, a educadora trabalhou com o 3.º Dom de Froebel. Criado por Friedrich Wilhelm August Froebel, este material, feito de madeira, é constituído por uma caixa cúbica, que contém no seu interior oito pequenos cubos, todos com a mesma dimensão.

Na minha opinião, a história que a educadora contou foi agradável, estava bem elaborada, podia muito bem ser uma história verídica. Tanto as construções, como as situações problemáticas foram adequadas à história e foram surgindo nos momentos oportunos. Segundo Caldeira (2009b):

É mais apelativo para a criança estar a ouvir uma história, em que as construções vão surgindo como elementos vivos da mesma e em que os pedidos de cálculo surjam justificadas pela necessidade de resolver a situação posta naquele momento e naquela história. (p.255)

A meu ver, a educadora utilizou o boneco apenas para introduzir a história, tornando-se indispensável no resto da aula. Até acabando mesmo por criar falta de atenção e distração nalguns elementos da turma.

## **6 de janeiro de 2012**

Este dia foi marcado pelas aulas-surpresa. Assisti à aula de uma colega do meu grupo de estágio. Ela lecionou uma aula na Área de Expressão e Comunicação, do Domínio da Matemática, trabalhando a noção de quantidades com o material estruturado Cuisenaire. Recorreu ao jogo dos comboios, colocando algumas questões sobre os valores das peças até à quantidade cinco.

A estagiária, iniciou a sua aula, optando pela mesma estratégia de mudança de local da sala de aula que a educadora. Fê-lo de uma forma ordenada e organizada. A dada altura, a estagiária, sentindo que estava a perder o controlo da turma, pediu para as crianças fecharem os olhos e colocou questões sobre as cores e os valores das peças ditadas por ela.

Depois das aulas-surpresa deste dia, todas as estagiárias se reuniram com as professoras da equipa de supervisão pedagógica da ESEJD, para uma reflexão sobre o desempenho dos alunos estagiários e as aulas dadas.

## **Inferências e fundamentações**

A meu ver, a aula da minha colega de estágio foi positiva, embora tenha passado para as crianças a ideia que não estava à vontade com o material.

Como aspetos a melhorar, deve ter mais domínio com o material, deve deixar transparecer mais confiança e deve ter uma estrutura da aula mais organizada e com uma sequência lógica. A estagiária deve ainda ter cuidado no rigor dos conteúdos científicos, quando os aborda com as crianças, pois as crianças assimilam aquilo que nós lhes dizemos, e se o conteúdo for ensinado de forma errada, o principal objetivo da aula não é conseguido.

Um dos principais fatores que contribuem para que haja uma boa comunicação entre educador/aluno e vice-versa, é a linguagem utilizada em sala de aula. Desde pequenas, as crianças devem ser habituadas a ouvir os temas com rigor científico.

Segundo Matos e Serrazina (1995, p.49), "...a pouco e pouco os alunos verão a necessidade da linguagem matemática, habituar-se-ão a usá-la para comunicar entre si, e aprenderão a ler e escrever matemática". Duas causas fundamentais que contribuem para alcançar um bom sucesso no ensino da matemática, segundo o relatório Cockcroft (citado em Matos e Serrazina, 1995, p.173), é ter "capacidade para dizer o que se quer dizer e entender o que nos dizem".

Como aspetos positivos, a estagiária relembrou as regras do material, teve sempre um bom tom de voz, fez interdisciplinaridade com o inglês chamando as crianças para as mesas, usando os termos em inglês (red ... blue ...). Utilizou o Cuisenaire, com uma maior dimensão e feito em esferovite. Embora dito de uma forma confusa, o grau de dificuldade das situações problemáticas foi adequado à faixa etária do bibe encarnado.

Depois das aulas surpresa, decorreu como habitualmente a reunião com as professoras de equipa de supervisão da ESEJD, onde se falou sobre o *feedback* das aulas.

Segundo Simões e Simões (citado em Jacinto, 2003, p.52), "...o orientador ao apresentar-se como um prático inteligente e experiente, como um "solucionador de problemas educacionais", incentivará o estagiário a reflectir antes da acção".

Nós, as estagiárias, ao planearmos uma aula, devemos fazer uma boa pesquisa, de modo a obter o máximo de informação sobre o tema da aula, pois isso dá-nos um maior à-vontade e conseguimos transmiti-lo para as crianças. Embora possamos sempre contar com a experiência dos orientadores.

Segundo Jacinto (2003, p.83), "Na reflexão antes da acção, o estagiário tem de se preocupar com os conteúdos a ensinar, mas também com o *conhecimento pedagógico do conteúdo*, que lhe permite uma melhor adequação das matérias às especificidade das interacções da prática".

As opiniões e as reflexões das orientadoras da ESEJD são de extrema relevância, pois estamos a ouvir comentários de profissionais, que partilham de grandes experiências práticas.

## **9 de janeiro de 2012**

Nesta manhã, as duas turmas do bibe encarnado reuniram-se no refeitório para confeccionarem um bolo-rei. Esta atividade era para ter sido realizada no dia de reis, mas por motivo das aulas-surpresa, tal não foi possível. As educadoras solicitaram a ajuda das crianças para colocarem os ingredientes dentro da tigela.

Posteriormente, na aula da Área de Expressão e Comunicação, do Domínio da Matemática, a educadora trabalhou as contagens com o material não estruturado palhinhas. No fim, as crianças fizeram construções livres.

Na aula de Expressão Musical, o professor trabalhou a concentração com o material pauzinhos.

Após o almoço, as estagiárias das duas turmas do bibe encarnado e eu juntámo-nos e fizemos com as crianças jogos tradicionais, entre os quais, o jogo do lencinho e o jogo do casamento.

## **Inferências e fundamentações**

A aula de Expressão Musical foi muito agradável. O professor pediu à turma para cantar algumas músicas escolhidas pelo próprio. De repente, o professor começou a fazer batimentos descoordenados com os pauzinhos, testando assim a capacidade de concentração das crianças. De seguida, continuou com o mesmo procedimento, mas aumentando o grau de dificuldade, efetuando os batimentos cada vez com mais força. Neste último exercício, pude verificar que, à medida que os batimentos iam sendo cada vez mais fortes, o ritmo da cantoria também ia acelerando. Segundo Homann e Weikart (2009, p.657), “A música é uma série de sons organizados através do ritmo, da melodia e da harmonia, que desencadeiam uma resposta emocional naquele que ouve.”

No final da aula, o professor quis testar a capacidade de concentração da minha colega de grupo de estágio. Enquanto a colega cantava a canção *O balão do João*, o professor interferia, colocando questões sobre a letra da música.

## **10 de janeiro de 2012**

A manhã foi iniciada com a Área de Expressão e Comunicação, do Domínio da Matemática. A educadora trabalhou a noção de quantidades, dezena, par/ímpar com o material estruturado Cuisenaire. Solicitou às crianças a construção da escada por ordem crescente. De seguida, realizou o jogo dos comboios, realizando operações com algarismos móveis e pedindo a leitura das mesmas.

Logo de seguida, metade da turma teve aula de informática onde trabalharam as figuras geométricas do Tangram.

No fim da manhã, na aula do Domínio Oral e Abordagem à Escrita, a educadora fez a leitura de um livro, intitulado *A história da árvore Elvira*, da coleção Montanha Encantada.

### **Inferências e fundamentações**

Achei muito lúdica a atividade realizada na aula de informática. Esta consistia em encaixar as figuras das peças do tangram na figura da imagem.

A utilização dos meios informáticos, desde a Educação Pré-Escolar, pode desencadear várias situações de aprendizagem.

Segundo Brickman e Taylor (1996):

A utilização dos computadores em programas para as crianças proporciona possibilidades estimulantes ... Encaramos o computador apenas como um dos muitos instrumentos e materiais que podem proporcionar experiências valiosas em programas orientados para o desenvolvimento da criança. (p.174)

As crianças devem explorar sozinhas os computadores, mas também devem ser orientadas por um especialista que as acompanhe e as inteire dos conteúdos de aprendizagem.

## **13 de janeiro de 2012**

Como primeiro momento da manhã ocorreu a aula na área de Expressão Físico-Motora.

Na segunda parte da manhã, a educadora utilizou como material, na aula de Domínio da Matemática, o 3.º e 4.º Dons de Froebel (Figura 14). Solicitou as construções da mobília de quarto e da mobília de sala. No decorrer das construções a educadora contou uma história e efetuou algumas situações problemáticas. No fim, a educadora deixou as crianças explorarem livremente o material.

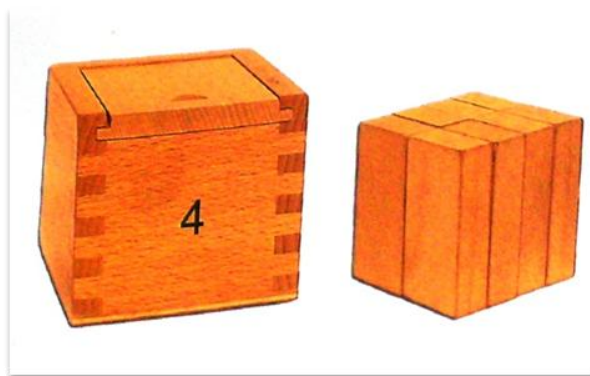


Figura 14 – 4.º Dom de Froebel

### **Inferências e fundamentações**

A educadora neste dia trabalhou, em simultâneo, com o 3.º e 4.º Dons de Froebel. Estes dois materiais são muito semelhantes, o que os diferencia são os sólidos geométricos no interior das caixas. Como já foi referido num dos relatos acima mencionados, o 3.º Dom é constituído por “8 pequenos cubos”, já o 4.º Dom é constituído por 8 paralelepípedos.

Segundo Kishimoto (2000, p.103), Froebel, ao inventar os Dons “quis dar oportunidade para a criança explorar livremente. Entretanto, percebe que a criança precisa dominar as formas de manipulação dos objectos. Só então poderá explorar as possibilidades de emprego do material”.

O mesmo autor (2000, p.103), acrescenta “Ao transmitir as formas de manipulação dos materiais froebelianos parece que o professor em muitos casos esquece de garantir o ponto mais importante da pedagogia froebeliana, dar um tempo necessário para a livre exploração dos materiais”.

Na minha opinião, a manipulação livre deste material é bastante enriquecedor para as crianças, uma vez que estas estão a aprender-fazendo. Concordo com o autor, quando este refere que o professor deve dar mais tempo a este tipo de atividade.

### **16 de janeiro de 2012**

A manhã deste dia foi iniciada com a Área de Conhecimento do Mundo. Através de *powerpoint*, a educadora fez uma abordagem acerca de temas do sistema solar, entre os quais, planeta Terra, estações do ano, movimento de rotação e de translação. Para complementar, os alunos viram o filme *Doki descobre o dia e a noite*.



Posteriormente, na aula do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a educadora leu a história *Todos no sofá*, da autoria de Luísa Ducla Soares. Após a leitura, a turma fez a dramatização da história (Figura 15) com máscaras de animais.

Como não havia número suficiente de personagens para todas as crianças, a educadora optou por dividir a turma em dois grupos, repetindo a dramatização duas vezes. O narrador foi, pelas duas vezes consecutivas, o mesmo por ser o único aluno que sabe ler.



Figura 15 – Dramatização da história *Todos no sofá*

### **Inferências e fundamentações**

Acho que foi importante a educadora ter repetido a dramatização da história *Todos no sofá*, pois assim todos os elementos da turma puderam ter uma participação ativa. Em relação ao aluno que fez de narrador, não foi a primeira vez que o ouvi ler, já tinha conhecimento das suas capacidades de leitura, porém fico sempre encantada quando o oiço pois este, apenas com 4 anos de idade, lê como se fosse um adulto, fazendo mesmo paragens e inflexões de voz.

Segundo Aguera (2008, p.42), as crianças “fazem a animação, como se fossem efeitos especiais, passando assim a fazer parte da história. É uma estratégia que é muito divertida ... que as converte em protagonistas, em personagens vivas.”

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009, p.60), a dramatização de histórias “constituem ocasiões de desenvolvimento da imaginação e da linguagem verbal e não verbal.”

Durante as dramatizações, observei, que de uma forma mais emotiva ou mais tímida, todas as crianças disseram as suas falas, imitaram sons e gesticularam, de acordo com as características dos animais que encenavam.

### **17 de janeiro de 2012**

A educadora iniciou a aula do Domínio da Matemática, trabalhando com o material estruturado 4.º Dom de Froebel. Através de uma história com situações problemáticas e

dados desnecessários, a educadora solicitou as construções da cama, cadeira e mesa, banco do jardim, cadeiras e carrossel.

Enquanto metade da turma teve aula de Informática, a outra metade ficou na sala de aula, a executar uma atividade de Expressão Plástica. A atividade consistia na pintura através da técnica de sopro (Figura 16).



Figura 16 – Atividade da técnica de sopro

De novo reunida toda a turma, a educadora na aula de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita leu a história *Corre corre, cabacinha*, da autoria de Eva Mejuto e André Letria.

### **Inferências**

A técnica de sopro é uma atividade de Expressão Plástica, que apresenta como material folhas de papel, tintas de cores, pinceis e palhinhas. Esta atividade consiste em deixar cair na folha pingos de tinta e, de seguida, soprar com as palhinhas em diferentes direções. Esta foi a primeira vez que vi a execução da atividade da técnica de sopro. Inicialmente, esta técnica aparentou-se-me ser simples, porém, ao fim de poucos minutos, as crianças começaram a ficar desmotivadas e cansadas e por isso a minha opinião alterou-se. Mas o trabalho que tiveram foi bem compensado, pois os resultados finais ficaram muito giros.

### **20 de janeiro de 2012**

Na presente data, enquanto a turma teve aula de Expressão Físico-Motora, as minhas colegas de estágio e eu estivemos a ajudar a educadora a decorar a sala com móveis de bonecos de neve (Figura 17). Estes móveis foram criados pelas crianças em conjunto com os seus encarregados de educação.



Figura 17 – Móbile do boneco de neve

A turma foi surpreendida ao chegar à sala de aula e deparar-se com uma atividade do Domínio da Matemática, preparada por uma das minhas colegas de grupo de estágio. As mesas já se encontravam organizadas com o material estruturado 3.º e 4.º Dons de Froebel e com material não estruturado (imagens de bonecos e de baldes).

A colega começou por relembrar as regras do uso do material, assim como a abertura da caixa. Através de uma história, solicitou as construções da escada e do poço, ditando algumas situações problemáticas de modo a trabalhar o cálculo mental.

Ao colocar uma das questões, a estagiária deu uma lacuna, ao questionar um aluno sobre as formas geométricas das peças do 3.º Dom de Froebel. Visto ser uma aula preparatória, a educadora interveio, dando à estagiária algumas dicas de como poderia retificar a sua questão. A estagiária, após ouvir atentamente a explicação da educadora, colocou ao mesmo aluno a questão – qual o nome dos sólidos geométricos das peças de 3.º Dom de Froebel?, obtendo por parte do aluno a resposta correta.

Durante as construções, a estagiária ia fazendo ao mesmo tempo que os alunos a sua própria construção com o material em tamanho maior. A estagiária circulou pelas mesas, observando as construções de toda a turma e auxiliando os alunos com mais dificuldades.

### **Inferências e fundamentações**

As crianças, durante a semana, passam grande parte do seu tempo nos Jardins de Infância. No tempo que medeia a saída e entrada no dia seguinte, os encarregados de educação devem dedicar atenção aos seus educandos, mesmo que seja através de simples conversas sobre o tipo de atividades praticadas naquele dia, se gostaram ou não gostaram, ou sobre o comportamento que tiveram. Muitas vezes, os únicos momentos de participação dos encarregados de educação é em dias festivos, nomeadamente festa de Natal e de final de ano, ou nas reuniões, marcadas pela própria educadora de infância.

Nunes (citado em Reis, 2008, pp. 39-40), menciona “Um ambiente, em que os pais passam mais tempo com os filhos, falam com eles, discutem problemas da escola ... transmitem expectativas positivas, aumenta as ligações emocionais e a confiança entre pais e filhos.”

Na minha opinião, este tipo de atividade, como o exemplo da elaboração de móveis que requer a colaboração dos encarregados de educação, devia ser efetuada com mais frequência, uma vez, que “obriga” os pais a “perderem” algum do seu tempo com os seus filhos.

### 23 de janeiro de 2012

Nesta manhã a educadora começou por abordar o tema da Área de Conhecimento do Mundo – Sistema Solar. Apresentou, através de *powerpoint*, uma sequência de imagens, desenvolvendo o conceito de planeta. De seguida, mostrou uma maquete representada com o Sol, a Terra e a Lua, através da qual relembrou os movimentos de rotação e de translação. Mostrou uma outra maquete representada pelo Sol e por alguns planetas. Com esta última maquete, a educadora efetuou uma atividade, que consistia em completá-la com os planetas em falta. Recorrendo novamente ao uso do *powerpoint*, a educadora apresentou uma música alusiva ao tema da aula e uma história intitulada *A grande viagem ao espaço*, elaborada por antigos alunos do agrupamento de escolas de Odemira.

Na aula do Domínio da Matemática a educadora propôs uma atividade a pares. Enquanto um elemento manipulava o material estruturado Calculadores Multibásicos (Figura 18), o outro manipulava os algarismos móveis.

A educadora efetuou alguns exercícios com peças amarelas e encarnadas e pediu a leitura das placas por cores. No final da atividade, a educadora elegeu o par que obteve a melhor prestação, colocando-lhes um carimbo na mão.



Figura 18 – Calculadores Multibásicos

## **Inferências e fundamentações**

O material calculadores Multibásicos, criado por António Nabais, é constituído por duas placas cinzentas e uma verde, cada uma com 5 orifícios. E ainda composto por peças com diferentes cores (amarelo, verde, encarnado, azul, cor de rosa e lilás).

Segundo Caldeira (2009b, p. 189), relativamente ao manuseamento e relação cor e furo do material Calculadores Multibásicos “Numa primeira fase a criança deve manusear o material livremente ... os alunos devem ter a possibilidade de manusear o material para que façam as suas próprias descobertas.” De acordo com a autora, acho que sendo estes os primeiros contactos das crianças com o material, a educadora deveria ter dedicado algum tempo à exploração livre.

Acho que a estratégia que a educadora utilizou no final da aula foi produtiva, a meu ver contribuiu para que o par “vencedor” elevasse a sua autoestima. Para Sanches (2001, p.101), o reforço oportuno deve ser imediato “Estabelecer um sistema de prémios, ligados à pontuação obtida na execução das tarefas, funciona, por vezes, muito bem.” O facto da educadora ter referido apenas no final da aula, que iria eleger o melhor par, fez com que o esforço fosse pelo trabalho e não para quer obter um “prémio”.

## **24 de janeiro de 2012**

Após o acolhimento das crianças e a sua higiene pessoal, a primeira aula da manhã foi do Domínio da Matemática. A educadora distribuiu pelas mesas o material estruturado Cuisenaire (Figura 19), solicitando a construção da escada por ordem crescente, pedindo logo de seguida a leitura da mesma por cores e por valores, desenvolvendo o conceito de ordinalidade. Posteriormente a turma executou o jogo dos comboios, tendo de formar todas as combinações possíveis com a peça rosa.

A educadora colocou à turma uma questão, relativa às diferenças existentes entre as peças do Cuisenaire. Um aluno respondeu acertadamente as cores e um outro aluno respondeu que existem algumas peças maiores que outras. A educadora elogiou a resposta deste aluno, embora não a tenha considerado totalmente certa, ajudando-o a obter uma resposta mais completa.

Num dos exercício em que a educadora deixou ao critério dos alunos criarem uma carruagem para o comboio com a peça cor-de-rosa, observei os elementos de uma mesa e pude verificar diferentes situações. Um aluno muito autónomo e eficiente, um aluno com muita dificuldade em executar o pedido, fazendo apenas uma carruagem, um aluno com pouca confiança, fazendo e desmanchando o seu trabalho por diversas vezes. Observei

também o caso de um aluno, que copiou pela mesma ordem e com as mesmas peças as três carruagens do seu colega do lado.

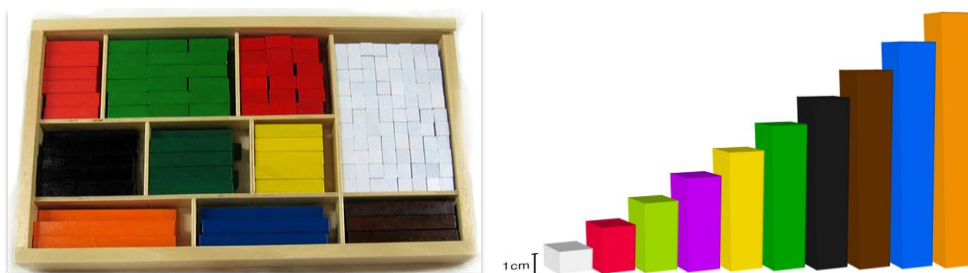


Figura 19 – Cuisenaire

Após o recreio, enquanto metade da turma teve aula de informática, a outra metade permaneceu na sala de aula a realizar dois jogos de roda, nomeadamente *O jogo do casamento* e *o Jogo das palavras*.

O *Jogo do casamento* consiste em ter as crianças sentadas em roda no chão. As crianças cantam a canção *A borboleta*. No decorrer da cantiga, a educadora vai selecionando algumas crianças para se levantarem de modo a formarem uma nova roda no centro.

O *Jogo das palavras*, joga-se da seguinte maneira: após a educadora ditar uma letra do alfabeto, cada criança tem de dizer uma palavra que comece pela letra selecionada.

### **Inferências e fundamentações**

O Cuisenaire, criado por Emilie Georges Cuisenaire, é um material manipulativo, através do qual os alunos podem manipular, manusear, trabalhar. Este material é formado por 241 peças (primas quadrangulares), com 10 cores e 10 comprimentos diferentes. A peça branca, chamada de peça mãe, tem valor de 1 unidade, seguindo-se a peça encarnada, a peça verde clara, a peça rosa, a peça amarela, a peça verde escura, a peça preta, a peça castanha, a peça azul e a peça que tem um maior valor, a peça laranja, que equivale a 10 unidades. É muito importante as crianças, em idade Pré-Escolar, terem oportunidade de trabalhar estes materiais, podendo observar no concreto o solicitado pelas educadoras.

O Cuisenaire é um material lúdico bastante enriquecedor e por isso deve ser trabalhado muitas vezes com as crianças. Este apresenta a vantagem de ser muito rico em variedade de exercícios, podendo ser trabalhado a ordem crescente e decrescente, situações problemáticas, jogo dos comboios, itinerários, entre muitos outros. Segundo Gesell (2000, p.336), “o mesmo material pode, por vezes, ser usado de maneiras diferentes em dias

sucessivos”, como foi o caso deste dia, em que no Cuisenaire foram trabalhados os valores e cores das peças, a ordem crescente e decrescente e ainda o jogo dos comboios.

## **27 de janeiro de 2012**

Neste dia decorreram aulas-surpresa, supervisionadas pelas professoras da equipa de supervisão pedagógica da ESEJD.

As minhas colegas de grupo de estágio e eu assistimos a duas aulas na turma do bibe encarnado A. À primeira colega foi-lhe pedida, numa aula do Domínio da Matemática, para trabalhar o sentido de número com o material estruturado Cuisenaire. A colega perguntou à professora se poderia alterar o tema, propondo-lhe efetuar a escada por ordem crescente e situações problemáticas. A professora aceitou o pedido, mas com a condição desta dar também a ordinalidade. Durante as situações problemáticas, a colega recorreu ao uso de material não estruturado (imagens de dois bonecos e de abelhas).

À segunda colega foi-lhe pedida uma aula do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. A professora, que assistiu à sua aula, pediu à colega para fazer uma estimulação à leitura através da leitura da história *Uma noite barulhenta*, da autoria de Diana Hendry e de um trava-línguas. Após a dinamização da história ensinou à turma o trava-língua *O rato roeu a rolha da garrafa de rum do rei da Rússia*.

Ainda no decorrer desta manhã, fui surpreendida com uma aula-surpresa do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Foi-me pedida uma estimulação à leitura, através da leitura da história *Vem aí o lobo*, da autoria de Nick Ward e para ensinar uma canção. Após a dinamização da história, ensinei à turma a canção *O rato Vitorino*.

Como em todas as aulas-surpresa, no final decorreu a reunião entre as estagiárias e as professoras da equipa de supervisão da ESEJD.

## **Inferências e fundamentações**

A cardinalidade e a ordinalidade são dois aspetos do número que estão intimamente ligados à sua utilidade. Um aspeto não se dá sem o outro.

Para Duhalde e Cuberes (1998, p.47), a cardinalidade refere-se “à quantidade de elementos de uma coleção. Este princípio está baseado na ação de correspondência e não necessita a ação de contar”. Por sua vez, os mesmos autores referem-se à ordinalidade como “lugar que ocupa o número dentro de um série ordenada. Para isso necessitamos de um sistema ordenado de números que nos permita contar. Assim o termo da sucessão numérica, aplicado ao último objeto contado do conjunto, chama-se número ordinal”.

Como aspetos positivos, a colega circulou pelas mesas, verificando se todas as crianças tinham feito os exercícios corretamente, fez sempre a correção em conjunto, expondo-a no quadro, de modo a que todos pudessem visualizar.

Na reunião estão presentes as alunas que deram aula, as colegas que assistiram, bem como as respetivas educadoras e professoras da equipa de supervisão da ESEJD. Nestas reuniões começam por falar as alunas que deram aula, abordando de forma concisa a sua aula, descrevendo os aspetos positivos e os aspetos a melhorar. De seguida, são ouvidas as opiniões das colegas que assistiram, seguindo-se o parecer das educadoras e por último, o das professoras de supervisão.

Segundo Turney, Moreira e Alarcão (citado em Jacinto, 2003):

Na fase de encontro pós-observação ... através da *reflexão-sobre-a-acção* ... O orientador, ao ter por objectivo, o desenvolvimento profissional do estagiário ... conduzirá o professor em formação ... numa perspectiva de colaboração, a desenvolver capacidades de auto-análise e a reflectir guiada sobre o ensino. ... O estagiário identifica e compreende a eventual situação problemática, confronta intenções e realização, explícita o conhecimento táctico que influenciou a sua acção na aula e analisa a forma como decorreu a interação com os alunos. (p.52)

O facto da reunião ser coletiva é uma mais valia para todas as estagiárias, já que no decorrer das mesmas, ouvimos muitas opiniões e conselhos de pessoas com experiência profissional, que nos alertam e corrigem e que nos transmitem estratégias para evitarmos novamente os erros cometidos durante as aulas.

### **30 de janeiro de 2012**

A primeira aula desta manhã foi do Domínio da Matemática, onde mais uma vez, a educadora, utilizando algarismos móveis e algum material não estruturado (rolhas de garrafas), trabalhou o cálculo mental.

Seguindo-se a aula da Área de Conhecimento do Mundo, a educadora começou por mostrar o livro *Terramotos e vulcões*, da biblioteca do jovem explorador. Depois, foi confeccionada uma receita exposta no livro, intitulada *Vulcão de chocolate* (Figura 20).





Figura 20 – Bolo *Vulcão de chocolate*

Na aula de Expressão Musical, o professor fez a avaliação individual de cada criança sobre um exercício de memorização.

### **Inferências e fundamentações**

Ao confeccionar com a turma o bolo *Vulcão de chocolate* e de abordar os temas, vulcões e terremotos, está a despertar a curiosidade sobre estes dois fenómenos da natureza.

Martins et al (2009), afirmam em relação às atividades relacionadas com ciência, que as crianças:

Inicialmente, através do seu brincar e, posteriormente, de forma mais sistematizada quando acompanhada pelo adulto, a criança vai estruturando a sua curiosidade e o desejo de saber mais sobre o mundo que a rodeia. Estarão, assim, criadas as condições para dar os primeiros passos em pequenas investigações, as quais se pretendem progressivamente mais complexas. (p.12)

A educadora, ao abordar estes temas, fê-lo de uma forma simples e concisa, tendo em conta a faixa etária em questão.

### **31 de janeiro de 2012**

Na primeira parte da manhã, na aula de Domínio da Matemática, as crianças trabalharam com o material estruturado Tangram. A educadora através de uma história, foi construindo no painel as figuras do menino, do gato, do cão e da casa. As crianças utilizando todas as mesmas peças tinham de cumprir as figuras do modelo.

Na aula de Conhecimento do Mundo, a educadora solicitou a cada criança para formar uma bola com massa de moldar branca. Seguidamente pediu para a pintarem de azul e verde, representando assim o planeta Terra.

Na segunda parte da manhã, as crianças terminaram a atividade de Expressão Plástica da pintura através da técnica do sopro.

Por fim, na aula do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita a educadora leu para a turma a história *Os três terríveis porquinhos*, da autoria de Liz Pichon, seguindo-se uma dramatização com metade da turma.

### 3 de fevereiro de 2012

Na manhã deste dia foi iniciada com a aula de Expressão Físico-Motora, onde a professora realizou com a turma exercícios para desenvolver o equilíbrio e a coordenação motora.

De regresso à sala de aula, preparei para a turma uma atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, fazendo a leitura da história *O porquinho Wiing* (Figura 21), da autoria de Christyan e Diane Fox.



Figura 21 – História *O porquinho Wiing*

Realizei uma outra atividade do Domínio da Matemática, que consistiu na realização do puzzle *Porquinho Wiing* (Figura 22). Na parte de trás de cada peça encontrava-se uma operação aritmética. Após a sua resolução, a criança tinha de identificar no painel o respetivo resultado e colocar, sobre este, a imagem, revelando assim uma peça do puzzle. Quando alguma criança apresentava dificuldades em resolver as operações aritméticas, podiam recorrer a material não estruturado, neste caso a imagens de porquinhos.

No final da atividade, questionei individualmente cada criança acerca das profissões que queria ter no futuro, obtive algumas respostas admiráveis, como foi o caso de uma criança que disse que queria ser Mãe e outra que disse que queria ser Pai Natal.



Figura 22 – Puzzle do *porquinho Wiing*

### **Inferências e fundamentações**

É importante, desde cedo, que as crianças tenham contacto com os livros, mesmo antes de aprenderem a ler. Para se interessarem pela leitura da história, a apresentação do livro, tal como as ilustrações e o conteúdo, devem ser apelativos e adequados à faixa etária das crianças, como é o caso do livro *O porquinho Wiing*.

Segundo Fontes et al (s.d.), o livro deve apresentar alguns cuidados para estimular as crianças. Assim, estes referem:

O aspecto exterior do livro deve ser cuidado e não podemos esquecer que ele tem até uma importância grande na aceitação da criança ... As ilustrações, desenhos ou fotografias, devem ser de qualidade e de bom gosto, o que só pode ser conseguido se forem confiadas a artistas competentes que trabalham em íntima colaboração e entendimento com os técnicos que intervêm na realização ou apreciação da obra infantil. (p.49)

O facto de ter levado para a aula material não estruturado, foi um modo de estratégia a que recorri, para caso de haver alguma criança que, por si mesma, não conseguisse resolver a operação aritmética, tivesse material concreto como auxílio.

### **6 de fevereiro de 2012**

O decorrer desta manhã foi diferente do habitual. As turmas do Pré-Escolar dirigiram-se ao ginásio, onde assistiram ao concerto do grupo musical *Os corvos*. Ao longo deste, as crianças, após o reconhecimento das músicas através do som produzido pelos instrumentos musicais, acompanhavam também através do canto.

Após o concerto, já na sala de aula, a educadora leu a história *Árvore Elvira*, da coleção Montanha Encantada.

## **Inferências e fundamentações**

Peery e Peery (citado em Spodek, 2010, p.466) constataram que “as crianças de 4 anos têm gostos musicais ecléticos e gostam tanto da música clássica como da popular.”

Pude constatar esta afirmação durante todo o concerto, uma vez, que os músicos tocaram vários estilos de música e as crianças sabiam as diferentes letras das canções.

### **7 de fevereiro de 2012**

Neste dia, a educadora preparou para a turma uma atividade da Área de Conhecimento do Mundo, que consistia em confeccionar uma sopa de legumes. Através do *powerpoint*, a educadora mostrou algumas imagens (hortas, legumes, estufas) e dialogou com a turma sobre a importância dos legumes na alimentação, em que grupo se inserem na roda dos alimentos e quais as partes comestíveis dos legumes. Logo de seguida, a educadora solicitou a ajuda das crianças para descascarem e cortarem (com facas sem serrilha) os legumes para dentro da panela. Realizou ainda um jogo, através do qual as crianças, apenas pelo tato e paladar, tinham de identificar os legumes.

Enquanto metade da turma teve aula de Informática, uma das minhas colegas de estágio leu para as restantes crianças a história intitulada *A viagem da sementinha*, da autoria de Maria Isabel Loureiro.

Na aula de Expressão Musical, o professor juntou as duas turmas do bibe encarnado e mostrou-lhes alguns vídeos de ópera.

## **Inferências e fundamentações**

Na aula de Conhecimento do Mundo, acho que foi pertinente a estratégia que a educadora utilizou antes de iniciar o jogo do tato, mostrando e passando individualmente por todas as crianças, os legumes que iriam ser tasteados e saboreados. Segundo Hohmann e Weikart (2009, p.482), “Para interpretar um som, cheiro, ou sabor, a criança deverá ter experiência com o objeto em questão”. Seria constrangedor para as crianças terem de identificar um legume, com o qual nunca tivessem tido nenhum contacto, nem conhecimento.

### **10 de fevereiro de 2012**

Esta sexta-feira tal como todas as outras, teve início com a aula de Expressão Físico-Motora.

Enquanto decorreu a aula, a educadora pediu às minhas colegas de grupo de estágio e a mim a nossa colaboração para organizarmos o material para as crianças realizarem a prenda para o dia do pai.

Depois do recreio, na aula do Domínio da Matemática, as crianças trabalharam com o material estruturado Cuisenaire. Com o material exploraram o valor das peças, realizaram situações problemáticas e construíram um itinerário.

### **Inferências e fundamentações**

Antes de entrar para a Educação Pré-Escolar, as crianças já possuem algumas capacidades motoras básicas. Mas é no decorrer das aulas de Expressão Motora que estas são mais desenvolvidas, através de diversificadas atividades (correr, saltar, saltar ao pé coxinho...). As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar(2009, p.58), salientam que este tipo de atividades “podem dar lugar a situações de aprendizagem em que há um controlo voluntário desse movimento ... a capacidade de estar quieto e de se relaxar faz também parte do trabalho a nível da motricidade global”.

Estas aulas são muito enriquecedoras para as crianças, através das quais, podem libertar o excesso de energia que possuem interiorizado. Quando regressam à sala de aula, verifica-se que o nível de comportamento vem alterado.

### **3.<sup>a</sup> secção – Semana de contacto com a realidade educativa**

A Semana de Contacto com a Realidade Educativa, teve início no dia 27 de fevereiro de 2012 e terminou a 2 de março do mesmo ano.

O local escolhido foi a instituição Centro Social Quinta da Boa Vista, que se situa em Meleças, no concelho de Sintra. Esta escolha deriva de diversos fatores, entre os quais, ter sido a minha escola do 1.º ciclo. Assim já conheço as instalações e o pessoal docente e não docente da instituição, também realço o facto de apresentar espaços bastantes acolhedores. No entanto, o principal fator foi possuir a valência de creche.

#### **3.1. Caraterização da turma**

Durante toda a semana estive na sala dos 2 anos. Esta turma é constituída por 18 crianças, sendo 15 do sexo feminino e apenas 3 do sexo masculino, sendo por isso uma turma heterogénea no que se refere ao género.

No geral, a turma faz a sua higiene pessoal e a sua alimentação sozinha, tendo de ter apenas a observação de um adulto e algumas ajudas como a distribuição de papel, dos pratos à mesa.

Na turma, na hora da sesta, cada criança dorme com um boneco, substituindo o uso da chucha. Apenas uma criança usa a fralda durante todo o dia e duas só durante a hora da sesta.

### **3.2. Caraterização do espaço**

A sala é composta por três mesas e, de acordo com a educadora, são denominadas pelas respetivas cores das cadeiras, assim temos a mesa azul, a mesa verde e a mesa encarnada. Contém um espaço de leitura, um espaço para brincar e três armários com materiais, trabalhos das crianças e com histórias/puzzles/lego/jogos. A sala possui uma boa iluminação natural, com 2 janelas. Possui ar condicionado e 3 painéis para a colocação de trabalhos.

De um dos lados da sala encontra-se uma casa de banho e, do outro, encontra-se o local da sesta, onde são colocadas depois de almoço as camas para as crianças dormirem.

### **3.3. Relatos**

Os dias começam com o acolhimento na sala de aula, onde a educadora distribui pelas mesas legos, jogos ou puzzles. Logo de seguida, no espaço de leitura, a educadora faz a leitura de histórias que as próprias crianças trazem de casa.

Posteriormente, retornam às mesas para trabalharem atividades propostas pela educadora. Quando terminam vão em comboio até à horta, onde observam a educadora e a auxiliar a regar os legumes. De regresso à sala de aula, fazem a higiene pessoal para irem almoçar. Repetem esta rotina, antes e após as refeições, e antes e após a sesta.

Segue-se a hora da sesta. Quando as crianças acordam, lancham.

No final do dia, as crianças vão para a rua brincar num espaço com relva e escorregas, até algum familiar ou a carrinha da própria instituição os vir buscar.

Às quartas-feiras, antes da hora de almoço, ocorre a aula de Expressão Físico-Motora no ginásio.

Durante a semana a turma realizou diversas atividades, das quais, irei enumerar algumas, nos parágrafos seguintes.

Aproximando-se o dia do pai, as crianças começaram a efetuar as prendas.

Não sendo esta instituição um Jardim-Escola João de Deus, nem mesmo uma parceira com a qual a ESEJD tenha protocolo, achei pertinente referir que numa das

atividades, a educadora trabalhou com o material estruturado Blocos Lógicos. Colocou algumas questões à turma sobre os atributos das peças e fez a comparação através de objetos presentes na sala de aula.

Preparei para a turma uma atividade de estimulação à leitura, lendo a história *Contos tradicionais portugueses – A carochinha*, da autoria de Fátima Sobral. Durante a leitura, emiti alguns sons e disse algumas adivinhas, para as crianças dizerem o nome do próximo animal. Terminada a leitura, mostrei sete cartões com imagens de animais, pedindo à turma para os ordenar pela mesma ordem com que os animais foram surgindo no decorrer da história.

Além da atividade que preparei para a turma, colaborei nas atividades propostas pela educadora (incluindo a prenda para o dia do pai), cantei canções, brinquei com as crianças e ajudei na parte das refeições, higiene e sesta.

### **5 de março de 2012**

Na aula do Domínio da Matemática, a educadora trabalhou com o material estruturado 3.º e 4.º Dons de Froebel. Solicitou, à turma, as construções mobília de sala, mobília de quarto, poço, camioneta e escadaria. Através de situações problemáticas, desenvolveu a noção de dezena e de dúzia.

Depois do recreio, continuaram a aula, a trabalhar apenas com o 4.º Dom de Froebel, efetuando as construções cadeira e mesa, cadeirão, poço, piano e escada dupla.

Em conjunto com a minha colega de grupo de estágio, estivemos a colaborar na organização do material para atividades a serem realizadas no dia da visita dos encarregados de educação à sala de aula dos seus educandos.

### **Inferências e fundamentações**

Apesar de ter colaborado nas atividades para o dia da visita dos encarregados de educação à sala de aula dos seus educandos, não pude estar presente no dia do acontecimento. Tive pena de não poder ter assistido, pois acho que ia ser interessante observar a relação encarregados de educação/alunos, encarregados de educação/educadora. Na minha opinião, este dia também deve ser importante para os encarregados de educação, para poderem participar e saber como é a rotina diária dos seus educandos.

Segundo Hohmann, Banet e Weikart (1984, p.38), “o contacto com o jardim de infância dá também aos pais a oportunidade de moldarem o ambiente nele existente, de

influenciarem directamente os seus objectivos e actividades e de partilharem os seus conhecimentos com a equipa pedagógica.”

Os encarregados de educação têm um papel importante na prática educativa. Estes devem acompanhar diariamente o processo de desenvolvimento escolar dos seus educandos, participando ativamente nas reuniões e sendo o intermediário entre educador/aluno. Deste modo, tanto o educador, como o encarregado de educação permanecem informados sobre a evolução e graduação do aluno.

### **6 de março de 2012**

Mais uma manhã iniciada com a aula do Domínio da Matemática, onde as crianças trabalharam a teoria de conjuntos com o material estruturado Blocos Lógicos. A educadora começou por colocar algumas questões associadas aos atributos das peças. Realizou alguns exercícios de comparação de conjuntos, desenvolvendo a noção de par, dobro e metade. Foram representados no quadro alguns conjuntos, cada um identificado por uma letra, onde foram comparados através dos sinais de maior, menor e igual.

Após o recreio, metade da turma dirigiu-se para a aula de Informática, as restantes crianças ficaram na sala de aula a jogar o loto dos animais.

### **Inferências e fundamentações**

A educadora, ao efetuar os exercícios, abordou os vários atributos das peças, reforçando aquele em que a maioria da turma apresenta uma maior dificuldade, a espessura.

Segundo Caldeira (2009b, p. 364), “Para que um conjunto seja formado é necessário que seja estabelecido o critério. Os elementos do conjunto são analisados quanto aos seus atributos, isto é, tendo em atenção as suas características”.

Os conjuntos representados no quadro, foram assinalados com letras móveis (vogais). Deste modo, ao serem feitas comparações, torna-se mais simples a identificação. Assim, quando a educadora perguntar a uma criança qual o conjunto que tem mais elementos, esta saberá responder, dizendo o nome da letra.

### **9 de março de 2012**

Esta manhã as minhas colegas de grupo de estágio e eu levámos a turma para o ginásio e enquanto a professora de Expressão Físico-Motora não chegava, fizemos alguns



jogos com as crianças. De seguida, dirigimo-nos para a sala de aula, onde ajudámos a educadora a arrumar os trabalhos das crianças nas capas.

Uns minutos antes da aula terminar, uma das minhas colegas de grupo de estágio começou a preparar o material para a sua aula. Começou com uma atividade no Domínio da Matemática, efetuando um itinerário com o material estruturado Cuisenaire. Distribuindo uma proposta de atividade, foi explicando às crianças que o objetivo era, de acordo com as indicações dadas pela própria, efetuarem o percurso com as peças do Cuisenaire desde o Sr. Jardineiro até ao seu jardim. Nas indicações, foram trabalhadas as noções de dezena, meia dezena, dúzia, meia dúzia, metade e dobro. No final, a colega solicitou às crianças que retirassem as peças para pintarem o percurso.

**Nos dias 12 e 13 de março de 2012 não me foi possível comparecer ao estágio.**

### **16 de março de 2012**

Hoje uma das minhas colegas de grupo de estágio lecionou uma aula sobre a reciclagem. No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a colega, utilizando um fantoche feito com material reciclado, leu uma história criada pela própria, intitulada *Vamos abraçar o mundo*, que falava sobre a importância da reciclagem e a prevenção do meio ambiente. Após a leitura, levou as crianças a recontar a história.

Depois da aula de Expressão Físico-Motora, no Domínio da Matemática, a colega trabalhou com o material estruturado Tangram. Distribuiu por cada criança dois cartões, que apresentavam apenas o contorno da figura de um pinheiro e de um coelho. Através de uma história contada pela própria, foi solicitando às crianças que sobrepusessem as peças do Tangram. No decorrer da mesma, foi efetuando algumas situações problemáticas, desenvolvendo a noção de par/ímpar, dezena, dúzia, metade e dobro.

### **Inferências e fundamentações**

A utilização de fantoches no decorrer da história contada pela estagiária, teve não só a função de entretenimento, como também a introdução de novos conceitos científicos relacionados com o tema da aula.

Segundo Pereira e Lopes (2007, p. 53), os fantoches são de extrema importância “porque podem constituir um eficaz meio de levar as crianças e os jovens a aprenderem uma série de áreas do saber a partir de uma metodologia essencialmente lúdica.”

Através das ações praticadas pelo fantoche, as crianças ficaram mais esclarecidas e informadas sobre a importância da reciclagem e o modo como podemos preservar o meio ambiente.

### **19 de março de 2012**

A minha colega de grupo de estágio continuou a sua aula sobre a reciclagem, com a Área de Conhecimento do Mundo.

A colega começou por mostrar uma imagem, com metade do mundo poluído e a outra metade limpa. Propôs às crianças fazerem a correspondência de imagens espalhadas no chão representando boas e más ações, na parte do mundo que mais se adequava. De seguida, a colega propôs uma atividade de equipas, dividindo-as por cores. Cada elemento da equipa tinha de selecionar um objeto e de o colocar no devido ecoponto.

Terminada a aula da minha colega, a educadora ainda antes do recreio fez a leitura da história *Sapo é sapo*, da autoria de Max Velthuijs.

A educadora realizou ainda duas atividades, desenvolvendo a memória visual e o sentido de audição. A primeira tinha como objetivo que a criança vendada descobrisse qual o colega de turma que mudou de lugar. Já a segunda, tinha como objetivo também que a criança vendada descobrisse, apenas através do som, qual dos instrumentos musicais tinha sido tocado.

### **20 de março de 2012**

A manhã deste dia foi direcionada numa aula que eu dei sobre os cereais.

No Domínio da Matemática trabalhei quantidades através de situações problemáticas, com o 3.º e 4.º Dons de Froebel. Comecei por colocar algumas questões sobre as regras de uso e algumas características do material. Solicitei a construção da camioneta e da mobília de sala, tendo apenas realizado a primeira.

De seguida, na Área de Conhecimento do Mundo conficionei, com a turma, pão, fazendo eu mesma uma dramatização de pasteleiro. Distribui a cada criança um chapéu de pasteleiro feito com cartolina branca, de modo a serem os meus ajudantes. Cada um deles moldou a massa do pão a seu gosto.

Por último, no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, com as crianças sentadas em forma de U nas cadeiras, fiz a leitura através de *powerpoint* da história *A galinha ruiva*. Após a leitura coloquei algumas questões acerca da história e

preparei uma atividade. Esta consistia em ordenar as imagens espalhadas pelo chão de acordo com o processo do ciclo do pão.

**No dia 23 de março de 2012 não pude comparecer ao estágio.**

#### **4.<sup>a</sup> secção – Bibe azul B (5 anos de idade)**

Este quarto momento de estágio, no Jardim-Escola aconteceu na sala do bibe azul (5 anos de idade). Começou no dia 10 de abril de 2012 e terminou a 22 de junho do mesmo ano.

##### **4.1. Caraterização da turma**

De acordo com as informações fornecidas pela educadora da sala, a turma do bibe azul B é constituída por 27 crianças, sendo 16 do sexo masculino e 11 do sexo feminino. É uma turma relativamente homogénea em termos de idades, pois todas as crianças nasceram entre janeiro e dezembro de 2006.

Os elementos da turma não revelam grandes disparidades de aprendizagem e comportamento, embora existam algumas crianças com mais dificuldades e outras mais desenvoltas. A turma é interessada, colaborativa e participativa, em todas as atividades. Há crianças com grande capacidade criativa e imaginativa, são atentas de um modo geral e denotam capacidade de memorização e de associação de ideias. Apresentam facilidade de comunicação e um bom vocabulário.

A nível afetivo, a turma revela-se sem grandes problemas de relacionamento entre os elementos que a constituem. Com a educadora relacionam-se de forma carinhosa e exteriorizam-no diariamente através de desenhos, palavras, afetos ou outras atitudes.

##### **4.2. Caraterização do espaço**

A sala de aula dispõe de um espaço amplo e de uma boa iluminação natural. A sala é composta por 14 mesas, onde em cada uma se senta um par de crianças (Figura 23).

A sala apresenta dois quadros, uma secretária para a educadora, dois placards para expor trabalhos, três armários para arrumar materiais, brinquedos, trabalhos e os dossiês da turma.

Segundo Sanches (2001, p.19) “a organização da sala de aula tem a ver com o clima que se quer criar e o clima da aula é um dos factores mais importantes no desencadeamento das aprendizagens.”

A disposição da sala é variável ao longo do dia e do ano, de acordo com as necessidades inerentes às próprias crianças, quer de evolução de aprendizagem, quer a necessidade de gestão das relações entre crianças e entre crianças e a educadora, assim como se adequa à atividade que a educadora está a fazer (trabalhos de grupo, aulas com materiais de matemática, Expressão Plástica...).



Figura 23 – Sala do bibe azul B

#### **4.3. Rotinas**

As rotinas da turma do bibe azul B são idênticas às da turma do bibe encarnado B, exceto a hora de almoço, que é efetuada na própria sala de aula.

#### **4.4. Horário da turma**

No Quadro 5 está representada a distribuição das atividades da turma do azul B ao longo da semana e do dia.

Quadro 5 – Horário da turma do bibe azul B

	2.º Feira	3.º Feira	4.º Feira	5.º Feira	6.º Feira
9h15 10h	Matemática	Leitura e escrita / Desenvolvimento verbal	Matemática	Leitura e escrita	Leitura e escrita
10h10 11h	Leitura e escrita / Iniciação Musical	Leitura e escrita	Leitura e escrita	Leitura e escrita	Leitura e escrita / Educação Física
11h10 12h	Iniciação Musical / Leitura e escrita	Matemática	Leitura e escrita	Matemática	Educação Física / Matemática
12h 14h	Almoço / Recreio	Almoço / Recreio	Almoço / Recreio	Almoço / Recreio	Almoço / Recreio
14h10 15h	Conhecimento do Mundo	Informática	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo
15h10 16h	Estruturação espácio- temporal	Conhecimento do Mundo	Jogos de interior	Expressão Plástica	Expressão Dramática
16h 16h30	Inglês	Dinamização da leitura / Biblioteca	Desenvolvimento da motricidade	Estimulação à leitura	Assembleia de turma
16h30 17h	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche

#### 4.5. Relatos diários

##### 10 de abril de 2012

Este foi o primeiro dia de contacto com esta turma. O dia começou com as apresentações (turma, educadora, estagiárias), mas em particular do novo elemento da turma, uma criança vinda do centro de acolhimento temporário (CAT).

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a educadora começou por distribuir uma proposta de atividade, para trabalhar a letra /m/ (metil). As crianças tinham de descobrir na sopa de letras a palavra *maçã* e, de seguida, escrever por baixo esta mesma palavra com letra bicuda e com letra cursiva. Enquanto efetuavam a proposta de atividade, a educadora foi chamando grupos de quatro crianças para fazerem a leitura da lição do /c/

(figura 24) na Cartilha Maternal João de Deus (Figura 25), de grande dimensão exposta num cavalete.

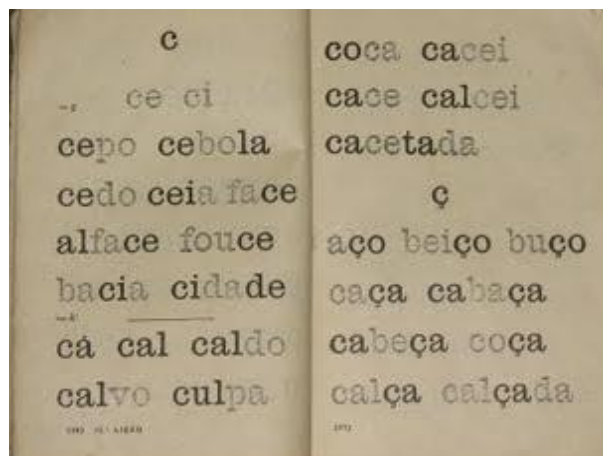


Figura 24 – Cartilha Maternal (lição do /c/)

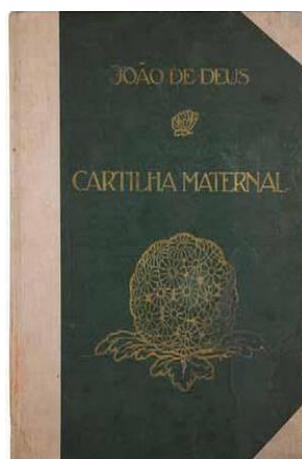


Figura 25 – Cartilha Maternal João de Deus

A educadora pediu a colaboração da minha colega de grupo de estágio e a minha para individualmente ouvirmos a leitura de uma frase de um livro de 1.º ano.

### **Inferências e fundamentações**

O primeiro impacto que tive com a turma foi positivo. A turma demonstrou interesse em querer saber os nossos nomes e o tempo que íamos permanecer com eles. Relativamente à educadora, já a conhecia por ter sido minha professora na ESEJD. Deixou-nos à vontade para podermos consultar os dossiês das crianças e para esclarecermos qualquer dúvida que surgisse durante o estágio.

Já em relação ao impacto da turma com o novo elemento, o mesmo não se verificou. Numa primeira observação desta criança, verifica-se através das suas atitudes e ações, que é extremamente simpática, humilde, com uma grande vontade de aprender. Porém, também se verifica que é uma criança irrequieta, curiosa, com algumas dificuldades em aceitar novas regras de comportamento.

A meu ver, estas dificuldades resultam da mudança na vida desta criança, relativamente a esta entrada repentina numa turma, mas os outros elementos da turma comentavam entre si alguns dos comportamentos observados, havendo mesmo uma situação, em que uma das crianças se recusou a sentar a seu lado.

Na Área de Expressão e Comunicação, do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a educadora trabalhou com a Cartilha Maternal João de Deus e de acordo com o método de leitura João de Deus.

Ruivo (2009, p. 118), desmistifica a diferença entre Cartilha João de Deus e Método João de Deus, afirmando “cartilha é o suporte físico do método, uma coisa não existe sem a outra, sendo que podem fisicamente estar separadas, mas quem não compreender o método dificilmente fará bom uso da cartilha”.

Deus (1997, p. 10), acrescenta:

A base do método João de Deus é a análise da língua, feita através dum processo sério e graduado que se baseia num raciocínio lógico. A descoberta de valores e regras a aplicar é um jogo que as crianças vão progressivamente descobrindo, numa atitude construtiva que lhes dá muita satisfação. (p.10)

Segundo o mesmo autor (1997, p.19), o aspeto da cartilha na sala de aula deve ser de grandes dimensões “o livro deve ser grande, bem impresso, com letras que facilmente fixem a atenção da criança”.

Ruivo (2009, p.133) afirma também sobre este aspeto, que “um livro de grandes dimensões permite estabelecer uma relação próxima com as crianças, proporcionando uns momentos interactivos e dinâmicos com o grupo, respeitando cada uma”.

Este método nos Jardins-Escolas João de Deus, é posto em prática no bibe azul, ou seja, com crianças de 5 anos de idade. Estas crianças vão aprendendo as lições e, no decorrer destas, vão lendo palavras. Nas últimas lições deste método, inicia-se a leitura de simples frases. A educadora, ao pedir aos seus alunos para lerem frases de livros de 1.º ano, está a estimular e a criar o gosto pela leitura. Esta é também uma forma de orientar as crianças para o próximo ano de escolaridade, deixando-as mais preparadas para esta grande mudança a nível escolar.

### **13 de abril de 2012**

A educadora iniciou a manhã com a leitura das lições da Cartilha Maternal João de Deus em pequenos grupos e, enquanto isso, solicitou às estagiárias para executarem com a turma uma atividade individual do domínio da linguagem oral e abordagem à escrita. A atividade consistia em fazer corresponder imagens à respectiva palavra/legenda e de seguida escrever novamente a palavra juntando sílabas.

Esta tarde não estive com os alunos da turma do bibe encarnado B.

Durante a tarde todas as turmas do pré-escolar se reuniram no ginásio, para assistirem a uma palestra sobre *Os piolhos*.

De regresso à sala de aula, a educadora solicitou a minha ajuda para pintar um cenário.

Esta tarde estive com os alunos da turma do bibe encarnado B, a compensar horas de faltas.

### **Inferências**

As palestras devem abordar temas do quotidiano das crianças, pois estas têm como objetivos pedagógicos, o dever de informar, esclarecer, consciencializar as crianças, sobre a realidade que os rodeia.

A palestra sobre os piolhos foi de extrema importância para a faixa etária em questão, uma vez que o grupo mais afetado por estes parasitas tem idade pré-escolar. A abordagem de todos os itens sobre os piolhos, fez com que as crianças ficassem mais informadas e mais esclarecidas sobre este assunto. No fim, as crianças puderam participar, colocando algumas questões pertinentes.

### **16 de abril de 2012**

Na primeira parte da manhã, enquanto grupos de três elementos faziam como habitualmente a leitura das lições da Cartilha Maternal, a restante turma fez uma ficha de trabalho proposta pela educadora. A minha colega de estágio e eu estivemos a ouvir individualmente as crianças, nas lições das letras /n/ (nenhetil), /c/ (cekêxe) e palavras esdrúxulas.

Na segunda parte da manhã, a educadora preparou uma atividade coletiva do Domínio da Matemática. Esta consistia em observar uma peça selecionada do jogo dominó e fazer o cálculo mental, somando o número total de pintas. Aumentando o grau de dificuldade, a educadora acrescentou três peças de uma só vez.



## **Inferências e fundamentações**

A educadora aproveitou o uso de um jogo conhecido pelas crianças para preparar uma atividade. Embora o objetivo desta, comparada com o próprio dominó tenha sofrido algumas alterações, as crianças facilmente reconheceram as peças do jogo e perceberam o que lhes foi solicitado.

Para Piaget, os jogos das crianças dividem-se em três categorias: os jogos de exercício, os jogos simbólicos e o jogos de regras. De acordo com os conceitos que Piaget atribui a cada um destes, o tipo de jogo praticado nesta manhã foi o jogo simbólico.

Segundo Piaget (citado em Mendonça, 1997, p.34), o jogo simbólico “ocupa predominantemente a actividade da criança dos três aos seis anos ... é um jogo em que a criança atribui uma nova função a um objeto ... surge na criança quando ela adquire a noção de representação”.

O cálculo mental, ao ser trabalhado com este material estimulante, fez com que a turma se mostrasse motivada a participar.

Segundo Antunes (2003, p. 41), um dos elementos que condicionam a aplicação dos jogos é a capacidade de se constituir em um fator de autoestima do aluno “Jogos extremamente “fáceis” ou cuja solução se coloque acima da capacidade de solução por parte do aluno causam seu desinteresse e, o que é pior, sua baixa autoestima, associada a uma sensação de incapacidade ou fracasso.” O autor acrescenta ainda que a “acuidade e perspicácia de observação do professor pode ... criar estratégias mais complexas, se julga de fácil solução.”

O facto de a educadora ter começado com cálculos simples, e indo aumentado o grau de dificuldade, contribuiu também para que a turma se mostrasse empenhada, visto todas as crianças terem conseguido dar uma resposta.

## **17 de abril de 2012**

Mais uma vez, enquanto as crianças davam a sua lição em frente à Cartilha grande que existe na sala, a minha colega e eu estivemos a ouvir individualmente a leitura de frases das crianças que já haviam terminado a Cartilha Maternal João de Deus. A leitura foi feita a partir do livro de Ensino Básico *Pirilampo 1*, da autoria de Noémia Torres. No fim, fizemos a estimulação à leitura, pedindo o singular/plural de palavras, a identificação de acentos agudos e graves, assim como a identificação de letras maiúsculas e minúsculas.

Posteriormente a educadora fez a leitura da lengalenga *O castelo de Chuchurumel*, da autoria de Luísa Ducla Soares. Lendo novamente a lengalenga, apelou à ajuda da turma para, em conjunto, dizerem sempre o último verso de cada estrofe.

Depois do recreio, a educadora utilizou para a sua aula do Domínio da Matemática o material estruturado Tangram (Figura 26). A educadora começou por contar a lenda do Tangram.

De seguida, seleccionou uma criança para lançar um dado com 6 figuras diferentes em cada face. Consoante a figura que saía, tinham de a reproduzir com as peças do Tangram. Por último, com papel *origami*, as crianças fizeram as dobragens das peças do Tangram e depois recortaram-nas com tesoura.

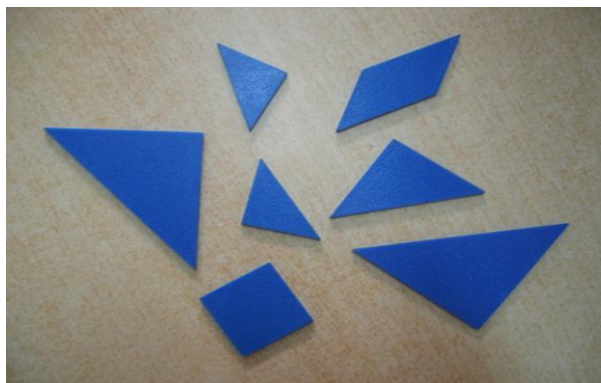


Figura 26 – Tangram

### **Inferências e fundamentações**

Sendo as lengalengas, poemas com versos curtos que normalmente rimam e se repetem, permitem exercícios de memorização que as crianças decoram com facilidade. Algumas lengalengas estão associadas a brincadeiras e jogos, o que também contribui como elemento de motivação.

Parafita (1999, p.86), define o termo lengalenga como “jogos de palavras, com rimas e ritmos intensos, usados pelas crianças ou pelos adultos na relação com elas.” Adolfo Coelho, citado em Parafita, acrescenta ainda “ter grande sentido o facto de as rimas infantis terem muito pouco sentido”.

As lengalengas são muito importantes no desenvolvimento das crianças, pois permitem trabalhar a imaginação e a linguagem. A nível da aprendizagem as lengalengas ajudam as crianças através da memorização, pois estas baseiam-se na repetição de sons, palavras, rimas ou expressões, tendo elas sentido ou não.

Para Agüera (2008, p.29), “As lengalengas repetidas, pelas suas características, pela sua simplicidade, pelo seu ritmo e musicalidade, são uma boa estratégia para as crianças.”

Na aula do Domínio da Matemática, a educadora trabalhou com o material estruturado Tangram, formado por 7 peças (2 triângulos grandes, 1 triângulo médio, 2 triângulos pequenos, 1 quadrado e um paralelogramo).

A educadora começou por distribuir a cada aluno um envelope, que continha no seu interior as peças do Tangram. Observei que cada criança tinha o material numa só cor. Assim, torna-se mais fácil identificar as peças se estas se misturarem com as de outro colega.

A estratégia que utilizou para a atividade, recorrendo ao uso de um dado para reprodução de figuras, criou algum suspense, acabando mesmo por cativar a turma.

## **20 de abril de 2012**

Este dia começou com uma atividade minha para a turma: fiz a leitura de uma história e uma atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, trabalhando os três valores do /s/ (ceçêxe). Comecei por mostrar o livro e colocar algumas questões implícitas na capa e na contracapa. Assim, apenas observando as imagens, sem lerem o título da história, ouvi algumas sugestões para o seu conteúdo e título. Seguidamente, iniciei a leitura do livro *História de uma nuvem*, da autoria de António Torrado. Ao longo da história fui apelando à participação da turma para a repetição de uma frase, leitura de palavras e interpretação de imagens. No fim, apelando à imaginação das crianças, questionei individualmente cada uma sobre qual a cara que gostariam que tivesse a sua nuvem. Posteriormente pedi às crianças para retirarem de debaixo do tampo da mesa um cartão com o formato de uma nuvem e um envelope com palavras, para a realização de uma atividade. Esta consistia em fazer a correspondência entre as palavras e as imagens presentes no cartão.

Após a aula de Expressão Físico-Motora, a educadora realizou um ditado gráfico, através do qual as crianças desenharam 14 alfaces, 13 cenouras e 11 couves.

## **Inferências**

Ao preparar a minha atividade para a turma, tive em atenção as lições a que todas as crianças já haviam chegado, para que todas pudessem participar.

O ditado gráfico no processo de ensino-aprendizagem tem como função, ajudar as crianças na construção do sistema fonético e gráfico e também o de avaliação. Através da

atividade do ditado gráfico, a educadora poderá avaliar vários parâmetros de cada elemento da turma, como motricidade fina, estruturação espacial, capacidade de concentração e atenção, memória visual, cálculo mental e identificação de diferentes quantidades numéricas. Deste modo, a educadora pode detetar as maiores dificuldades das crianças e criar atividades que permitam combatê-las.

## **23 de abril de 2012**

Na manhã deste dia, enquanto os diferentes grupos faziam a leitura da sua lição na Cartilha Maternal, a minha colega e eu estivemos a ouvir individualmente as crianças a lerem palavras nas lições /r/ (rerê) e do /m/ (metil).

De regresso do recreio, as crianças estiveram a trabalhar com os calculadores multibásicos o jogo da base 4 e da base 10.

## **Inferências e fundamentações**

Na metodologia João de Deus, as lições da Cartilha Maternal são dadas em grupos de três ou quatro elementos. Na turma existem crianças com níveis de aprendizagem mais/menos avançados, fazendo com que os mais desenvolvidos consigam ajudar os mais retraídos.

Deus (1997, p.19), refere “as lições são dadas a grupos de três ou quatro crianças ... essa pequena equipa, que funciona como tal, torna as lições mais vivas, e equilibra em interacção o comportamento individual de cada aluno.”

De acordo Ruivo (2009, p. 119), as crianças “em diálogo vivo com a educadora aprendem a lição. Lição curta e diária que a criança vivencia em pequenos grupos e num espaço de tempo reduzido mas o suficiente para a aprendizagem da regra.”

Na atividade do Domínio da Matemática, a educadora seleccionou algumas crianças, para representarem no quadro as respetivas operações e resultados, apresentados nas placas dos Calculadores Multibásicos. Uma destas crianças, ao escrever, inverteu alguns algarismos.

## **24 de abril de 2012**

A educadora iniciou a manhã com uma aula do Domínio da Matemática, onde utilizou o material estruturado Geoplano (Figura 27). Após colocar algumas questões

dirigidas sobre o material, a educadora solicitou às crianças para construírem com os elásticos uma figura representando uma casa.



Figura 27 – Geoplano

A aula foi interrompida, pois as turmas do bibe encarnado, do bibe azul e do 1.º ano reuniram-se todas no ginásio a fim de ouvirem uma palestra sobre o Arquipélago dos Açores.

De seguida, a educadora distribuiu uma ficha, onde as crianças tinham de completar um crucigrama. Para a criança que chegou no último período, a educadora distribuiu-lhe uma ficha diferente, que consistia em identificar a vogal /i/ e pintá-la de amarelo.

### **Inferências e fundamentações**

O geoplano é um material didático pedagógico, que pode ser constituído por diferentes materiais (madeira, plástico ...) e por diferentes formas (quadrangular, retangular ...). São também constituídos por elásticos de várias cores e tamanhos. A superfície deste material lúdico é composta por “pregos” que se encontram à mesma distância uns dos outros.

Segundo Caldeira (2009b, p.409), geoplano “é um recurso manipulativo, para observação e análise das figuras geométricas”. O mesmo autor defende ainda que as atividades trabalhadas com este material desenvolvem nas crianças, a coordenação visual-motora, definindo-a como “a capacidade de coordenar a visão com os movimentos do corpo e a percepção figura-fundo, desenvolvida através destas atividades, é algo que deve ser estimulada desde os primeiros anos de vida.”

Por sua vez, Matos e Serrazina (1996, p. 271), acrescentam “muitas vezes, ao iniciarmos o estudo da geometria, não nos preocupamos em saber se os alunos são capazes de coordenar a visão e os actos motores.”

Os geoplanos trabalhados esta manhã pelas crianças eram de plástico e quadrangulares. Este não foi o primeiro contato que a turma teve com este material, talvez por isso não tenha sentido muitas dificuldades em manuseá-lo.

## **27 de abril de 2012**

A manhã deste dia, foi reservada para a minha aula sobre os bichos-da-seda.

Iniciei a aula com a Área de Conhecimento do Mundo, onde através de um *powerpoint* coloquei uma adivinha para chegarem ao tema da aula e explorei, a partir de imagens, as características principais dos bichos-da-seda. Levei, para as crianças poderem manusear, folhas de amoreira, lenços de seda e bichos-da-seda.

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita fiz a leitura da história *A lagartinha muito comilona*, da autoria de Eric Carle e uma atividade que consistia na leitura das palavras ovo/lagarta/casulo/borboleta e, posteriormente, na ligação das palavras com as respetivas imagens, colocando-as, ordenadamente, de acordo com o processo de metamorfose.

Para finalizar, no Domínio da Matemática, trabalhei com o material estruturado 3.º e 4.º Dons de Froebel e com outro material não estruturado, formado por imagens de lagartas e de borboletas. Através de uma história, solicitei a construção da ponte baixa e efetuei algumas situações matemáticas.

Da parte da tarde, decorreu uma reunião no Museu da ESEJD com as professoras da equipa de supervisão e com todas as estagiárias de Mestrado em Educação Pré-Escolar.

## **Inferências e fundamentações**

O mundo está sempre em constante evolução, por isso é importante que todos os cidadãos se encontrem atualizados com a realidade, neste caso, refiro-me especificamente ao uso de novas tecnologias. Hoje em dia, uso dos computadores é utilizado por diferentes profissionais, incluindo docentes. Como futura educadora, gosto de estar a par da atualidade e, como tal, recorri ao uso do *powerpoint* para mostrar algumas fotos de bichos-da-seda, através das quais discursiei sobre as suas principais características e o seu processo de metamorfose. Contudo, também achei importante levar para a sala de aula o próprio

animal, para que as crianças o pudessem observar de perto e ao vivo. Sempre que possível, é importante levar para as salas de aulas, todo o material referente ao tema da aula.

Iniciei a aula, lançando o desafio de uma adivinha para descoberta do tema a abordar no decorrer da aula. Após a leitura desta, surgiram variadas respostas, tais como, borboleta e cobra. As respostas dadas pelos alunos foram curiosas, pois de certa forma estes animais estão relacionados com o bicho da seda (no fim de vida o bicho da seda transforma-se em borboleta e a cobra tem um corpo semelhante).

Parafita (1999), define adivinha como:

Um texto de curta extensão, geralmente rimado e com um sistema métrico bem organizado, o que torna fácil de fixar e de transmitir. Na medida em que obriga o ouvinte a pensar num referente ou numa resposta que está para além de uma decifração meramente linguística. (p.86)

Na reunião do Museu da ESEJD recebemos a classificação relativa ao último momento de estágio. Esta reunião foi importante, pois foram tiradas algumas dúvidas, partilhados alguns episódios vivenciados mas, acima de tudo, ficámos a ter um feedback da nossa prestação no segundo momento de estágio.

#### **4 de maio de 2012**

Esta manhã foi reservada para uma das minhas colegas de estágio dar aula sobre a praia e as regras de segurança.

A colega introduziu a aula de Conhecimento do Mundo, passando no computador o som das ondas do mar, através do qual a turma teria de adivinhar o tema da aula. Após a descoberta, a colega dialogou com as crianças e deixou-as falar ordeiramente das suas experiências de vida relacionadas com o tema. De seguida mostrou e falou sobre as imagens expostas a partir do *powerpoint*, nomeadamente sobre os cuidados a ter na praia. Mostrou uma maquete representando a praia, pedindo para as crianças colocarem as bandeiras de acordo com os dados indicados por ela.

Passando para o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a colega fez a leitura da história *O rato marinho*, da autoria de Luísa Ducla Soares. Terminada a leitura, propôs uma atividade que consistia em recontar a história colocando imagens ordenadas de acordo com as ações passadas no decorrer da mesma.

Por último, no Domínio da Matemática, a colega trabalhou com o material estruturado Cuisenaire através do qual solicitou às crianças a construção e análise de um gráfico de barras.

## **Inferências**

O recontar da história através de imagens é uma boa estratégia para ficarmos a saber se a turma conseguiu interpretar a história e se retirou dela alguma mensagem. A colega, ao pedir para algumas crianças ordenarem sequencialmente as imagens de acordo com as ações da história, trabalhou a memória, a estruturação temporal e os elementos da narrativa (introdução, desenvolvimento e conclusão).

## **7 de maio de 2012**

A primeira parte da manhã foi destinada à realização de uma ficha de trabalho, em que as crianças tinham de completar as palavras com as sílabas em falta. Como habitualmente as crianças, em pequenos grupos, estiveram com a educadora a rever as suas lições na Cartilha Maternal.

Todas as turmas do pré-escolar foram chamadas ao ginásio para assistirem a uma apresentação sobre os cuidados a ter com o Sol.

De regresso, na aula de Expressão Musical, o professor fez exercícios sobre os valores das notas musicais e sobre o nome de músicas, através do batimento de palmas.

Depois da aula de Expressão Musical, a educadora fez alguns exercícios de cálculo mental.

## **Inferências e fundamentações**

Na aula de Expressão Musical, o professor observou que três elementos da turma, não estavam a fazer corretamente o exercício, “obrigando-os” a repetir várias vezes o mesmo procedimento até alcançarem o pretendido.

Para Antunes (2003, p.136), é desnecessário referir que a finalidade dos treino de exercícios de expressão musical “não é a de tornar os alunos “músicos” ou “compositores” e sim abrir a janela de sua inteligência para descobrir e para instrumentalizar a magia e o encantamento da linguagem sonora”. O mesmo acrescenta ainda “caberá ao próprio aluno prosseguir ou não seu aprimoramento sonoro, eventualmente apreendendo composição ou instrumento musical”.

Cada uma das crianças tem os seus gostos próprios, interessando-se mais por umas coisas do que por outras. No caso da música, pode haver crianças desde os primeiros anos de vida, que tenham criado paixão pelo som, como também podem ocorrer casos de crianças que mostrem desagrado. Por este motivo, o professor de Expressão Musical deve ensinar, cativando toda a turma, indo ao encontro dos interesses individuais e do grupo.



**8 de maio de 2012**

A educadora iniciou a manhã dando uma aula na Área de Conhecimento do Mundo sobre as tartarugas, os cágados e os jabutis (Figura 28).



Figura 28 – Jabuti

Começou por pedir a uma criança para fazer a leitura do título exposto no *powerpoint*, revelando o tema da aula. Através das imagens a educadora foi explorando e comparando as características destes três animais. De seguida, a educadora mostrou à turma um cágado.

Posteriormente a educadora distribuiu uma ficha de trabalho, onde a turma teria de fazer o percurso da tartaruga até à flor.

### **Inferências e fundamentações**

A educadora, ao iniciar a aula na Área de Conhecimento do Mundo, pedindo a uma criança para ler as três palavras do título (tartaruga, cágado e jabuti) estava a fazer interdisciplinaridade com o domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, estimulando o seu gosto pela leitura.

Após a descoberta do tema da aula, a educadora questionou a turma se estes três animais eram do conhecimento de todos. Todas elas responderam que sim em relação às tartarugas e aos cágados. Algumas crianças partilharam que já tinham tido ou que ainda os têm como animais de estimação, outras apenas os conheciam através de imagens.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009, p.79), relativamente na área de conhecimento do mundo “a criança quando inicia a educação pré-escolar já sabe muitas coisas sobre o “mundo” ... a curiosidade natural das crianças e o seu desejo de saber é a manifestação da busca de compreender e dar sentido ao mundo.”

A grande curiosidade, neste caso, recaiu sobre o jabuti, por ser de todos o menos conhecido e falado no quotidiano.

De acordo com as metas de aprendizagem Pré-Escolar, na Área de Conhecimento do Mundo, no domínio de conhecimento do ambiente natural e social, a criança no final da educação pré-escolar deve ser capaz de:

Meta final 23 – “... a criança verifica que os animais apresentam características próprias e únicas e podem ser agrupados segundo diferentes critérios”;

Meta final 24 – “a criança identifica as diferentes partes constituintes de vários tipo de animais e reconhece alguns aspectos das suas características físicas e modos de vida”.

É com atividades, como as realizadas no decorrer desta aula, que as crianças conseguiram atingir com sucesso estas duas metas finais.

Sempre que seja possível, acho muito importante que o educador leve para a sala de aula, todo o material referente ao tema da aula, para que os alunos o possam observar e manusear no concreto. As imagens podem ser de muito boa qualidade, mas o facto de as crianças puderem observar de perto e manusear é fundamental para alargar o seu conhecimento científico.

## **11 de maio de 2012**

Hoje uma das minhas colegas de estágio deu uma manhã de aulas sob o tema: o elefante africano e o elefante asiático.

A colega iniciou com a Área de Conhecimento do Mundo, onde as crianças teriam de adivinhar qual o tema da aula a partir de um puzzle. Depois de lançado um dado, consoante o número que saía, ia sendo revelada parte da imagem, até esta ser revelada por completo. Seguiu-se uma apresentação em *powerpoint* onde, a partir de imagens, a colega explorou e comparou as características principais destes dois animais.

Passando para o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a colega apresentou um álbum criado pela própria, com a história *Todos no sofá*, da autora Luísa Ducla Soares. Como atividades, propôs à turma a realização de um crucigrama, que seria completado com a ajuda de letras móveis.

No Domínio da Matemática, as crianças realizaram as construções da camioneta e do poço, com o 3.º e 4.º Dons de Froebel. No decorrer de uma história, a colega ditou algumas situações problemáticas, através das quais as crianças trabalharam com auxílio de imagens de elefantes.

Para finalizar esta manhã, houve a reunião entre as professoras da equipa de supervisão da ESEJD, e as estagiárias de mestrado.

## **Inferências e fundamentações**

A estratégia do dado, que a colega utilizou na Área de Conhecimento do Mundo, não foi muito bem-sucedida, uma vez que ao lançar o dado por duas e três vezes o número saiu repetido. Contudo a colega soube improvisar, substituindo o dado por alguns exercícios de cálculo mental.

As reuniões após as aulas supervisionadas pelas professoras da equipa de supervisão pedagógica são de extrema importância para nós. Durante as reuniões são ouvidas as opiniões das estagiárias que deram aula, das colegas e das professoras de supervisão que assistiram, ou seja, é feita uma auto e uma hetero avaliação.

Segundo Hoover, O'Shea e Carol (citado em Jacinto, 2003), o orientador de supervisão adota um estilo ativo e direto ao interagir com o estagiário:

Informando o estagiário acerca do que fez correctamente ou incorrectamente e prescrevendo-lhe o que fazer e não fazer. Em certos casos, a prescrição é acompanhada da interpretação da aula, de encorajamento e de um estilo indirecto, que se manifesta através de questões que coloca ao estagiário e do grau de receptividade às respostas e ideias do professor em formação. (p.41)

É importante conseguirmos ser humildes e aceitarmos as opiniões que nos são dadas, sejam elas sobre aspetos bons ou a melhorar. Vejo os aspetos a melhorar como algo que possa ser evitado no futuro.

Vieira, citado por Jacinto (2003, p.41), refere “o orientador veicula uma imagem de detentor do poder e do saber, dando lições de bom profissionalismo ao estagiário e funcionando frequentemente como modelo a seguir.”

Por isso acho importantes estas reuniões, porque podemos sempre aprender algo novo.

## **14 de maio de 2012**

Neste dia a educadora começou por chamar um grupo de três alunos para fazerem a revisão da sua lição da Cartilha Maternal João de Deus. Fizeram a revisão da letra /c/ (cekêxe) e a educadora fez a apresentação do 1.º valor da letra /g/ (jêgue). Logo de seguida pediu à minha colega de grupo de estágio e a mim para fazermos o mesmo com outras crianças.

Após o recreio, e porque faltou o professor de Expressão Musical, a educadora pediu-me para dar uma aula. contei a lengalenga *A velha e a bicharada*, com o auxílio de imagens de animais. No final, escrevi no quadro o nome de um animal (lobo) e pedi para

uma criança ler. Todos em conjunto repetimos a lengalenga, acrescentando uma nova estrofe dizendo que o lobo uivava. A educadora pediu-me para continuar a aula, fazendo a revisão da lição da Cartilha da letra /r/ (rêre), com três elementos da turma.

### **Inferências e fundamentação**

Segundo Niza et al (1998, p.26), “consideram que na aprendizagem de qualquer habilidade existem três fases: cognitiva, domínio e automatização.”

Downing (citado em Niza 1998, p.27), referem “Muitas das dificuldades na aprendizagem da linguagem escrita resultam da persistência da confusão cognitiva, ou seja, ligam-se a incertezas conceptuais por parte das crianças quanto aos objectivos e à natureza da linguagem escrita.”

De acordo com o que os autores acima mencionam, ao fazer a revisão de Cartilha, posso concluir que dois dos elementos com quem trabalhei estão na fase de domínio “fase de treino e de aperfeiçoamento” e o outro está na fase de automatização “momento em que deixa de ser necessário o controle consciente para operar com a habilidade pretendida”.

Considero que a minha prestação nesta aula foi positiva, pois consegui cumprir com todos os objetivos solicitados pela educadora e a turma esteve sempre participativa. No final da aula, a educadora deu a sua opinião, anotando os aspetos positivos e alguns a melhorar. Acho que as aulas-surpresa nos ajudam a estarmos mais preparadas para quaisquer eventualidades que possam surgir ao longo da nossa carreira profissional.

### **15 de maio de 2012**

Para a manhã deste dia preparei para a turma uma proposta de atividade do Domínio da Matemática. Esta constava de uma situação problemática, que podia ser resolvida através de uma adição ou de uma multiplicação. No fim foi feita a correção no quadro, através das duas operações e do auxílio de imagens de flores. Para a criança com dificuldades preparei outra proposta, que consistia na contagem do número de pétalas da planta e sua decoração.

Depois do recreio, as crianças estiveram a copiar do quadro um grafismo que eu mesma fiz.

## **Inferências**

Quando um educador programa a sua aula, deve ter em atenção uma série de fatores, entre os quais, se a faixa etária se adequa às atividades propostas. Este foi também um dos cuidados que tive ao realizar estas propostas de atividade. Numa turma, podem-se encontrar alunos, com diferentes graus de dificuldade, contudo não vamos estar a fazer fichas individuais para cada um, temos de encontrar forma de cativar os mais desenvolvidos e de ajudar os mais retraídos. A proposta de atividade, deve ser diferente para determinado aluno, se este não tiver capacidades para a resolver porque, deste modo, vamos contribuir para que esta criança tenha uma baixa autoestima. Contudo, há sempre algumas atividades que podem ser iguais até para estes alunos, como por exemplo, cantar canções, distribuir materiais, entre outras.

## **18 de maio de 2012**

Nesta manhã de estágio, a educadora iniciou a aula com a Área de Conhecimento do Mundo falando sobre o pinheiro.

Começou por fazer uma apresentação em *powerpoint*, através da qual mostrou e comparou imagens do pinheiro bravo e manso, como também mostrou imagens e dialogou com a turma sobre a sua utilidade para o ser humano. A educadora levou, para as crianças poderem explorar, um pequeno pinheiro, pinhas e distribuiu pinhões para que todos pudessem provar. No fim, a educadora propôs uma atividade experimental a pares, que consistia em borrifar com água uma pinha e observar o sucedido após algumas horas.

Depois da hora de almoço, a turma esteve a fazer jogos tradicionais com a educadora, com as minhas colegas de grupo de estágio e comigo.

## **Inferências e fundamentações**

Quando as experiências são feitas em grandes grupos, deve haver a preocupação do educador para disponibilizar recursos a todas as crianças. Como seres curiosos que são, gostam de mexer, experimentar e observar por elas mesmas o que vai acontecer. A educadora começou por explicar os procedimentos desta experiência, de seguida deixou os alunos executá-la e, por último, ouviu as opiniões de cada um sobre o que iria suceder, deixando-os todos na expectativa.

Para Kishimoto (2000, p.15), o jogo tradicional infantil “assume características de anonimato, tradicionalidade, transmissão oral, conservação, mudança e universalidade.”

Os jogos tradicionais, são jogos que foram criados ao longo dos anos e que foram sendo passados de geração em geração, por isso ainda hoje são praticados. O mesmo autor acrescenta (2000, p.15), “os jogos são transmitidos de geração em geração através de conhecimentos empíricos e permanecem na memória infantil. Muitos jogos preservam sua estrutura inicial, outros modificam-se, recebendo novos conteúdos.” É importante as crianças conhecerem e praticarem jogos da atualidade, contudo, também devem praticar os jogos tradicionais, para estes não serem esquecidos, ou então, de acordo com o que afirma o autor, ajustar os jogos tradicionais ao cotidiano das crianças.

## **21 de maio de 2012**

A manhã deste dia foi reservada para a aula de uma das minhas colegas de estágio, sobre o urso formigueiro.

A colega iniciou a sua aula com a Área de Conhecimento do Mundo, ouvindo as concepções alternativas e experiências vivenciadas das crianças acerca do tema da aula. De seguida, fez a apresentação em *powerpoint* das características gerais deste animal e passou um curto filme mostrando a sua locomoção.

Para o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a colega fez a leitura da história *O urso e a formiga*, da autoria de Luísa Ducla Soares. Durante a leitura, apelou à participação da turma, na repetição de partes do texto. Posteriormente a colega tinha preparada uma proposta de atividade, que consistia em ordenar sílabas e escrever o nome das personagens da história.

Por último, no Domínio da Matemática as crianças realizaram um itinerário com o material estruturado Cuisenaire. Através de situações problemáticas a colega foi dando as indicações para que as crianças conseguissem que o urso formigueiro chegasse à sua habitação.

Terminadas todas as aulas desta manhã, ocorreu a reunião das professoras da equipa de supervisão da ESEJD, com todas as estagiárias de mestrado para reflexão e avaliação das aulas dadas.

## **Inferências e fundamentações**

Como já referi anteriormente, acho fundamental que o educador leve para a sua sala de aula, todo o tipo de material que englobe o tema da aula. Contudo, quando isso não é possível, como seria o caso da minha colega mostrar à turma um urso formigueiro real,

acho que através do filme os alunos puderam ter uma noção mais precisa deste animal, em particular da sua locomoção.

Com o material estruturado Cuisenaire podem ser trabalhados inúmeros conceitos matemáticos (noção de par/ímpar, dezena, dúzia, ordem crescente, decrescente ...), através de jogos e atividades. A colega, ao propor esta atividade através do itinerário, está não só a desenvolver a resolução de situações problemáticas, como segundo Moreira e Moreira (citado em Caldeira, 2009, p.173), “está a treinar a sua capacidade de visualização espacial”.

Para Matos e Serrazina (1996, pp. 271-274), existem sete capacidades relacionadas com a visualização espacial que são “a coordenação visual-motora ... a percepção figura-fundo ... constância perceptual ... percepção da posição no espaço ... percepção de relações espaciais ... discriminação visual ... e a memória visual.”

No final, a colega pediu para que, à medida que fossem retirando as peças, as pintassem de acordo com a cor correspondente.

## **22 de maio de 2012**

Mais uma vez, a educadora iniciou a manhã chamando grupos de três elementos, para fazerem a revisão das lições da Cartilha Maternal João de Deus. Entretanto, a minha colega e eu, fizemos, individualmente, ditados de frases simples retiradas do livro de Ensino Básico *Pirilampo 1*.

## **25 de maio de 2012**

A educadora solicitou às minhas colegas de grupo de estágio e a mim, para realizarmos uma atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, com 6 elementos da turma. Esta consistia no ditado de palavras, a partir das quais as crianças as teriam de escrever com letras móveis. Sempre que necessário, as minhas colegas e eu ajudávamos revendo algumas regras da Cartilha.

Quando regressaram da aula de Expressão Físico-Motora, a educadora fez uma apresentação em *powerpoint* sobre as baleias, abordando as suas características gerais e os perigos de extinção deste animal.

## **Inferências e fundamentações**

Ao ditar as palavras tentei dizê-las de forma lenta e perceptível, trabalhando assim o desenvolvimento da fonética.

O uso de letras móveis para a formação de palavras é uma forma lúdica das crianças desenvolverem a aprendizagem de escrita, identificando as letras que formam a palavra pretendida.

Segundo Torre (citado em Azevedo, 2000, p.67), “o professor pode valer-se do erro noutros sentidos ainda: analisando as causas, adotando uma atitude compreensiva, propondo situações para que o aluno descubra as suas falhas, utilizando-o como critério de diferenciação de processos de aprendizagem, uma vez que não se pode generalizar juízos sobre os erros dos alunos.”

No decorrer desta atividade observei que algumas crianças trocavam algumas letras. Quando isso ocorreu, coloquei algumas questões, tentando que a própria criança detectasse e corrigisse o seu erro.

## **28 de maio de 2012**

Na presente data, as crianças abriram a lição copiando a data completa do quadro para os seus cadernos, escrevendo-a com letra cursiva.

Seguidamente a educadora pediu à minha colega de grupo de estágio e a mim, para fazermos a revisão da lição do /s/ (cezêxe) escolhendo três elementos da turma.

Depois do recreio, a educadora ditou algumas situações problemáticas, através das quais as crianças tinham de apresentar as indicações e as operações com algarismos móveis.

Na hora de almoço tivemos a presença dos pais de uma das crianças que, inicialmente, terá de ser acompanhada por lhe ter sido diagnosticada diabetes tipo 1.

## **Inferências e fundamentações**

Na metodologia de escrita João de Deus, as crianças começam por escrever com a chamada letra bicuda, cuja caligrafia é particularmente inclinada. Só posteriormente começam a escrever com letra cursiva, também conhecida por muitos como letra à máquina. Neste tipo de letra, as palavras são ligadas umas às outras, permitindo que se escrevam com um único traço. Ao observar a escrita com estes dois tipos de letras, acho que esta metodologia é uma autoajuda para as crianças, contribuindo para o facilitamento da escrita.

A diabetes é uma doença crónica que se caracteriza pelo aumento dos níveis de açúcar no sangue. Esta é a definição mais comum, ouvida com mais frequência, embora se apresente muito incompleta.



Segundo o artigo do Programa Nacional para a Diabetes e Programa Nacional de Saúde Escolar, a diabetes tipo 1 é caracterizada “pela absoluta dependência de insulina para sobreviver. O tratamento, indispensável e insubstituível, é a administração de insulina de forma injetável, diariamente, por várias vezes, nomeadamente às refeições.”

Existe muito a ideia de que as crianças com este tipo de doença, têm limitações ao praticar certas atividades escolares. O mesmo artigo esclarece esta ideia referindo:

As crianças e jovens com diabetes tipo 1 adquirem progressivamente autonomia na gestão da diabetes e não têm qualquer impedimento à participação em todas as atividades escolares, nomeadamente de atividade física, devendo ter uma integração completa na vida normal da escola, sem qualquer discriminação.

Os docentes devem estar informados sobre esta e outras doenças, pois devem estar preparados para eventuais casos nas suas próprias turmas. O caso deste elemento da turma foi diagnosticado recentemente, apanhando a educadora da sala um bocado desprevenida. Os pais desta criança marcaram, com a educadora da sala e com outras educadoras, uma reunião, para as informar de todos os cuidados que devem ter com o seu educando e para retirar eventuais dúvidas sobre a doença.

## **29 de maio de 2012**

Este dia foi passado de forma diferente do habitual, pois as turmas do bibe azul tiveram uma visita de estudo à Oeste Infantil. As crianças participaram em experiências, peças de teatro, pinturas faciais e em variadíssimas outras atividades.

### **Inferências**

A Oeste Infantil, situada em Torres Vedras é destinada ao público infantil e tem como objetivo que as crianças vivam novas experiências lúdico-pedagógicas. Este acontecimento surge todos os anos, sendo esta já a XXIII Exposição da Grande Festa da Criança Oeste Infantil. Todos os anos é dedicado a um tema, tendo sido este sobre os jogos olímpicos. As crianças passaram o dia todo, como seria de esperar, muito agitadas.

Nas mais variadas atividades encontradas nesta exposição, as crianças passam um dia mágico, através do qual podem vivenciar novas experiências e com elas aprender algo novo.

### **30 de maio de 2012**

Apesar de não ser dia de estágio, hoje estive com a turma do bibe encarnado B, a compensar horas de faltas. Devido ao facto uma de uma das minhas aulas ter tido um mau aproveitamento, a educadora aceitou o meu pedido para esta manhã tentar melhorar a minha prestação com uma nova aula, cujo tema foi o sapo.

Iniciando a aula com o Domínio da Matemática, propus à turma a descoberta do tema através da construção de um puzzle. No verso de cada peça constava uma adição ou uma subtração, cujo resultado se encontrava num cartaz. Sempre que a operação era resolvida, uma das crianças ia colocar a peça no sítio correspondente, revelando parte da imagem do sapo. Só quando a imagem se encontrou totalmente completa é que o tema foi revelado. De seguida, distribuí uma proposta de atividade, que consistia na resolução de um itinerário. Através das minhas indicações, as crianças tinham de fazer chegar o sapo até ao nenúfar utilizando as peças do material Cuisenaire. Nesta atividade foram desenvolvidas as noções de dobro/metade, dezena/meia dezena, dúzia/meia dúzia, par/ímpar.

Terminado o recreio, a turma regressou à sala de aula, saltando como sapos por cima de nenúfares.

Na Área de Conhecimento do Mundo falei, através de imagens de *powerpoint*, sobre as características gerais deste animal. Posteriormente propus uma atividade, que consistia em ordenar sequencialmente imagens de acordo com o processo de metamorfose do sapo.

Por último, no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, comecei por ler a história *O sapo apaixonado*, da autora Max Velthuijs. Após colocar algumas questões de interpretação, propus uma atividade que consistiu no recontar da história, ordenando sequencialmente imagens.

### **1 de junho de 2012**

Hoje por ser Dia Mundial da Criança, a rotina diária foi diferente do habitual.

Para começar a manhã, a turma esteve a brincar num insuflável alugado para esta ocasião. Enquanto isso, as minhas colegas de estágio e eu, estivemos na sala a preparar uns brindes para darmos às crianças.

Na aula de Expressão Físico-Motora a professora optou também por alterar a aula, tendo feito apenas jogos livres.

De regresso à sala de aula, a turma tinha uma surpresa. Uma dramatização com fantoches do conto popular *Os três porquinhos*, em que o narrador e o lobo mau foram interpretados pela educadora, e cada um dos porquinhos pelas estagiárias.

Na hora de almoço, as turmas do pré-escolar almoçaram no exterior do jardim-escola, usufruindo do ar livre e do convívio entre os colegas.

### **Inferências e fundamentações**

O Dia Mundial da Criança é oficialmente a 20 de novembro, data que a Organização das Nações Unidas (ONU), reconhece como Dia Universal das Crianças por ser a data em que foi aprovada a Declaração dos Direitos da Criança. Neste dia foram oficialmente pronunciados os 10 direitos das crianças, que devem ser cumpridos e respeitados em qualquer parte do mundo de igual forma. Porém, a data efetiva da comemoração muda de país para país. Em Portugal este dia é comemorado todos os anos a 1 de junho. Por ser dedicado às crianças, o dia foi especial e diferente do habitual.

Antigamente, pedagogos como Froebel, Dewey, Decroly e Montessori valorizavam o jogo como atividade livre, que dá prazer e estimula o desenvolvimento físico, cognitivo e social das crianças. Segundo Marinho, (citado em Kishimoto, 2000) hoje em dia, essa orientação nem sempre é utilizada na prática de educação infantil:

... desvirtuamento da educação física por professores que deixam de desenvolvê-la como recreação, actividade natural da criança, e a transformam em exercício de ginástica. É muito provável que as restrições e os cuidados necessários ao emprego dos jogos educativos para aquisição dos conteúdos, já comentados por Claparède e Decroly, não tenham atingido a maioria dos professores de educação física e da escola elementar. (p.117)

É pena este tipo de jogos livres serem utilizados pelos professores de Educação Física, com mais frequência apenas nestes dias festivos. As crianças necessitam de orientação para os jogos, mas também gostam de criar os seus próprios jogos e de os jogarem livremente.

Enquanto a turma esteve na aula de expressão Físico-Motora, a educadora, as minhas colegas de estágio e eu, estivemos na sala a preparar a dramatização. Este conto popular resultou de uma escolha unânime. Eu senti-me à vontade por conhecer tão bem esta história, que fez parte da minha infância. Porém, senti-me um bocado receosa quanto ao acolhimento por parte da turma, por também ser do conhecimento de todos. Mas o facto de ter sido contada através de fantoches, criou uma forte motivação e vontade de participarem.

Segundo Pereira e Lopes (2007, p.21), definem fantoche como “um objecto inanimado, mas que ganha vida e sentido dramático quando um animador lhe infunde animo, isto é, vida, sentido e alento, tríade que constitui a essência da animação como anima”.

Quando se utilizam fantoches deve-se ter em atenção o público a que se destina, indo ao encontro dos seus gostos, interesses e comportamentos. Segundo os mesmos autores (2007, p. 80), o público dos três aos 6 anos de idade “é um público receptivo, disponível e aberto ao sonho e à imaginação ... é um publico extremamente exigente, uma vez que, se por um lado se entusiasma com facilidade, por outro, o mínimo problema fá-lo distrair-se.”

De acordo com os autores, a responsabilidade do animador para tornar credível a dramatização com o fantoche é de extrema importância, é fundamental para que as crianças estejam entusiasmadas e motivadas até ao final da história. O fantoche é manuseado pelo animador, que o torna “vivo”, por isso, quanto mais forem as suas qualidades e as suas capacidades, melhor será a sua prestação dramática.

#### **4 de junho de 2012**

A manhã deste dia, foi reservada para a aula de uma das minhas colegas de grupo de estágio, sobre a cana-de-açúcar.

A colega iniciou a aula com a Área de Conhecimento do Mundo, questionando a turma quanto à origem do açúcar. Após ouvir algumas respostas, através de imagens passadas em *powerpoint* a estagiária, aproveitando algumas ideias, explicou a origem, a história, a constituição e o processo de fabrico da cana-de-açúcar. No final cada criança teve oportunidade de manipular e explorar uma cana-de-açúcar.

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a colega leu a história *A casinha de chocolate*, da autoria dos irmãos Grimm. Depois de algumas questões de interpretação, efetuou uma atividade. Esta consistia em escrever com letras móveis novas palavras, a partir da palavra chocolate.

Por fim, no Domínio da Matemática a colega solicitou às crianças as construções da camioneta, ponte alta e helicóptero através do material estruturado 3.º e 4.º Dons de Froebel. No decorrer das construções foram efetuadas algumas situações problemáticas que envolveram apenas o cálculo da divisão.

## **Inferências e fundamentações**

Na atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a colega leu a história com entoação.

Segundo Niza et al (1998, p.193) ler histórias às crianças é importante porque:

- Cria nas crianças o gosto pelo texto escrito;
- Ajuda ao desenvolvimento da oralidade;
- Leva a criança a querer contactar ela própria com o texto que ouviu ler;
- Nesse contacto ela visualiza palavras e frases que mais a tocaram na leitura;
- As crianças vendo ler, aprendem os comportamentos do leitor e identificam-se com ele;
- Familiarizam-se com o tipo de linguagem utilizada nos textos escritos, o que lhes facilitará posteriormente a leitura;
- Permite-lhes o contacto com obras a que, dada a sua extensão ou dificuldade não poderiam ter acesso em determinadas fases etárias.

A colega inicialmente deixou as crianças brincarem com as letras móveis, formando pseudo-palavras. Porém, o seu grande objetivo, era que estas formassem, a partir da palavra chocolate, palavras com sentido, como foi o caso de *tela* e *cola*. Esta atividade foi executada com êxito, porque as crianças conseguiram construir diferentes palavras.

## **5 de junho de 2012**

A manhã deste dia, foi reservada para a minha aula, sobre as plantas carnívoras.

Iniciei a aula com a Área de Conhecimento do Mundo, distribuindo óculos 3D feitos em cartolina, através dos quais as crianças viram um pequeno filme principiando assim o tema da aula. De seguida, apresentei através de imagens expostas em *powerpoint* as características principais destas plantas, falando da diversidade, do tipo de alimentação, do tipo de armadilhas e do seu habitat. Levei, para as crianças poderem observar duas das espécies faladas, a dioneia e a drósera. No fim, realizei uma experiência, mostrando como é que as plantas carnívoras capturam as suas presas através do tipo de armadilha conhecido como jaula.

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita propus à turma uma atividade, que consistia em contar uma história através de imagens. Estas encontravam-se separadas pelas categorias de personagens, locais, ações e finais. Consoante as crianças iam escolhendo uma imagem de cada categoria, estas eram colocadas no quadro. No fim, observando as quatro imagens, a turma tinha de criar uma história. Ainda neste domínio distribuí uma proposta de atividade, que consistia em circundar as letras expostas no

retângulo, à medida que estas fossem sendo retiradas do interior de um saco. Por baixo, as crianças tinham de formar com letras móveis, uma palavra utilizando todas as letras presentes no retângulo. Havia ainda o desafio de descobrir na sopa de letras as palavras: *plantas carnívoras*.

Por último, no Domínio da Matemática, a turma trabalhou simetrias com o material estruturado Geoplano. Após a distribuição do material, expus como modelo o desenho do eixo de simetria através do retroprojektor e as crianças foram seguindo as minhas indicações até formarem a figura de uma planta carnívora.

### **Inferências e fundamentações**

Ao planear esta aula, demorei algum tempo com a pesquisa de um tema, pois, queria que fosse um assunto novo, que suscitasse a curiosidade e que fosse ao encontro dos interesses de toda a turma. Como não me conseguia decidir, pedi ajuda à educadora, que logo me sugeriu que falasse sobre as plantas carnívoras, afirmando mesmo que algumas crianças já lhe haviam pedido para dar uma aula abordando este tema.

Para Martins et al. (2009, p.12) “Inicialmente, através do seu brincar e, posteriormente, de forma mais sistematizada quando acompanhada pelo adulto, a criança vai estruturando a sua curiosidade e o desejo de saber mais sobre o mundo que a rodeia.”

Desde logo, achei o tema bastante enriquecedor, sobre o qual logo me surgiram imensas ideias, principalmente para a Área de Conhecimento do Mundo. Apesar da experiência que efetuei com a turma, ter sido apenas de observação, as crianças mostraram-se muito curiosas, em querer saber o que iria acontecer. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009, p. 83) “A escolha das experiências a realizar, bem como a maior ou menor complexidade do seu desenvolvimento, decorre da idade, dos interesses ... das crianças.”

Na minha opinião, até hoje esta foi uma das aulas onde tive melhor prestação. A aula foi bem programada/planeada e a estrutura estava coerente e organizada.

### **8 de junho de 2012**

A educadora iniciou esta manhã com a Área de Conhecimento do Mundo, explorando o tema do algodoeiro. Seguidamente, através de imagens expostas em *powerpoint* falou sobre as características gerais desta planta, nomeadamente sobre todo o processo até se tornar em algodão. Mostrou ainda, para as crianças poderem observar e explorar, a planta real e distribuí a cada uma delas, uma semente.

Depois da aula de Expressão Físico-Motora, a educadora fez a leitura da história *O João e o pé de feijão*, da autoria de Richard Walker e Niamh Sharkey.

Esta tarde permaneci com a turma do bibe azul B, a compensar horas em falta. As crianças terminaram a pintura de caixas de madeira para levarem no final do ano.

Posteriormente estiveram a trabalhar a decomposição de números, com o material estruturado calculadoras Papy (Figura 29).



Figura 29 – Calculadoras Papy

Ainda antes da hora do lanche, toda a turma fez a dobragem do jogo *Quantos queres*, observando o modelo da educadora.

### **Inferências e fundamentações**

As calculadoras Papy foram inventadas por George Papy, juntamente com a sua mulher Frederique Papy, daí o seu nome. Inicialmente este material era composto pela cor branca, encarnada, rosa e castanha, correspondendo aos valores das peças do Cuisenaire. Contudo as cores foram alteradas, passando a ser de cor branca, azul, rosa e verde, deixando de ter qualquer relação com as peças do Cuisenaire. As calculadoras Papy consistem numa série de placas, divididas em quatro partes, cada uma representada por uma cor e um valor numérico diferente.

Dos materiais estruturados, as calculadoras Papy são de todos os que tenho menos conhecimento. Durante todo o momento de estágio, este foi o primeiro dia em que vi uma educadora trabalhar com este material. A maneira como a educadora trabalhou foi de uma forma lúdica, utilizando pedrinhas para os exercícios de decomposição de números.

Segundo Caldeira (2009b, p.364), relativamente aos Calculadores Papy refere “Para assinalar a representação dos números, podem-se utilizar ... qualquer material que ocupe o espaço permitido pelo quarto do quadrado; convém escolhermos duas cores diferentes para assinalar as quantidades.”

De um modo geral, notei que as crianças mostraram alguma confusão ao trabalharem com este material.

### **11 de junho de 2012**

Neste dia, mais uma vez, enquanto a educadora fazia as revisões das lições da Cartilha Maternal João de Deus, a minha colega de estágio e eu estivemos individualmente a rever com algumas crianças a lição das palavras esdrúxulas.

Posteriormente a educadora teve de se ausentar da sala de aula para tratar de um assunto com os encarregados de educação de um dos elementos da turma, deixando à minha colega de grupo de estágio e a mim a tarefa de explicarmos duas fichas de trabalho. A primeira consistia em copiar o grafismo exposto no quadro para uma folha quadriculada, já a segunda tinha como objetivo a realização das operações de adição e de subtração. Quando alguma criança não conseguia efetuar a operação mentalmente, podia recorrer ao auxílio das palhinhas. Para a criança que apenas chegou neste último período, a educadora deixou-lhe outras duas fichas de trabalho, que consistiam em picotar numa folha a vogal /e/ e outra em percorrer com lápis o caminho das abelhas até às suas colmeias. Esta criança ao observar alguns dos seus colegas a trabalhar com as palhinhas, pediu para a deixarmos utilizar, tendo feito construções livres.

### **Inferências e fundamentações**

Quando um aluno sente dificuldades em realizar determinadas atividades, devem ser encontradas estratégias que contribuam para que este as consiga ultrapassar. Relativamente à segunda ficha de trabalho, observei que as crianças que utilizaram as palhinhas, conseguiram assim, alcançar o resultado pretendido.

Segundo Antunes (2003, p. 71), “Um aluno entenderá melhor os números, as operações matemáticas e os fundamentos da geometria se puder torná-los palpáveis. Assim, materiais concretos ... fazem as crianças estimular seu raciocínio abstrato”.

Paris e Ayres (citado em Azevedo, 2000, p.30), defendem que “os alunos deverão tornar-se cada vez mais autónomos. Um aluno autónomo ... pedirá ajuda quando necessário ... percebendo que as estratégias e o esforço conduzem ao sucesso, será persistente, estratégico, e determinado nos seus esforços.”

A estratégia da ajuda do material concreto contribuiu para que as crianças conseguissem alcançar os objetivos pretendidos da atividade, evitando assim o sentido de frustração. Porém, este tipo de estratégia deve ser utilizada com pouca frequência, pois



neste caso, não está a ser cumprido um dos principais objetivos da atividade, o desenvolvimento do raciocínio abstrato.

### **12 de junho de 2012**

Hoje a manhã começou com a manipulação do material estruturado Cuisenaire, através de um jogo. Com os olhos vendados, cada criança tinha de retirar do interior do saco uma peça e, apenas através do tato, tinha de dizer o valor e a respetiva cor da peça. Depois deste jogo, através de uma história criada pela educadora, as crianças realizaram cálculos mentais de adição e de subtração.

Regressados do recreio, a educadora voltou a ler novamente a lengalenga *O castelo de Chuchurumel*, da autoria de Luísa Ducla Soares. Terminada a leitura, alguns alunos disseram lengalengas que conheciam, algumas delas com diferentes versões.

### **Inferências**

O modo como a educadora trabalhou com o material estruturado Cuisenaire, foi feito de uma forma lúdica e pedagógica. Através deste jogo as crianças desenvolveram o sentido do tato e da memória. Esta maneira de relembrar as cores e os respetivos valores das peças do Cuisenaire, foi bem sucedida com a turma.

Neste dia, a educadora voltou a ler para a turma uma lengalenga, que já havia lido numa das aulas passadas. Esta lengalenga, sendo repetitiva, foi fácil de ser aprendida pelas crianças, pois mal a educadora a começou a ler começaram a relembrar e a participar. A educadora poderia ter ensinado uma nova lengalenga, porém, acho que o facto de ter recorrido a uma do conhecimento das crianças fez com que estas a dissessem quase sozinhas.

### **15 de junho de 2012**

Na primeira parte da manhã a educadora começou por fazer a leitura da história *Há coisas assim ... e outra história*, da autoria de António Torrado. No decorrer da mesma, foi explorando novo vocabulário e algumas imagens.

Já na segunda parte da manhã, as crianças estiveram a representar figuras geométricas com o material estruturado Geoplano.

### **Inferências e fundamentações**

Na Educação Pré-Escolar, segundo Baganha (1989, p.98)), “ler é um trabalho. E é um prazer”. O mesmo autor acrescenta acerca do local escolhido para a leitura de uma história “... podemos encontrar sítios especiais, onde se goste de contar, onde se goste de ouvir contar” (p.101).

De acordo com este autor, um dos fatores fundamentais, quando se faz qualquer leitura para uma turma, seja um texto, uma lengalenga, uma notícia, deve-se ter em atenção o sítio onde se vai ler. O simples facto da educadora ter variado o local da história, fez com que as crianças ganhassem entusiasmo, mesmo antes de saberem de que se tratava.

### **18 de junho de 2012**

Uma das minhas colegas de grupo de estágio, preparou para esta manhã a realização de duas propostas de atividade da Área de Conhecimento do Mundo e do Domínio da Matemática.

Na aula de Expressão Musical, as crianças estiveram a ensaiar as canções para a festa de fim de ano. No decorrer da aula, a minha colega de estágio e eu estivemos a ajudar a educadora a colar as fitas nos chapéus de finalista.

As crianças ainda estiveram a trabalhar com o material estruturado Cuisenaire, através do qual efetuaram algumas operações de adição e de subtração, revendo a noção de par e ímpar.

### **Inferências e fundamentações**

Segundo Hohmann e Weikart (2009, p. 669), “as crianças de idade pré-escolar gostam de cantar melodias de todo o tipo, sejam elas canções de embalar, tradicionais ou populares, ou associadas com festividades e celebrações”.

Estas canções são associadas, como os autores referem, a festividades e celebrações, a festa de final de ano. A maioria dos elementos da turma, conseguia cantar as canções por completo apenas em conjunto com o grupo, porém, duas crianças conseguiram surpreender-me ao cantarem as canções do início ao fim sozinhas e sem qualquer tipo de ajuda.

### **19 de junho de 2012**

A educadora, esta manhã, iniciou a aula com a área de conhecimento do mundo, falando sobre as plantas comestíveis. Começou, mostrando um *powerpoint* com algumas

imagens deste tipo de plantas e, por fim, distribuiu alguns exemplares reais para as crianças poderem observar de perto e explorar.

Posteriormente a educadora contou uma história a partir de imagens.

## **22 de junho de 2012**

Este foi um dia de extrema importância para todas as estagiárias, pois ocorreram as Provas Práticas de Avaliação de Capacidade Profissional (PPACP). A minha prova foi com o bibe encarnado B, às 15h30, no ginásio. O tema que escolhi lecionar foi *A China*.

Devido a problemas técnicos o *datahow* não funcionou e tive de alterar a ordem programada das atividades, iniciando a aula com o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Comecei por fazer a leitura da história *O pincel mágico*, adaptado a partir do conto tradicional de *Ma Liang*, utilizando fantoches de vara nas partes de diálogo. De seguida, realizei com a turma, a técnica da vela e do iodo, que consistia em passar com o pincel molhado em tintura de iodo sobre um cartão escrito com vela, fazendo aparecer como por magia as palavras *Pincel mágico*.

Estando o problema técnico resolvido, continuei a aula com a Área de Conhecimento do Mundo, pedindo para as crianças descobrirem o tema da aula observando os vários objetos espalhados pelo ginásio e pela minha indumentária. Após a descoberta fiz uma apresentação em *powerpoint*, falando sobre os costumes e tradições deste povo, comparando-os com os nossos.

No Domínio da Matemática as crianças fizeram a construção da figura de um chinês com o material estruturado Tangram. No cimo de cada mesa, já se encontrava distribuído por cada criança um cartão com o contorno da figura de um chinês devidamente identificado com algarismos e as peças do Tangram, cujo verso se encontrava com operações de adição e de subtração. O objetivo era as crianças realizarem as operações para assim conseguirem colocar as peças no cartão.

Concluí a PPACP com um jogo. Comecei por dividir a turma em duas equipas e por explicar o procedimento e as regras do mesmo. Este consistia em transportar nos chapéus chineses feitos em cartolina, sem deixar cair, quatro pauzinhos chineses e colocá-los no cesto da equipa. O jogo terminava quando todos os elementos de uma equipa concluíssem a prova.



## **CAPÍTULO 2 – Planificações**

### **2.1. Descrição do capítulo**

O capítulo 2 – planificações – encontra-se estruturado em quatro subcapítulos: a descrição do capítulo, a fundamentação teórica, as planificações em quadro e, por fim, as inferências e fundamentação teórica dos métodos e procedimentos/estratégias.

Na descrição do capítulo é apresentada a estrutura e a organização do mesmo.

Na fundamentação teórica serão abordadas algumas temáticas associadas às planificações, a saber: Modelo T de Aprendizagem de Martiniano Pérez, definição e importância, entre outras. Todas as temáticas serão fundamentadas cientificamente por diferentes autores.

Posteriormente, apresento três planificações realizadas durante o período de estágio profissional, referentes a três Áreas de aprendizagem, Conhecimento do Mundo, Expressão e Comunicação (Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita), Expressão e Comunicação (Domínio da Matemática).

Por último, apresento as inferências e as fundamentações teóricas das planificações mencionadas em cima.

### **2.2. Fundamentação teórica**

Neste subcapítulo, encontram-se algumas respostas, associadas à planificação, tais como, o que é planificar, qual a sua importância, porque se planifica e para quem se planifica.

Cachapuz, Praia e Jorge (2002, p. 139), afirmam que existem quatro perspetivas de Ensino na Aprendizagem, denominadas por “Ensino por Transmissão, Ensino por Descoberta, Ensino por Mudança Conceptual e Ensino por Pesquisa”. Cada professor, define a perspetiva de Ensino com a qual mais se identifica, assim, os papéis curriculares da escola e do professor complementam-se.

O conceito de currículo como projeto educativo engloba tarefas e atividades escolares, devidamente estruturadas. Estas atividades fazem a ligação entre a teoria e a prática que segundo Pacheco (1999, p. 158), consiste na “ligação entre o plano das ideias e o plano da acção.”

Estes dois fatores referidos acima contribuem para que não exista uma definição única para a palavra planificação, pois cada professor terá a sua, que é própria e que se reflete de acordo com o seu método de Ensino de Aprendizagem e com os Currículos definidos pela escola onde se encontra.

Os professores, em início de carreira, devem criar o seu próprio método de planificar e não se devem reger/sujeitar/orientar pelos já existentes. Zabalza (1994b, p.47), questiona “por que razão os jovens professores ... que conhecem em profundidade modelos de ensino ... que possuem espírito inovador ... estão, ao fim de poucos anos, a fazer o mesmo que os demais, mantendo estilos de ensino tão convencionais.”

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009, p.26), planear é “a condição para que a educação pré-escolar proporcione um ambiente estimulante de desenvolvimento e promova aprendizagens significativas e diversificadas que contribuam para uma maior igualdade de oportunidades.”

Escudero (citado em Zabalza, 1994b), afirma que planificar, trata de:

Trata-se de prever possíveis cursos de acção de um fenómeno e plasmar de algum modo as nossas previsões, desejos, aspirações e metas num projecto que seja capaz de representar, dentro do possível, as nossas ideias acerca das razões pelas quais desejaríamos conseguir, e como poderíamos levar a cabo, um plano para as concretizar. (pp. 47-48)

Clark e Peterson (citado em Zabalza, 1994b, p.48), apresentam uma simples definição de planificação, similar à já descrita por Escudero “planificação é uma actividade mental interna do professor”.

Existem diversos métodos/técnicas de aprendizagem, mas segundo Ribeiro e Ribeiro (1989, p.15), a planificação e avaliação do ensino/aprendizagem “... é uma área crucial de formação de docentes e um suporte indispensável de todo o processo de ensino, suporte que outros «métodos e técnicas» poderão alargar, completar e enriquecer mas que nenhum dispensa como ponto de partida.”

Em Educação Pré-Escolar, o ato de planificar é visto como uma estratégia de ensino, que deve ser utilizada por todos os Educadores de Infância, de modo a organizar e dirigir as suas aulas, seguindo um determinado plano.

A planificação em Educação Pré-Escolar é flexível, ou seja, permite que o professor, ao executar os seus planos de aula, pense e repense nas atividades propostas aos seus alunos.

Segundo o anexo n.º 1, do capítulo II, do ponto 3, do Decreto-Lei n.º 240/2001, 30 de Agosto (perfil específico de desempenho profissional do educador de infância) salienta que o educador observa, planifica e avalia, deste modo:

- a) Observa cada criança, bem como os pequenos grupos e o grande grupo, com vista a uma planificação de actividades e projectos adequados às necessidades da

criança e do grupo e aos objectivos de desenvolvimento e da aprendizagem;

b) Tem em conta, na planificação do desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem, os conhecimentos e as competências de que as crianças são portadoras;

c) Planifica a intervenção educativa de forma integrada e flexível, tendo em conta os dados recolhidos na observação e na avaliação, bem como as propostas explícitas ou implícitas das crianças, as temáticas e as situações imprevistas emergentes no processo educativo;

d) Planifica actividades que sirvam objectivos abrangentes e transversais, proporcionando aprendizagens nos vários domínios curriculares;

e) Avalia, numa perspectiva formativa, a sua intervenção, o ambiente e os processos educativos adoptados, bem como o desenvolvimento e as aprendizagens de cada criança e do grupo.

Os professores devem dedicar tempo às planificações das suas atividades, pois, esta prática vai condicionar a sua ação e, crucialmente, a aprendizagem assimilada (ou não) pelos alunos.

Segundo Ribeiro e Ribeiro (1989, p.88), “Quando se planifica uma (...) unidade didáctica, uma decisão crucial é a de escolher objectivos ou resultados de aprendizagem que os alunos hão-de alcançar”.

É essencial que o professor tenha um fio condutor das suas aulas, para conseguir chegar aos objetivos pretendidos.

Segundo Ribeiro e Ribeiro (1989, p.15), de acordo com as leis de Bases do Sistema Educativo, “... é fundamental que o professor leve mais além a linha geral de planeamento por outros iniciada, identificando, organizando e sequenciando aprendizagens mais concretas, claramente definidas , exequíveis e, em grande parte, susceptíveis de avaliação...”.

Contudo, a planificação não deve ser rígida, pelo contrário, deverá ser uma previsão do que se pretende fazer, tendo em conta as atividades, o material de apoio e, principalmente, o contributo dos alunos.

Clark e Yinger (citado em Zabalza, 1994b), questionaram alguns professores sobre as razões porque planificam, e ao analisarem o tipo de respostas adquiridas, agruparam-nas em três categorias:

- Os que planificam para satisfazer as suas próprias necessidades pessoais: reduzir a ansiedade e a incerteza que o seu trabalho lhes criava, definir uma orientação que lhes desse confiança, segurança, etc.
- Os que chamavam planificação à determinação dos objetivos a alcançar no termo do processo de instrução: que conteúdos deveriam ser aprendidos para se

saber que materiais deveriam ser preparados e que actividades teriam que ser organizadas, que distribuição do tempo, etc.

- Os que chamavam planificação às estratégias de actuação durante o processo de instrução: qual a melhor forma de organizar os alunos, como começar as actividades, que marcas de referência para a avaliação, etc. (pp.48-49)

A dúvida mais relevante em relação à planificação é saber para quem estamos a planificar: a planificação é feita para os professores poderem organizar o seu trabalho e as suas actividades; é feita para a escola, pois assim consegue ter consciência do trabalho de todos os docentes; é feita para os encarregados de educação, para que tenham conhecimento do que os seus educandos estão a aprender nas aulas, e assim os consigam acompanhar participando na sua vida escolar, mas principalmente deve ser feita e pensada para os alunos, para que eles próprios possam saber e entender o que estão ou irão aprender.

No Quadro 6 apresento um exemplo da folha tipo para planificar segundo o Modelo T de Aprendizagem (Fonte: Adaptado de Pérez (s.d., p. 55).

Quadro 6 – Planificação Modelo T de Unidade de Aprendizagem

CONTEÚDOS		PROCEDIMENTOS-MÉTODOS	
CAPACIDADES-DESTREZAS	OBJETIVOS	VALORES-ATITUDES	

A planificação utilizado na Prática Pedagógica dos Jardins-Escolas João de Deus segue o Modelo T de Martiniano Pérez.



Este modelo de planificação tem o nome de Modelo T, pois apresenta a forma de um duplo T: o T dos conteúdos – métodos/procedimentos e o T dos capacidades/destrezas – valores/attitudes.

Na parte superior, do lado esquerdo encontram-se os conteúdos e do lado direito os procedimentos/métodos (bem elaborados e explicados). Por sua vez, na parte inferior, à esquerda encontram-se as capacidades-destrezas, ao centro os objetivos no centro e os valores-attitudes do lado direito.

Pérez defende que é de extrema importância para o professor a utilização do Modelo T de Aprendizagem no ensino, porque, diz ele, “Facilita la educación integral y el desarrollo armónico de la personalidad. A partir del modelo T el profesor construye una imagen visual – mental de un modelo didáctico, disponible para ser utilizada, pues resulta muy fácil de recordar y memorizar.”

Para Pérez (s.d., p.38), este modelo integra no plano, os elementos básicos “capacidades-destrezas, valores-attitudes como objetivos e conteúdos e métodos/procedimentos como meios.”

As capacidades, destrezas, valores e attitudes referidas no Modelo T são desenvolvidas por meio de estratégias, processos e procedimentos, sendo que todos se encontram interligados (Figura 30).

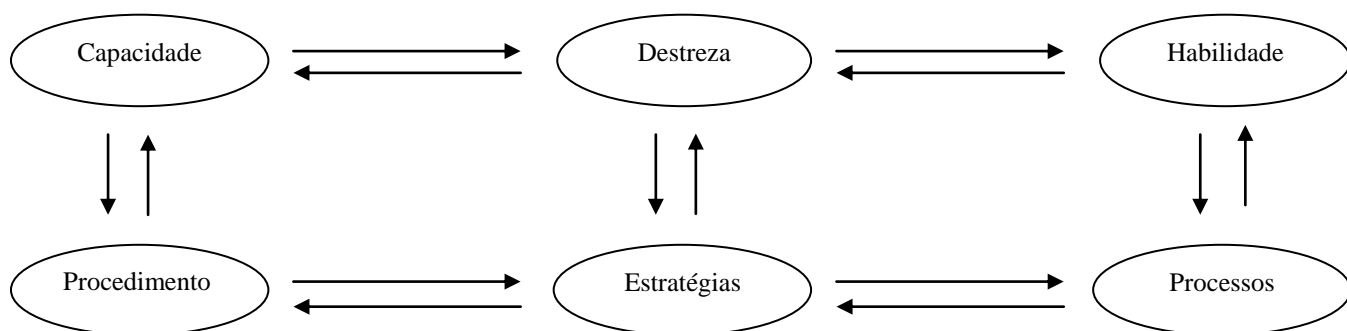


Figura 30 – Inteligência como um conjunto de capacidades, destrezas e habilidades, e seu desenvolvimento

A planificação segundo o Modelo T sugere que uma planificação larga é realizada para um ano e uma planificação curta deve ser planeada no mínimo para 6 a 12 semanas.

Contudo, ao contrário do que é defendido pelo autor, as planificações apresentadas no relatório de estágio profissional, são realizadas numa manhã (1 hora, sendo que cada Área/Domínio requer 20 minutos de tempo limite).

### **2.3. Planificações em quadro**

Neste subcapítulo apresento três planificações que realizei, para a aula programada do Bibe Azul B, que teve lugar na manhã do dia 27 de abril de 2012. Especificamente na Área do Conhecimento do Mundo (Quadro 7), na Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (Quadro 8) e na Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática (Quadro 9).

### 2.3.1. Planificação da Área de Conhecimento do Mundo

Quadro 7 – Planificação da Área de Conhecimento do Mundo

*Jardim-Escola João de Deus de Alvalade*

**Duração:** 20 minutos

Ana Patrícia Deus N.º 5

**Faixa etária:** 5 anos

MEPE

**Educadora:** Emília Tomás

Data: 27/ 04/ 2012

#### Área: Conhecimento do Mundo

CONTEÚDOS		PROCEDIMENTOS / MÉTODOS	
<b>Bicho-da-seda</b>  - Metamorfose		<ul style="list-style-type: none"><li>• Iniciar a aula, com os alunos sentados nos respetivos lugares.</li><li>- Descobrir o tema da aula, através de uma adivinha.</li><li>• Apresentar em <i>Powerpoint</i> as características gerais do bicho-da-seda.</li><li>- Explorar o habitat e alimentação do bicho-da-seda.</li><li>- Mostrar às crianças folhas de amoreira e alguns bichos-da-seda.</li><li>- Explorar a utilidade dos casulos do bicho-da-seda, passando pelas crianças um lenço feito de seda.</li></ul>	
CAPACIDADES / DESTREZAS		OBJETIVOS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none"><li>• Raciocínio lógico</li><li>- Interpretar</li><li>- Observar</li><li>• Classificação</li><li>- Caracterizar</li><li>- Identificar</li></ul>			<ul style="list-style-type: none"><li>• Responsabilidade</li><li>- Empenhado</li><li>- Respeitador</li><li>• Respeito</li><li>- Escutar</li><li>- Dialogar</li></ul>
<b>Material:</b> Bichos-da-seda, data show, régua, folhas de amoreira e lenço de seda.			

Plano baseado no Modelo T de Aprendizagem

Planificação sujeita a alterações

## Inferências e fundamentações

Na atividade de Conhecimento do Mundo, explorei o bicho da seda e a sua metamorfose.

A escolha deste tema mostrou-se pertinente, porque todos os dias surgem novas descobertas e é importante que as crianças, desde os primeiros anos de vida, estejam preparadas para viver num mundo complexo, de rápidas mudanças científicas e tecnológicas, para adquirirem a capacidade de entender a ciência e de desenvolver formas de pensar, permitindo a adaptação à contínua evolução do Mundo. Martins et al. (2009, p.11), defendem “cada vez mais, a necessidade de uma educação em ciências desde cedo, orientada para a formação de cidadãos capazes de lidar, de forma eficaz, com os desafios e as necessidades da sociedade atual”.

É importante que o educador ouça as concepções alternativas dos seus alunos, acerca dos fenómenos e dos conceitos abordados em aula, assim como também os modelos explicativos. O nosso papel deve ser o de (re)construir os saberes e as ideias surgidas, e ensinar significados e conceitos científicos. Caso não o façamos, poderão surgir consequências negativas.

Oliveira (1991, p.36), acrescenta “... se não houver confronto entre as concepções dos alunos e as novas concepções, corre-se o risco de as primeiras permanecerem havendo mera colagem dos conceitos ensinados.” Ausubel, considerado precursor das mudanças de concepções alternativas, (citado em Oliveira, 1991, p.81), diz que “o factor singular mais importante, que influencia a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já conhece. Descubra o que ele já sabe e baseie nisso os seus conhecimentos.”

Assim, considerei como primeiro procedimento para esta aula a posição dos alunos na sala de aula. A atividade teve como espaço a sala de aula e como disposição **as crianças permaneceram sempre sentadas nos respetivos lugares**. A aula começou com a **descoberta do tema através de uma adivinha**.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009, p.67), as adivinhas são “aspectos da tradição cultural portuguesa que podem ser trabalhadas na educação pré-escolar.” De acordo, com as fundamentações científicas, referidas já acima por outros autores, a adivinha seria um modo de analisar as concepções alternativas das crianças. Após a leitura da adivinha, foi interessante ouvir as diferentes ideias surgidas pelas crianças (borboleta, minhoca, lagarta, louva-deus).

De seguida, **apresentei** através do programa do *Microsoft Office PowerPoint*, **as características gerais do bicho da seda**, nomeadamente **o habitat, o tipo de alimentação**

e também algumas particularidades, como os casulos e as várias etapas da transformação que ocorre.

Durante a apresentação foram surgindo algumas questões e também experiências das crianças, associadas a este animal.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009, p72), “...as novas tecnologias da informação e comunicação são formas de linguagem com que muitas crianças contactam diariamente ... os registos audiovisuais são meios ... de transmissão do saber e da cultura que a criança vê como lúdicos e aceita com prazer”.

No fim, **mostrei bichos da seda, folhas de amoreira e um lenço de seda**, para que todas as crianças pudessem observar e explorar os materiais.

No decorrer de toda a aula, mas principalmente no final, houve muito interesse e curiosidade por parte das crianças, em querer observar e saber mais sobre o bicho da seda.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009, p. 79), “A Área de Conhecimento do Mundo enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê. Curiosidade que é fomentada e alargada na educação pré-escolar através de oportunidades de contactar com novas situações...”.

Nem todas as crianças têm as mesmas oportunidades de viver experiências, como esta, e, por isso, é importante que no ensino Pré-Escolar, sejam abordados estes temas. Deste modo, alargamos os conhecimentos das crianças e damos-lhes novas experiências de vida.

No decorrer de toda a aula, foi notória a motivação das crianças as observarem, analisarem e explorarem os bichos da seda, assim como o restante material. A atividade foi apelativa e estava adequada à faixa etária das crianças (5 anos de idade).

**2.3.2. Planificação da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita**

**Quadro 8 – Planificação da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita**

<i>Jardim-Escola João de Deus de Alvalade</i>		
<b>Duração:</b> 20 minutos	Ana Patrícia Deus N.º 5	
<b>Faixa etária:</b> 5 anos	MEPE	
<b>Educadora:</b> Emília Tomás	Data: 27/ 04/ 2012	
<b>Área: Expressão e Comunicação</b>		
<b>Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</b>		
<b>CONTEÚDOS</b>		<b>PROCEDIMENTOS / MÉTODOS</b>
<div><b>Bicho-da-seda</b></div> <div>- Processo de metamorfose</div>		<ul style="list-style-type: none"><li>• Ler a história <i>A lagartinha muito comilona</i>, da autoria de Eric Carle.</li><li>- Interpretar a história, fazendo algumas questões dirigidas aos alunos.</li><li>• Fazer a leitura das palavras ovo / lagarta / casulo / borboleta, recorrendo às regras da Cartilha Maternal.</li><li>- Ligar as palavras lidas às respetivas imagens no quadro, enquanto cada aluno faz o mesmo exercício individualmente no lugar.</li><li>• Colocar as palavras e as imagens, pela sequência correta, de acordo com o processo de metamorfose do bicho-da-seda.</li></ul>
<b>CAPACIDADES / DESTREZAS</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>VALORES / ATITUDES</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Raciocínio lógico</li><li>- Interpretar</li><li>- Observar</li><li>• Orientação Espaço-temporal</li><li>- Relacionar</li><li>- Sequenciar</li></ul>		<ul style="list-style-type: none"><li>• Responsabilidade</li><li>- Respeitador</li><li>- Interessado</li><li>• Respeito</li><li>- Escutar</li><li>- Compreender</li></ul>
<b>Material:</b> Livro <i>A lagartinha muito comilona</i> , da autoria de Eric Carle, algarismos de 1 a 5, envelope com os cartões das palavras e envelope com os cartões das imagens, bostick.		
Plano baseado no Modelo T de Aprendizagem		Planificação sujeita a alterações

## **Inferências e fundamentações**

Na atividade da Área de Expressão e Comunicação, no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, explorei também o bicho da seda e o processo de metamorfose, embora nesta aula tenha dado uma maior utilidade a esta última.

Iniciei a atividade com a **leitura da história *A lagartinha muito comilona***, da autoria de Eric Carle. No decorrer da história, fui mostrando as imagens e solicitando a participação da turma, nomeadamente na contagem e no nome das frutas, respondendo a questões dirigidas individualmente.

Marques (1988, p. 34), numa tentativa de responder à questão, “o porquê de ler histórias às crianças?”, cita que “todos os investigadores aceitam que as crianças aumentam os seus conhecimentos sobre a escrita e a linguagem das histórias quando os adultos lêem ou relêem os livros com gravuras ...”

Ramiro Marques, questiona quais as competências literárias adquiridas pelas crianças, quando alguns educadores de infância utilizam atividades facilitadoras. Refere-se a estas atividades, como todas as associadas ao contar de histórias.

Segundo Cazden, Schickedanz e Jensen (citados em Marques, 1988):

As crianças habituadas a ouvir ler histórias adquirem as seguintes competências: aprendem a «falar» com os livros; manifestam conhecer padrões de diálogo ou de tomada de papéis; revelam dominar os padrões para sequenciar os acontecimentos e ações da história; estabelecem relações entre a linguagem falada e a linguagem escrita; tomam consciência de que uma palavra se pode decompor em sílabas e grafemas; tomam consciência dos fonemas; aprendem a reconhecer algumas palavras e letras (p.44).

De seguida, pedi às crianças para retirarem sob as mesas, os envelopes com as imagens das figuras geométricas, quadrado e retângulo. Os objetivos desta estratégia foram a identificação das respetivas figuras, a seleção do envelope de acordo com a figura solicitada e também a interdisciplinaridade com a área de Expressão e Comunicação, do domínio da matemática.

Posteriormente, ao identificarem o envelope com a imagem de um quadrado, pedi para as crianças retirarem o que se encontrava no seu interior. Dentro deste envelope, encontravam-se quatro cartões, todos com cores diferentes. Cada cartão continha uma palavra (**ovo/lagarta/casulo/borboleta**) e na parte de cima velcro.

Já com o material sobre as mesas, e com o exemplar grande exposto no quadro, solicitei a algumas crianças que fizessem a leitura das palavras, de acordo com as regras da Cartilha Maternal João de Deus.

Ao solicitar a leitura das palavras, recorri ao uso do método João de Deus. Este é um método facilitador de leitura para as crianças, que se encontram a aprender a ler, como o caso da turma do bibe azul B.

**Após a leitura das palavras**, pedi para as crianças abrirem o envelope, com a figura de um retângulo. Dentro deste envelope, encontravam-se as respetivas imagens das palavras referidas em cima. O solicitado teve como objetivo **fazer a ligação correta das imagens com as palavras** e, de seguida, colocar os cartões **de acordo com a sequência do processo de Metamorfose**.

Todos estes procedimentos foram efetuados, individualmente, pelos alunos no lugar e corrigidos no quadro.

A utilização dos dois envelopes para esta atividade, foi uma estratégia que utilizei, com o intuito de fazer a leitura das palavras, sem antes mostrar as imagens. As crianças ao observarem as palavras e as imagens, em simultâneo, poderiam fazer a associação palavra-imagem e ler de uma forma global, sem que fizessem a leitura a partir da descodificação e da identificação de um grafema/fonema e esse não era o meu objetivo. Deus (1997, p. 15), cita “a leitura de imagens é diferente da leitura de textos, é outra leitura, pode ser boa propedêutica, mas não deve condicionar o aluno na leitura da palavra.”

Kamii e Willert (citados em Marques, 1988, p. 18), mencionam algumas das estratégias que as crianças usam quando tentam ler uma palavra: “as crianças focam a sua atenção na primeira letra da palavra, tentando reconhecer a palavra pela identificação da primeira letra; ... as crianças tentam obter «chaves» semânticas a partir de desenhos e situações que aparecem nos livros de histórias ...”

Ainda nesta Área, realizei uma proposta de atividade para uma criança da turma, que apresenta algumas dificuldades de aprendizagem. Esta proposta de atividade, tinha como objetivo principal, que a criança identificasse a vogal “i” e também que pintasse o seu interior com lápis de cor.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009, p.26), “cabe ao educador planear situações de aprendizagem que sejam suficientemente desafiadoras, de modo a interessar e a estimular cada criança”.

Nem todos os alunos tem o mesmo ritmo de aprendizagem, nem terminam as atividades todos ao mesmo tempo. O professor deve conhecer os seus alunos e proporcionar-lhes atividades de acordo com o seu nível de aprendizagem (diferenciação pedagógica).



**2.3.3. Planificação da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática**  
**Quadro 9 – Planificação da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática**

*Jardim-Escola João de Deus de Alvalade*

**Duração:** 20 minutos

Ana Patrícia Deus N.º 5

**Faixa etária:** 5 anos

MEPE

**Educadora:** Emília Tomás

Data: 27/ 04/ 2012

**Área: Expressão e Comunicação**  
**Domínio da Matemática**

CONTEÚDOS		PROCEDIMENTOS / MÉTODOS	
<p style="text-align: center;"><b>Multiplicação</b></p> <p style="text-align: center;">(3.º e 4.º Dons de Froebel)</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>Distribuir a cada aluno, as caixas do 3.º e 4.º Dons de Froebel e imagens de borboletas.</li> <li>- Colocar questões alusivas ao material.</li> <li>Efetuar as construções: ponte baixa e escadaria.</li> <li>- Trabalhar a multiplicação, através de situações problemáticas.</li> <li>- Executar as operações no quadro.</li> </ul>	
CAPACIDADES / DESTREZAS		OBJETIVOS	VALORES / ATITUDES
<ul style="list-style-type: none"> <li>Raciocínio lógico</li> <li>- Interpretar</li> <li>- Aplicar</li> <li>Classificação</li> <li>- Analisar</li> <li>- Comparar</li> </ul>			<ul style="list-style-type: none"> <li>Responsabilidade</li> <li>- Empenhado</li> <li>- Organizado</li> <li>Respeito</li> <li>- Escutar</li> <li>- Compreender</li> </ul>
<p><b>Material:</b> Caixas de 3.º e 4.º Dons de Froebel, imagens de borboletas e de três personagens da história.</p>			

Plano baseado no Modelo T de Aprendizagem

Planificação sujeita a alteração

## **Inferências e fundamentações**

Na atividade da Área de Expressão e Comunicação, do Domínio da Matemática, **utilizei o material manipulável 3.º e 4.º Dons de Froebel**, explorando através dele a multiplicação.

Existem diferentes teorias, acerca dos materiais manipuláveis, porém, grande parte dos investigadores, concordam que o uso destes materiais, favorecem a aprendizagem ativa e desenvolvem nas crianças uma atitude mais positiva.

Os materiais manipuláveis devem apresentar critérios bem delineados e definidos pelo educador, de modo, a que este saiba quais os conceitos matemáticos que quer trabalhar em sala de aula.

Segundo Reys (citado em Matos e Serrazina, 1996), os critérios que selecionam bons materiais manipuláveis são os seguintes:

1. ...devem proporcionar uma verdadeira personificação do conceito matemático ou das ideias a ser exploradas.
2. ...devem claramente representar o conceito matemático.
3. ...devem ser motivantes.
4. ...devem ser apropriados para usar, quer em diferentes anos de escolaridade, quer em diferentes níveis da formação de conceitos.
5. ...devem proporcionar uma base para a abstração.
6. ...devem proporcionar manipulação individual. (p.198)

Froebel (citado em Caldeira, 2009b, p.238), afirma que “a criança precisa ter a mente activa e livre para poder abrir as portas do conhecimento. Ela deve ser livre para explorar, escolher, questionar e agir ... ouvir o seu conhecimento é o principal requisito para o sucesso da educação.”

Os Dons de Froebel são um material lúdico, utilizado pelos educadores e professores, nos Jardins-Escolas João de Deus. Desenvolvem bastantes capacidades e destrezas, como o equilíbrio, as construções, a motricidade fina, a orientação espaço-temporal, entre muitas outras.

Segundo Caldeira (2009b, p.277), o 3.º e 4.º Dons são um material onde os objetivos e os interesses pedagógicos apresentam um grau de exigência mais elevado, em relação aos dons anteriormente estudados, “podemos fazer construções e cálculos mais elaborados e complexos ... o 3.º e 4.º Dom é aconselhado para crianças a partir dos 4 anos de idade ... com este material estão predefinidas 12 construções.”

Ao iniciar esta aula, solicitei às crianças para retirarem sob as mesas, as caixas de 3.º e 4.º Dons e os envelopes com a imagem de uma borboleta.

Já com os materiais no canto superior das mesas, coloquei algumas questões alusivas aos mesmos.

De seguida, **efetuei oralmente, algumas situações problemáticas**, onde se envolviam operações de multiplicação e as **construções da ponte baixa e da escadaria**.

Todas as crianças efetuaram no lugar, as respetivas construções e **foram efetuadas no quadro** as indicações e operações das situações problemáticas.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009, p. 78), “...importa que o educador proponha situações problemáticas e permita que as crianças encontrem as suas próprias soluções, que as debatam ... em grupo, apoiando a explicitação do porquê da resposta...”

No decorrer das situações problemáticas, solicitei a algumas crianças que partilhassem com a turma, o(s) seu(s) raciocínio(s) até às soluções dos problemas. Apesar do meu objetivo, com esta atividade, ser o de trabalhar a multiplicação, algumas crianças, utilizaram como raciocínio a adição. Nestas situações aceitei as explicações, considerando-as certas, embora tenha apenas pedido para **expor no quadro, as indicações e operações de multiplicação**.



## **CAPÍTULO 3 – Dispositivos de Avaliação**

### **3.1. Descrição do capítulo**

Neste capítulo começarei por apresentar uma breve fundamentação teórica sobre a avaliação, definições e relativa importância da avaliação no ensino. Estas fundamentações serão justificadas cientificamente por diferentes autores.

Também neste capítulo, apresentarei dispositivos de avaliação de 3 propostas de atividade realizadas durante o período de estágio profissional, referentes a três Áreas de aprendizagem: Conhecimento do Mundo, Expressão e Comunicação (Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita), Expressão e Comunicação (Domínio da Matemática). Em cada dispositivo de avaliação refiro a descrição de parâmetros, critérios e cotações; a grelha de avaliação; a descrição da grelha de avaliação; a apresentação dos resultados em gráfico e a análise dos gráficos.

### **3.2. Fundamentação teórica**

A avaliação é um processo complexo e contínuo, fundamental na prática educativa. Existem muitos autores a dar a sua perspetiva e opinião sobre este tema.

Por vezes, criam-se discordâncias e controvérsias à volta do termo avaliar. Para alguns autores, avaliar é a atribuição de uma classificação, para outros é mais do que isso, é ir ao encontro das dificuldades dos alunos e ajudá-los a atingirem os fins desejados .

Segundo Fernandes (2005):

O propósito primordial da avaliação é o de melhorar as aprendizagens e o de ajudar os alunos a superarem as suas dificuldades. Enquanto que a opinião completamente adversa a esta, rege-se simplesmente por testar apenas as dificuldades dos alunos, ou seja, com o único objectivo de os classificar. (p. 23)

Tyler (citado em Barlow, 2007, p.17), considera que avaliar é “verificar a distância entre o que o aluno realizou e o objetivo que lhe foi designado.”

Roldão (2008, p. 41), refere que avaliar “é um conjunto organizado de processos que visam o acompanhamento regulador de qualquer aprendizagem pretendida, e que incorporam , por isso mesmo a verificação da sua consecução.”

Hohmann e Weikart (2009, p.8), afirmam que avaliar “implica um espectro de tarefas que os profissionais levam a cabo para assegurar que observar as crianças, interagir com elas e planear para elas recebe toda a energia e atenção do adulto”.

De acordo com a Circular n.º4/DGIDC/DSDC/2011, (p.1) a avaliação na Educação Pré-Escolar “é um elemento integrante e regulador da prática educativa, em cada nível de

educação e ensino e implica princípios e procedimentos adequados às suas especificidades”.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009, p.27), “avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da ação para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo à sua evolução”.

Segundo a circular supracitada, a avaliação tem como finalidades:

- Contribuir para a adequação das práticas, tendo por base uma recolha sistemática de informação que permita ao educador regular a atividade educativa, tomar decisões, planear a ação;
- Refletir sobre os efeitos da ação educativa, a partir da observação de cada criança e do grupo de modo a estabelecer a progressão das aprendizagens;
- Recolher dados para monitorizar a eficácia das medidas educativas no Programa Educativo Individual (PEI);
- Promover e acompanhar processos de aprendizagem, tendo em conta a realidade do grupo e de cada criança, favorecendo o desenvolvimento das suas competências e desempenhos, de modo a contribuir para o desenvolvimento de todas e de cada uma;
- Envolver a criança num processo de análise e de construção conjunta, que lhe permita, enquanto protagonista da sua aprendizagem, tomar consciência dos progressos e das dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando;
- Conhecer a criança e o seu contexto, numa perspetiva holística, o que implica desenvolver processos de reflexão, partilha de informação e aferição entre os vários intervenientes – pais, equipa e outros profissionais – tendo em vista a adequação do processo educativo. (p.3)

A avaliação, para alguns autores, é somente concebida para os alunos e para os docentes, para outros existem mais entidades fundamentais.

Para a grande maioria dos docentes, avaliar é considerada uma tarefa difícil. Estes devem ser justos e coerentes, indo ao encontro das dificuldades de cada criança, para que possam encontrar sucesso.

Pais e Monteiro (2002) mencionam:

A dificuldade de avaliar advém sobretudo do facto de que, ao fazê-lo, estamos a emitir juízos de valor, a privilegiar saberes, maneiras de ser e de estar. Por muito objectiva que se queira a avaliação, ela dependerá sempre dos intervenientes, dos momentos e das situações concretas. (p.46)

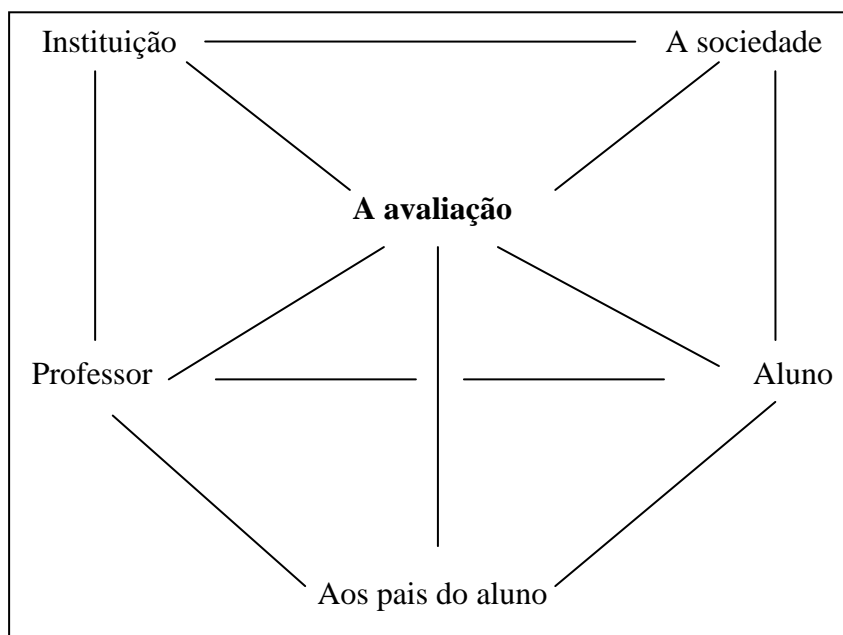
O educador de infância tem um papel crucial na Educação Pré-Escolar, apresentando como funções a observação, a organização, a planificação, a avaliação, entre outras.

O anexo n.º 1, do capítulo 2, do ponto 3, da alínea E, do Decreto-Lei n.º 241/2001 (perfil específico geral de desempenho profissional do educador de infância), salienta a

funcionalidade do educador quanto à avaliação, afirmando que este “avalia, numa perspetiva formativa, a sua intenção, o ambiente e os seus processos educativos, bem como o desenvolvimento e as aprendizagens de cada criança e grupo”.

No Quadro 10, segundo Barlow (2006, p.150), encontram-se todos os destinatários da avaliação (Fonte: Adaptado de Barlow (2006, p.150)).

Quadro 10 – Esquema sistemático dos destinatários da avaliação



Segundo este autor e de acordo com o que podemos observar através deste esquema presente no Quadro 10, os alunos, os educadores, os pais, a sociedade, as instituições tem um papel importante na avaliação.

Segundo Barlow (2006) a avaliação dirige-se:

Fundamentalmente ao aluno, de forma direta ou indireta, e apenas nesta condição ela é *formativa*, isto é, coloca-se ao serviço do seu desenvolvimento intelectual ... toda uma parte da avaliação escolar parece dirigir-se aos pais do aluno, por intermédio de boletins trimestrais, reuniões informativas ... a avaliação dos professores é um procedimento de observação e de interpretação dos efeitos do ensino, visando orientar as decisões necessárias ao bom funcionamento escolar. (p. 151)

De acordo as Orientações Curriculares de Educação Pré-Escolar (2009):

A avaliação realizada com as crianças é uma atividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a

desenvolver com cada criança. Neste sentido, a avaliação é suporte do planeamento. (p.27)

Segundo Barlow (2006), a avaliação da sociedade presta simbolizar a relação da avaliação como duplo sentido:

A avaliação informa a sociedade ... de uma forma mais ou menos direta, que ele terá um determinado papel social. Inversamente, a sociedade delegou esse poder de decisão aos avaliadores ... a avaliação que o professor avaliador “produz” repercute inevitavelmente na instituição escolar da qual ele depende. (p.151)

Para Fisher (2004, p.35), “a avaliação que é feita após o planeamento e a aprendizagem avalia não somente a aprendizagem das crianças, mas também a qualidade do ensino”.

Existem três tipos fundamentais de avaliação, a sumativa, no 1.º ciclo e dois tipos de avaliação na Educação Pré-Escolar, a diagnóstica e a formativa.

A avaliação diagnóstica realiza-se normalmente no início do ano letivo e consiste em observar e averiguar quais as opiniões e conhecimentos científicos que o aluno tem face às aprendizagens e ir ao encontro das suas dificuldades e interesses. É através deste tipo de avaliação que o educador começa a conhecer as crianças individualmente e em grupo.

De acordo com a circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011:

A avaliação diagnóstica no início do ano letivo, realizada pelo educador, tem em vista a caracterização do grupo e de cada criança. Com esta avaliação pretende-se conhecer o que cada criança e o grupo já sabem e são capazes de fazer, as suas necessidades e interesses e os seus contextos familiares que servirão de base para a tomada de decisões da acção educativa, no âmbito do projecto curricular de grupo. (p.4)

Ribeiro e Ribeiro (2003, p.342), declaram que “a avaliação diagnóstica tem como objetivo fundamental proceder a uma análise de conhecimentos e aptidões que o aluno deve possuir num dado momento para poder iniciar novas aprendizagens”.

Para Ferreira (2007, p.24), uma das principais finalidades da avaliação diagnóstica consiste “em determinar o grau de preparação do aluno antes de iniciar uma unidade de aprendizagem, já que determina o seu nível prévio e possibilita averiguar possíveis dificuldades, que possam ter no decorrer do processo de ensino-aprendizagem”.

Cortesão (2002, p.39), refere que “os dados fornecidos por esta avaliação não podem ser tornados como um rotulo que se cola para sempre ao aluno”.



A avaliação formativa é feita normalmente no dia a dia, da sala de aula e consiste em informar o educador sobre os resultados das aprendizagens atingidos pelos alunos, durante as atividades. Com este tipo de avaliação, o educador de infância, consegue verificar se os seus objetivos foram alcançados com sucesso pelos alunos.

Na opinião de Ferreira (2007, p.146), a avaliação formativa é “um procedimento de recolha e análise de informações acerca do processo de aprendizagem, realizada a partir de critérios previamente estabelecidos.”

A avaliação sumativa não é praticada na educação pré-escolar. Esta consiste na classificação de todas as atividades, normalmente, aplica-se apenas no final de cada período e de cada ano letivo, nos ciclos do Ensino Básico.

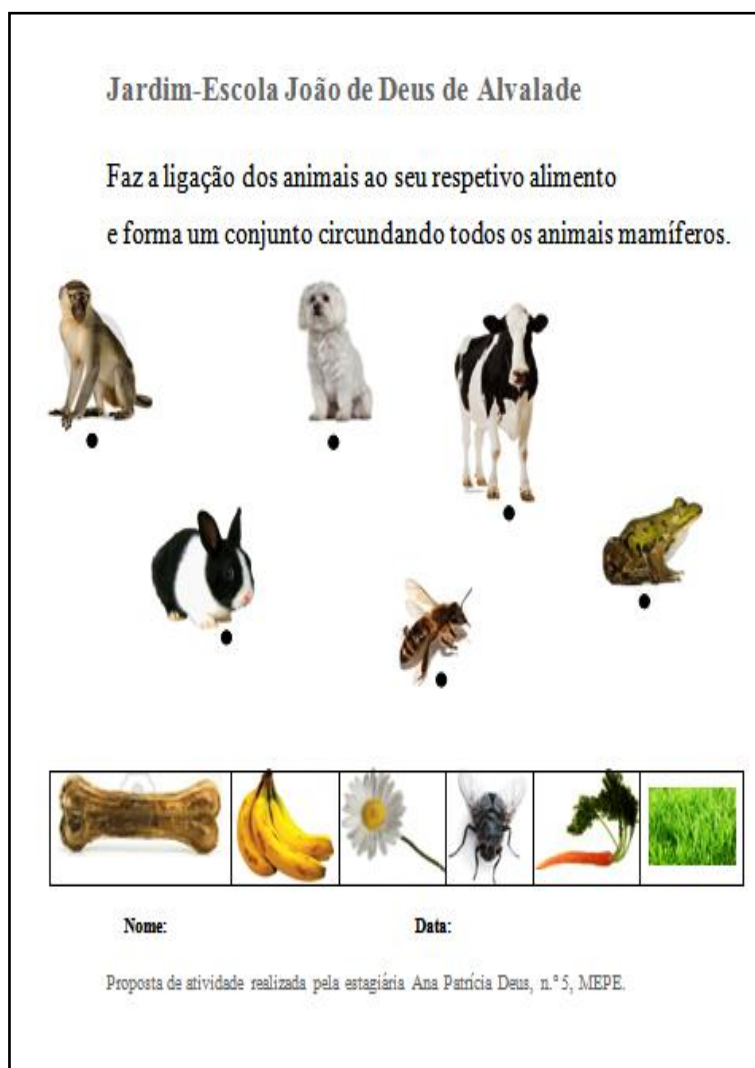
Nos procedimentos de avaliação que desenvolvi, recorri a uma escala, baseada na Escala de Likert, de 1 a 5, apresentando os seguintes parâmetros:

- Fraco (de 0 a 2,9 valores)
- Insuficiente (de 3 a 4,9 valores)
- Suficiente (de 5 a 6,9 valores)
- Bom (de 7 a 8,9 valores)
- Muito bom (de 9 a 10 valores)

### **3.3. Avaliação da atividade da Área de Conhecimento do Mundo**

A atividade da Área de Conhecimento do Mundo (Quadro 11), foi realizada no dia 7 de maio de 2012. Desta turma, composta por 30 elementos, todos efetuaram esta tarefa.

A proposta de atividade consistia em fazer a correspondência dos animais com a respetiva alimentação e formar um conjunto circundando todos os animais mamíferos.



### 3.3.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações

Nesta atividade estabeleci três parâmetros de avaliação.

No primeiro parâmetro pretende-se que as crianças identifiquem a alimentação dos animais apresentados. Se a criança uniu corretamente todos os animais ao seu alimento terá uma cotação de 4,5 valores. No caso da criança que der uma resposta incompleta, unindo entre 4 a 5 animais ao seu alimento terá uma cotação de 3,5 valores, já a criança que unir apenas 1 a 3 animais terá uma cotação de 2 valores. Se esta parte da atividade estiver em branco, a criança terá uma cotação de 0 valores.

O segundo parâmetro refere-se à apresentação. Se a criança apresentar a sua proposta de atividade cuidada e limpa terá uma cotação de 1,5. Caso contrário terá uma cotação de 0 valores.

O terceiro parâmetro denominado por identificação dos mamíferos, consiste em identificar os animais pertencentes à classe dos mamíferos e circundá-los. Caso a criança circunde corretamente todo o conjunto terá uma cotação de 4 valores. Caso o conjunto se encontre incompleto terá metade da cotação, apenas com 2 valores. Se não efetuar o conjunto terá uma cotação de 0 valores.

Em baixo apresento o Quadro 12, com os parâmetros, critérios e respectivas cotações que propus para esta proposta de atividade.

Quadro 12 – Parâmetros, critérios e cotações da proposta de atividade de Conhecimento do Mundo

Parâmetros	Crítérios	Cotações
Identificação da alimentação dos animais apresentados	Uniu todos os animais corretamente ao seu alimento	4,5
	Uniu entre 1 a 3 animais corretamente ao seu alimento	2
	Uniu entre 4 a 5 animais corretamente ao seu alimento	3,5
	Não uniu nenhum animal ao seu alimento	0
Apresentação	Apresentação cuidada e limpa	1,5
	Apresentação descuidada e suja	0
Identificação dos mamíferos	Circundou corretamente todo o conjunto	4
	Circundou o conjunto incompleto	2
	Não circundou o conjunto	0

### 3.3.2. Grelha de avaliação

Quadro 13 – Grelha dos resultados da atividade de Conhecimento do Mundo

Alunos	Parâmetros e critérios									Total
	Identificação da alimentação dos animais apresentados				Apresentação		Identificação dos mamíferos			
	Uniu todos os animais corretamente ao seu alimento	Uniu entre 1 a 3 animais corretamente ao seu alimento	Uniu entre 4 a 5 animais corretamente ao seu alimento	Não uniu nenhum animal ao seu alimento	Apresentação cuidada e limpa	Apresentação descuidada e suja	Circundou corretamente todo o conjunto	Circundou o conjunto incompleto	Não circundou o conjunto	
1	4,5				1,5		4			10
2	4,5				1,5		4			10
3			3,5		1,5				0	5
4			3,5			0			0	3,5
5			3,5		1,5		4			9
6	4,5				1,5				0	6
7	4,5				1,5		4			10
8	4,5				1,5		4			10
9	4,5				1,5		4			10
10			3,5		1,5			2		7
11	4,5				1,5		4			10
12			3,5			0			0	3,5
13		2			1,5		4			7,5
14	4,5				1,5		4			10
15	4,5				1,5		4			10
16	4,5				1,5		4			10
17	4,5					0			0	4,5
18			3,5			0	4			7,5
19	4,5				1,5		4			10
20	4,5				1,5		4			10
21			3,5		1,5		4			9
22	4,5				1,5				0	6
23	4,5				1,5				0	6
24	4,5					0		2		6,5
25	4,5				1,5		4			10
26	4,5				1,5		4			10
27	4,5					0	4			8,5
28			3,5			0	4			7,5
29	4,5				1,5				0	6
30	4,5				1,5		4			10

### 3.3.3. Descrição da grelha de avaliação

Ao observar a grelha de avaliação pode-se concluir que, em relação ao parâmetro da identificação da alimentação dos animais apresentados, 21 elementos da turma uniram todos os animais corretamente ao seu alimento, 1 elemento uniu entre 1 a 3 animais, 8 elementos uniram entre 4 a 5 animais e não houve nenhum elemento a não identificar nenhum.

Relativamente ao parâmetro da apresentação, observa-se que 23 crianças tem uma apresentação cuidada e limpa e apenas 7 crianças tiveram uma apresentação mais descuidada e suja.

Por fim, no parâmetro da identificação dos mamíferos, conclui-se que 20 crianças circundaram corretamente todo o conjunto, 2 crianças circundaram o conjunto incompleto e 8 crianças não circundaram o conjunto.

A média aritmética das classificações da turma relativamente à realização deste dispositivo de avaliação arredondada é de 8 valores. Metade da turma conseguiu atingir a cotação máxima de 10 valores, respondendo acertadamente a todas as questões. Contudo, a cotação mais baixa foi de 3,5 valores.

### 3.3.4. Apresentação dos resultados em gráfico

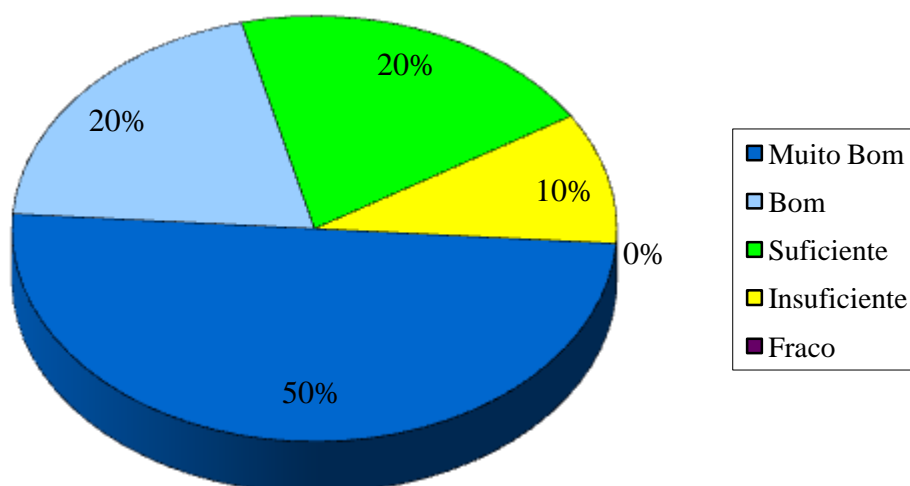


Figura 31 – Gráfico dos resultados da atividade de Conhecimento do Mundo

### **3.3.5. Análise dos gráficos**

Ao observar este gráfico circular, a percentagem que mais se destaca é a de 50%, que diz respeito à classificação de Muito Bom. Nesta percentagem engloba-se metade da turma, com 15 crianças. Com a mesma percentagem de 20% encontra-se a classificação de Bom e de Suficiente, que engloba 6 crianças. Como classificações negativas, pode-se observar através do gráfico que 10%, equivalente a 3 crianças, tiveram classificação de Insuficiente.

É de referir que destas três crianças, a 4 e 12 uniram poucos animais aos seus alimentos, já a 17 diferencia-se por os ter unido corretamente a todos. Relativamente aos parâmetros apresentação e identificação dos mamíferos, estas crianças apresentaram a proposta de atividade de forma suja e descuidada e não circundaram o conjunto.

Para obter melhores resultados nesta atividade, considero pertinente trabalhar mais exercícios sobre a alimentação dos animais e as diversas classes, de modo a que todos ultrapassem as suas dificuldades.

### **3.4. Avaliação da atividade da Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita**

A atividade da Área de Expressão e Comunicação, do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (Quadro 14), foi realizada no dia 5 de junho de 2012. Desta turma, composta por 27 elementos, apenas 1 criança não a efetuou.

Pode-se considerar que esta atividade estava dividida em duas partes.

Na primeira, as crianças tinham de identificar as letras retiradas do interior de um saco e conforme estas fossem saindo, circundá-las na proposta de atividade. De seguida, as crianças tinham que escrever uma palavra, utilizando todas as letras circundadas.

A segunda parte consistia em descobrir na sopa de letras as palavras “*plantas carnívoras*”.

**Jardim-Escola João de Deus de Alvalade**

1. Ouve e vê com atenção as letras retiradas do interior do saco.

1.1. Quando saírem letras expostas no retângulo em baixo, circunda-as com lápis.

o	s
p	a

1.2. Descobre e escreve a palavra (com letras móveis e com lápis), utilizando todas as letras.

\_\_\_\_\_

2. Encontra as palavras “plantas carnívoras” na sopa de letras e circunda-as.

p	l	a	p	l	a	n	t	a	s
a	c	r	d	g	p	d	q	s	r
c	a	r	n	i	v	o	r	a	s
i	a	e	o	c	a	r	n	i	v

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Proposta de atividade realizada pela catagária Ana Patrícia Deus, n.º 5, MEPE.

### 3.4.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações

Nesta atividade estabeleci três parâmetros de avaliação.

No primeiro parâmetro pretende-se que as crianças observem e identifiquem as letras móveis retiradas do interior do saco. Se a criança identificar todas as letras móveis presentes no cartão, corresponde a uma cotação de 4 valores. No caso de a criança identificar apenas entre uma a três letras móveis tem uma cotação de 2 valores. Caso não identifique nenhuma letra móvel tem uma cotação de 0 valores.

O segundo parâmetro refere-se à caligrafia e engloba diferentes critérios. Se a criança escreveu corretamente a palavra, terá uma cotação de 5 valores. Caso a criança tenha escrito a palavra, mas com um ou mais erros ortográficos, ser-lhe-á atribuída uma cotação de 2,5 valores. Por sua vez, se a criança não escreveu a palavra receberá uma cotação de 0 valores. Relativamente à apresentação da caligrafia, se a criança apresentar

uma caligrafia cuidada será cotada com 1,5. Caso apresente uma caligrafia descuidada será cotada apenas com 0,5 valores.

O terceiro parâmetro denominado por sopa de letras consiste em identificar e circundar as palavras “*plantas carnívoras*”. Caso a criança encontre e circunde corretamente as palavras ser-lhe-á atribuída a cotação de 1 valor. Por sua vez, se a criança não encontrar, nem circundar as palavras ser-lhe-á atribuída a cotação de 0 valores.

De seguida, apresento o Quadro 15 com os parâmetros, critérios e respetivas cotações que propus para esta proposta de atividade.

Quadro 15 – Parâmetros, critérios e cotações da proposta de atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros	CrITÉrios	Cotações
Identificação de letras móveis	Identificou todas as letras móveis	3
	Identificou uma a três letras móveis	2
	Não identificou nenhuma das letras móveis	0
Caligrafia	Escreveu corretamente a palavra	4
	Escreveu a palavra com um ou mais erros ortográficos	2.5
	Não escreveu a palavra	0
	Caligrafia cuidada	1
	Caligrafia descuidada	0.5
Identificação das palavras “ <i>plantas carnívoras</i> ”	Encontrou e circundou as palavras	2
	Não encontrou, nem circundou as palavras	0
Total		10



### 3.4.2. Grelha de avaliação

Quadro 16 – Grelha dos resultados da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Alunos	Parâmetros e critérios										Total
	Identificação de letras móveis			Caligrafia					Identificação das palavras “ <i>Plantas carnívoras</i> ”		
	Identificou todas	Identificou uma a três	Não identificou	Escreveu corretamente a palavra	Escreveu a palavra com um ou mais erros ortográficos	Não escreveu a palavra	Caligrafia cuidada	Caligrafia descuidada	Identificou e circundou	Não identificou, nem circundou	
1		2				0			2		4
2	3			4			1		2		10
3	3				2.5		1		2		8.5
4	3			4			1		2		10
5	3			4			1		2		10
6	3			4			1		2		10
7	3			4			1		2		10
8		2				0			2		4
9	3			4			1		2		10
10	3			4			1		2		10
11	3			4				0.5	2		9.5
12	3			4			1		2		10
13	3			4			1		2		10
14	3			4			1		2		10
15	3			4			1		2		10
16		2			2.5			0.5	2		7
17	3			4			1		2		10
18	3			4			1		2		10
19	3			4			1		2		10
20	3			4			1		2		10
21	3			4			1		2		10
22	3			4			1		2		10
23	3				2.5			0.5	2		8
24	3				2.5			0.5		0	6
25	3			4			1		2		10
26	3			4			1		2		10

### 3.4.3. Descrição da grelha de avaliação

Ao observar a grelha de avaliação pode-se concluir que, em relação ao parâmetro da identificação de letras móveis, 23 elementos da turma identificaram todas as letras e apenas 3 elementos identificaram entre uma a três letras.

Relativamente ao parâmetro da caligrafia, observa-se que 20 crianças escreveram corretamente a palavra, 4 crianças escreveram a palavra com um ou mais erros ortográficos e 2 delas não escreveram nada. Observa-se também que 22 crianças apresentaram uma caligrafia cuidada e apenas 4, uma caligrafia um bocadinho descuidada.

Por fim, no parâmetro da identificação das palavras “*plantas carnívoras*” conclui-se que 25 crianças identificaram e circundaram corretamente as palavras e apenas 1 não o conseguiu.

A média aritmética das classificações da turma relativamente à realização deste dispositivo de avaliação arredondada é de 9 valores. A maioria dos elementos da turma conseguiu atingir a cotação máxima de 10 valores, respondendo acertadamente a todas as questões. A cotação mais baixa foi de 4 valores.

### 3.4.4. Apresentação dos resultados em gráfico

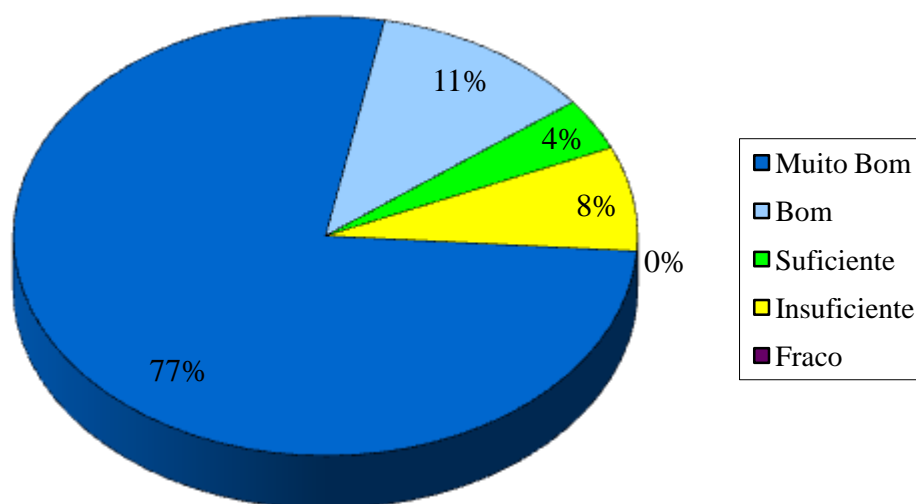


Figura 32 – Gráfico dos resultados da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

### **3.4.5. Análise dos gráficos**

Ao observar este gráfico circular, a percentagem que mais se destaca é de 77%, que diz respeito à classificação das crianças que obtiveram Muito Bom. Nesta percentagem engloba-se a maior parte da turma, com 20 crianças. Segue-se a percentagem de 11%, englobando 3 crianças dizendo respeito à classificação de Bom. Apenas uma criança atingiu a classificação de Suficiente estando por isso incluída nos 4% do gráfico. Como classificações negativas, pode-se observar através do gráfico que 8%, englobando 2 crianças, tiveram classificação de Insuficiente.

É de notar que as duas crianças obtiveram classificação negativa, no parâmetro de caligrafia, que é exatamente o que apresenta uma maior cotação.

Considero apropriado, trabalhar mais a caligrafia para ajudar a turma em próximas atividades. Em relação a estas crianças poderia ter-lhes prestado auxílio individualmente.

### **3.5. Avaliação da atividade da Área de Expressão e Comunicação, do Domínio da Matemática**


Esta proposta de atividade do Domínio da Matemática (Quadro 17), foi realizada no dia 15 de maio de 2012. Desta turma, composta por 27 elementos, apenas 21 efetuaram a proposta de atividade. As restantes crianças não se encontravam presentes neste dia.

Esta proposta de atividade consistia na realização de uma situação problemática.

Quadro 17 – Proposta de atividade do Domínio da Matemática

**Jardim-Escola João de Deus**  
**Alvalade**

Estava meia dezena de borboletas na flor azul. Nas outras duas flores, estavam também a mesma quantidade de borboletas.  
Quantas borboletas estavam no total nas três flores?




Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Proposta de atividade realizada pela estagiária Ana Patrícia Deus, n.º 5, MEPE

### 3.5.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações

Nesta atividade estabeleci três parâmetros de avaliação.

O primeiro parâmetro diz respeito à interpretação da situação problemática. Se a criança escrever corretamente a indicação, tem uma cotação de 4 valores. No caso da criança escrever a indicação incompleta, tem metade da cotação, 2 valores. Caso não escreva a indicação, tem um cotação de 0 valores.

Relativamente ao segundo parâmetro, que se refere à operação aritmética, se a criança apresentar a operação corretamente, tem uma cotação de 4 valores. Caso a criança apresente a operação incompleta tem metade da cotação, 2 valores. Caso não apresente a operação tem um cotação de 0 valores.

O terceiro e último parâmetro diz respeito à apresentação. Se a criança colocar os algarismos dentro das quadriculas tem uma cotação de 2 valores. Caso não os coloque tem um cotação de 0 valores.

Em baixo apresento o Quadro 18 com os parâmetros, critérios e respectivas cotações que propus para esta proposta de atividade.

Quadro 18 – Parâmetros, critérios e cotações da atividade do Domínio da Matemática

Parâmetros	Critérios	Cotações
Interpretação da situação problemática	Escreveu corretamente a indicação	4
	Escreveu a indicação incompleta	2
	Não escreveu a indicação	0
Operação aritmética	Apresenta a operação corretamente	4
	Apresenta a operação incompleta	2
	Não apresenta a operação	0
Apresentação	Colocou os algarismos dentro das quadriculas	2
	Não colocou os algarismos dentro das quadriculas	0.5
Total		10

### 3.5.2. Grelha de avaliação

Quadro 19 – Grelha dos resultados da atividade do Domínio da Matemática

Alunos	Parâmetros e critérios								Total
	Interpretação da situação problemática			Operação aritmética			Apresentação		
	Escreveu corretamente a indicação	Escreveu a indicação incompleta	Não escreveu a indicação	Apresenta a operação corretamente	Apresenta a operação meia certa	Não apresenta a operação	Colocou os algarismos dentro das quadriculas	Não colocou os algarismos dentro das quadriculas	
1		2		4			2		8
2	4			4			2		10
3		2			2			0,5	4,5
4	4			4			2		10
5	4			4			2		10
6	4			4			2		10
7	4			4			2		10
8	4			4			2		10
9	4			4				0,5	8,5
10	4				2		2		8
11	4			4			2		10
12	4			4			2		10
13	4			4				0,5	8,5
14		2		4			2		8
15	4			4				0,5	8,5
16	4			4			2		10
17	4			4			2		10
18	4			4				0,5	8,5
19	4			4				0,5	8,5
20	4			4			2		10
21		2		4			2		8

### 3.5.3. Descrição da grelha de avaliação

Ao observar a grelha de avaliação pode-se concluir que em relação ao parâmetro da interpretação da situação problemática, 17 elementos da turma escreveram corretamente a indicação, 4 elementos escreveram a indicação incompleta e não houve nenhum elemento a não escrever.

Relativamente ao parâmetro da operação aritmética, observa-se que 19 crianças apresentaram corretamente toda a operação, 2 crianças apresentaram a operação com alguns lacunas, mas não houve nenhuma que a deixasse em branco.

Por fim, no parâmetro da apresentação conclui-se que 15 crianças escreveram os algarismos dentro das quadrículas e 6 que escreveram os algarismos fora das quadrículas.

A média aritmética das classificações da turma relativamente à realização deste dispositivo de avaliação arredondada é de 9 valores. A maioria dos elementos da turma conseguiu atingir a cotação máxima de 10 valores respondendo acertadamente a todas as questões. A cotação mais baixa foi de 4,5 valores.

#### 3.5.4. Apresentação dos resultados em gráfico

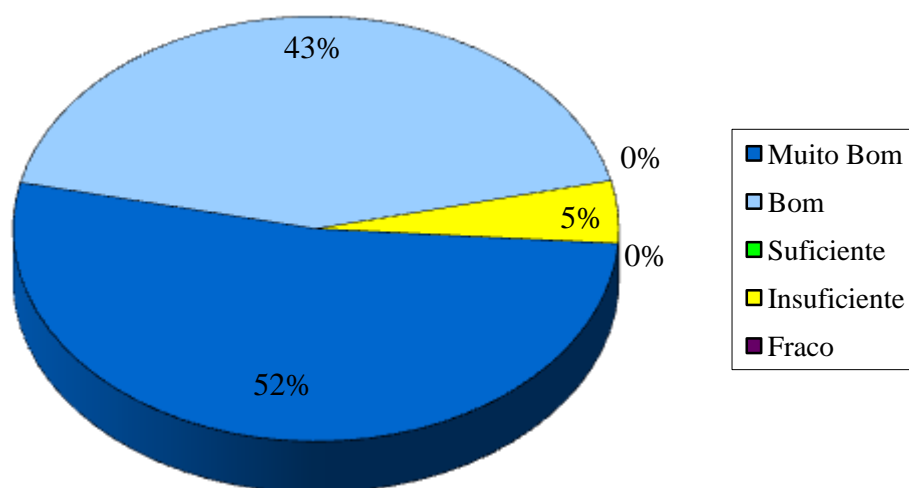


Figura 33 – Gráfico dos resultados da atividade do Domínio da Matemática

#### 3.5.5. Análise dos gráficos

Ao observar este gráfico circular, a percentagem que mais se destaca é de 52%, que diz respeito à classificação de Muito Bom. Nesta percentagem engloba-se a maior parte da turma, com 11 crianças. Segue-se a percentagem de 43%, englobando 9 crianças dizendo respeito à classificação de Bom. Nenhuma criança atingiu a classificação de Suficiente. Como classificações ne

gativas, pode-se observar através do gráfico, que apenas 1 criança teve classificação de Insuficiente representando os 5% do total de crianças.

Ao distribuir a proposta de atividade, exemplifiquei com outros dados o que era pretendido utilizando material de auxílio. Ao longo da atividade, verifiquei que seria mais

fácil para os alunos se cada um deles tivesse o seu próprio material, em vez de ser eu a utilizá-lo para a demonstração no quadro.



## REFLEXÃO FINAL

### Considerações finais

No decorrer do curso de Educação Pré-Escolar, tive oportunidade de fazer vários estágios, em diferentes lugares, com diferentes valências, tendo contato com diferentes realidades educativas.

Segundo Campos (citado em Pereira e Galeão, 2003, p.7), “a prática pedagógica é ... especialmente relevante para que a preparação assegurada por estes cursos se adequue às exigências do desempenho profissional”.

Os estágios, ao longo do percurso escolar, foram ficando cada vez mais exigentes. Considero que todos foram de extrema relevância, através dos quais realizei aprendizagens constantes; no entanto, o estágio profissional I e II foi o que mais nos permitiu chegar perto da realidade profissional.

No decorrer deste último estágio, observei as aulas das educadoras, assim como os comportamentos das crianças. Assisti ao modo como as educadoras programam as suas aulas, o modo como lidam com as crianças, o modo como organizam as várias atividades do dia. Foram bons modelos, através dos quais me posso inspirar, enquanto futura profissional de Educação.

Em cada momento de estágio, organizei atempadamente as planificações e executei duas aulas avaliadas pelas educadoras da sala, e uma aula avaliada por uma professora da equipa de prática. Também me deparei com duas aulas surpresa que, por motivo de ansiedade e nervosismo, contribuíram para uma má prestação.

De acordo com Jacinto (2003, p.27), salienta que “o estágio pedagógico é um dos elementos fundamentais na formação dos professores-estagiários. Nesta perspectiva, reconhece-se a importância do processo de orientação e, particularmente, o papel desempenhado pelo orientador ... no desenvolvimento profissional do professor em formação.”

Considero que as opiniões e incentivos, tanto por parte das educadoras, como por parte das orientadoras, foram de extrema relevância para a minha evolução enquanto estagiária.

Ao longo do estágio, tive alguns momentos menos bons, que me levaram a fraquejar e a desmotivar, contribuindo para o insucesso de algumas aulas. Não posso deixar de referir, que tive bastante apoio por parte de amigos, colegas, educadoras, orientadora de estágio e familiares, todos foram incansáveis.

Todos estes acontecimentos fizeram-me crescer, tanto a nível profissional como pessoal, ganhando uma maior autoestima, fazendo-me crer que se eu acreditar em mim, consigo alcançar os meus sonhos.

### **Limitações**

No decorrer do estágio profissional, deparei-me com alguns aspetos limitativos.

O principal esteve associado à disponibilidade dos livros na biblioteca da ESEJD, que muitas vezes se encontravam requisitados por outras colegas.

Contudo, tentei contornar este problema, deslocando-me a outras locais, entre os quais, o Centro de Documentação e Informação em Educação da Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular e à Biblioteca Municipal de Sintra.

### **Novas pesquisas**

A Educação é uma área que se encontra em constante mudança, como tal, após a entrega e defesa do relatório de estágio profissional, tenciono continuar a pesquisar, mantendo-me sempre informada das atualidades.

Até porque não tenciono que o meu percurso académico termine aqui. Desde pequena, que tenho uma grande vontade de aprender linguagem gestual. Tenciono tirar um outro curso de especialização de crianças com Necessidades Educativas Especiais, para que caso, como futura educadora me depare com estes casos na minha turma, consiga lidar com as crianças da melhor maneira possível.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aguera, I. (2008). *Brincar e aprender na primeira infância – Actividades, rimas e brincadeiras para a educação de infância*. Lisboa: Papa Letras.
- Alarcão, I. (org). (1996). *Formação reflexiva de professores; estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.
- Antunes, C. (2003). *Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Azevedo, F. (2000). *Ensinar e aprender a escrever através e para além do erro*. Porto: Porto Editora.
- Baganha, F. & Costa, I. (1989). *Lutar para dar um sentido à vida*. Lisboa: Edições ASA.
- Barlow, M. 2006. *Avaliação escolar. Mitos e realidades*. Porto Alegre: Artmed editora S.A.
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa: Editora Gradiva.
- Brickman, N. A. & Taylor, L. S. (1996). *Aprendizagem activa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cachapuz, A., Praia, J., Jorge, M. (2002). *Ciência, educação em ciência e ensino das ciências*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Caldeira, M. F. (2009a). *A importância dos materiais para uma aprendizagem significativa da matemática*. Dissertação de doutoramento inédita. Málaga. Universidad de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.
- Caldeira, M. F. (2009b). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Circular n.º4/DGIDC/DSDC/2011, de 11 de abril.
- Circular n.º 17/DSDC/ DEPEB/2007

- Correia, J. & Matos, M. (2003). *Disciplina e violência: algumas reflexões introdutórias*. In J. Correia & M. Matos (eds.). *Violência e violências da e na escola*. Porto: Edições Afrontamento.
- Decreto-Lei n.º 5/1997 de 10 de Fevereiro.
- Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de Agosto
- Deus, M. L. (1997). *Guia prático da cartilha maternal*. Coimbra: Associação de Jardins-Escolas João de Deus.
- Duhalde, M. & Cuberes, M. (1998). *Encontros iniciais com a matemática – Contribuições à educação infantil*. São Paulo: Artmed.
- Estrela, A. (1986). *Teoria e prática de observação de classes – Uma estratégia de Formação de Professores*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Fernandes, D. (2005). *Avaliação das aprendizagens: desafios às teorias, práticas e políticas*. Lisboa: Texto Editores.
- Ferreira, C. A. (2007). *A avaliação no quotidiano da sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Fisher, J. (2004). *A relação entre o planeamento e a avaliação*. In T. Vasconcelos (Ed.), *Manual do desenvolvimento curricular para a educação de infância*. Lisboa: Texto Editora.
- Fontes, V., Botelho, M. L. & Sacramento, M. (s.d.). *A criança e o livro*. Lisboa: Livros horizonte.
- Gesell, A. (2000). *A criança dos 0 aos 5 anos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- George, F. (2012). *Programa nacional para a diabetes e programa nacional de saúde escolar*. Lisboa: Orientação da Direção-Geral da Saúde.
- Gordon, E. (2000). *Teoria de aprendizagem musical – Competências, conteúdos e padrões*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohmann, M., Banet, B. & Weikart, D. (1984). *A criança em acção*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Hohmann, M. & Weikart, D. (2009). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jacinto, M. (2003). *Formação inicial de professores – Concepções e práticas de orientação*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Kishimoto, T. (2000). *Jogos infantis. O jogo, a criança e a educação*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Marques, R. (1988). *Ensinar a ler, aprender a ler*. Lisboa: Texto Editora.
- Martins, I. P., Veiga, M. L., Teixeira, F., Tenreiro-Vieira, C., Vieira, R. M., Rodrigues, A. V., Couceiro, F. & Pereira, S. J. (2009). *Despertar para a ciência: actividades dos 3 aos 6*. Lisboa: Ministério da Educação & Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Matos, J. M. & Serrazina, M. L. (1996). *Didática da matemática*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Mendonça, M. (1997). *A educadora de infância. Traço de união entre a teoria e a prática*. Lisboa: Edições ASA.
- Ministério da Educação. (2009). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Niza, S. (coord.) (1998). *Criar o gosto pela escrita. Formação de professores*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Oliveira, T. (1991). *Didática da biologia*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Pacheco, J. (1995). *Formação de professores: Teoria e praxis*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia – Universidade do Minho.
- Pacheco, J. (1999). *Componentes do processo de desenvolvimento do currículo*. Braga: Livraria Minho.
- Pais, A., & Monteiro, M. (2002). *Avaliação uma prática diária*. Lisboa: Editorial Presença.

- Parafita, A. (1999). *A comunicação e a literatura popular*. Lisboa: Coleção Plátano Universitária.
- Pedro, E. (1992). *O discurso na aula*. Lisboa: Caminho.
- Pereira, J. & Lopes, M. (2007). *Fantoches e outras formas animadas no contexto educativo*. Amarante: Edição Intervenção – Associação para a promoção e divulgação cultural.
- Pereira, P. C. & Galeão, T. F. (2003). *Experiências de terreno na formação inicial de professores. Dissertação de mestrado inédita*. Departamento de Ciências da Educação. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
- Pérez, M. R. (s.d.). *Desenho curricular de aula como modelo de aprendizagem-ensino*. Madrid: Comunicação apresentada no Seminário Internacional I.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Editora Grávida.
- Reis, P. (2008). *A relação entre pais e professores – Uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Dissertação de doutoramento inédita. Universidad de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación
- Ribeiro, A. & Ribeiro, L. (1989). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ribeiro, A. & Ribeiro, L. (2003). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Roldão, M. d. (2008). *Gestão do currículo e avaliação de competências - As questões dos professores*. Barcarena: Editorial Presença.
- Ruivo, I. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus – Apresentação de um suporte interativo de leitura*. Dissertação de doutoramento inédita. Universidad de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.
- Sanches, I. (2001). *Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula*. Porto: Porto Editora.

- Spodek , B. (2010). *Manual de investigação em educação de infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Zabalza, M. A. (1994a). *Diários de aula. Contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores*. Porto: Porto Editora.
- Zabalza, M. A. (1994b). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: Porto Editora.

#### **Sites consultados:**

- Metas de aprendizagem de educação pré-escolar – conhecimento do mundo. Recuperado em 2012, maio 14 de   
<http://metasdeaprendizagem.dge.mec.pt/educacao-pre-escolar/metad-aprendizagem/metad/?area=42&levem=1>
- *Una nueva forma de planificación en el aula: el modelo T*. Recuperado em 2012, junho 2 de   
<http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=Martiniano+Perez.+Una+nueva+forma+d+e+planificaci%C3%B3n+en+el+aula:+el+modelo+T&source=web&cd=2&cad=rja&ved=0CC4QFjAB&url=http%3A%2F%2Fbibliotecavirtual.educared.org%2Findex.php%2Fsite%2Fdefault%2Fdetalle%2Fid%2F00000000063%2Fun-nueva-forma-de-planificacion-en-el-aula-el-modelo-t&ei=XG0MUamOPMWJhQfipoD4Dg&usg=AFQjCNEma0NHac1Xms9pjXSwbITaYfGaZw>